

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**EXTRATERRESTRES:**  
**CIÊNCIA E PENSAMENTO MÍTICO NO MUNDO MODERNO**

**DANIEL PÍCARO CARLOS**

**São Carlos**

**2007**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C284ec

Carlos, Daniel Pícaro.

Extraterrestres : Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno / Daniel Pícaro Carlos. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

155 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Antropologia. 2. Antropologia da ciência. 3. Ufologia. 4. Exobiologia. 5. Estruturalismo. 6. Mito. I. Título.

CDD: 306 (20<sup>a</sup>)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

*DANIEL PÍCARO CARLOS*

19/12/2007

---

Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner  
Orientador e Presidente  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani  
Universidade de São Paulo (USP)

Lembro-me que há alguns anos atrás, uns 15 talvez, meu avô vivia repetindo, no que dizia respeito a um certo livro em sua estante: - “Algum dia, quando você for mais velho, lhe darei isto para ler...”.

Minha curiosidade, que normalmente não costuma ser pequena, se atiçava imaginando o porquê meu avô teria tanta cautela em esperar até que eu crescesse antes de me dar o tal livro, cujo conteúdo se apresentava ainda mais misterioso, oculto sob uma encadernação em papel jornal.

Tempos depois de sua morte, acabei recorrendo ao misterioso livro, cuja primeira página revelava um título provocador, pensado em forma de pergunta: “Eram os deuses astronautas?”

Hoje, depois de lê-lo acho que sei o motivo da cautela de meu avô. Imagino que ele não queria que uma criança tivesse sua fé abalada. Só não sei se minha fé na religião, ou se minha fé na Ciência.

Vô, dedico este trabalho ao senhor.

## ÍNDICE

|  |                 |
|--|-----------------|
| <b>“PRÓLOGO”</b>   | <b>Pág. 5</b>   |
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>Pág. 7</b>   |
| <b>PRIMEIRA PARTE</b>  |                 |
| <b>A “Ufoarqueologia”: Apresentando algumas questões</b>   | <b>Pág. 23</b>  |
| <b>A Ufologia Científica: Pensando os discos-voadores no presente</b>                                    | <b>Pág. 45</b>  |
| <b>O “ET de Varginha”: A (re)construção de um fato ufológico</b>   | <b>Pág. 60</b>  |
| <b>Em busca da Legitimidade</b>  | <b>Pág. 78</b>  |
| <b>SEGUNDA PARTE</b>   |                 |
| <b>A Ufologia Mística: Uma “outra” forma de entender o fenômeno OVNI</b>                                 | <b>Pág. 91</b>  |
| <b>Os terráqueos e as Ligas Intergalácticas: a lógica dos sincretismos</b>                               | <b>Pág. 107</b> |
| <b>TERCEIRA PARTE</b>  |                 |
| <b>Repensando a Ufologia ou</b><br><b>N = R x Fp x Ne x Fl x Fi x Fc x L: A “Ciência” frente ao mito</b> | <b>Pág. 117</b> |
| <b>CONSTRUINDO UMA CONCLUSÃO</b>   | <b>Pág. 137</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>  | <b>Pág. 152</b> |

*A antropologia das sociedades complexas teve o inestimável mérito de mostrar que o “periférico” e o “marginal” eram parte constitutiva da realidade sociocultural do mundo urbano-moderno, desmontando assim a auto-imagem do Ocidente como império da razão (...) Mas o próximo passo é analisar essas realidades mais ou menos imaginárias que, de início, empenhamo-nos em deslegitimar. Não é mais tão necessário deslegitimar essas coisas; agora o que é preciso é estudar seu funcionamento.*

(Eduardo Viveiros de Castro)

## “PRÓLOGO”

Na ensolarada tarde de 24 de junho de 1947, Kenneth Arnold, respeitável comerciante, pilotava seu monomotor a quase 3 mil metros acima das montanhas Cascade, Washington. Arnold era um experiente piloto de busca e salvamento; possuía mais de 4 mil horas de vôo e conhecia muito bem a região que sobrevoava.

Durante o vôo, repentinamente, percebeu um forte flash, um clarão branco azulado relativamente próximo ao avião. Seu primeiro reflexo foi pensar que se tratasse de uma explosão, o que o fez esperar pelo impacto e pelo estrondo que deveriam se seguir.

Os segundos foram se passando. Nada. Arnold olhou para o relógio no painel de instrumentos: quase três da tarde. Nada no céu, em qualquer direção que olhasse. Em seu depoimento, o piloto, posteriormente, declarou:

“O único avião que avistei foi um DC-4, muito distante para trás e à minha esquerda...” (Cave & Foreman, 1992, 36).

Nesse meio tempo, o avião de Arnold foi iluminado por outro clarão. Desta vez, o piloto pôde ver que a luz vinha do Norte, bem à frente do aparelho que pilotava. Ao olhar para essa direção pôde perceber, à grande distância, nove objetos cintilantes que voavam a enorme velocidade e muito próximos uns dos outros; como que “brincando”, davam “rasantes” sobre o topo das montanhas.

Arnold chegou a relatar a dificuldade de se precisar a distância que o separava dos *objetos voadores não identificados*, e acrescentara que vez por outra alguns deles, ao “mergulharem” no vazio, refletiam os raios do sol em suas superfícies muito lisas.

Nosso personagem estimou as envergaduras dos objetos em aproximadamente 15 metros, e tentou calcular suas velocidades, procedendo do seguinte modo, como nos narra uma reconstituição do acontecimento:

“Quando o primeiro objeto passou zunindo sobre o monte Rainier seu relógio assinalava exatamente 1 minuto para as 3h00. Quando o último ultrapassou a crista do monte Adams, o tempo decorrido era um minuto e

quarenta e dois segundos. Arnold verificou no mapa: os picos estavam a 75 quilômetros um do outro. Fez os cálculos. A velocidade era de cerca de 2.700 quilômetros por hora, quase três vezes mais depressa que qualquer jato conhecido por ele” (*idem, ibidem*, 36).

Ao aterrissar em Yakima, cerca de uma hora depois, Kenneth Arnold narrou seu avistamento para Al Baxter, gerente da Central Aircraft, que chamou alguns de seus pilotos para que também ouvissem o relato. Pouco depois Arnold decolou para Pendleton, em Oregon.

Lá chegando, teve, já no aeroporto, seu avião cercado pela imprensa; Arnold contou a história para os repórteres, descrevendo os *objetos voadores não identificados* por ele observados como algo parecido com uma cauda de pipa ao vento, voando como “um disco que deslizasse sobre a água” (*idem, ibidem*, 37), uma espécie de *disco-voador*.

Nos dias que se seguiram, em diversos pontos dos EUA, pelo menos duas dezenas de testemunhas relataram terem tido avistamentos dos mesmos objetos observados por Kenneth Arnold. Nos anos seguintes, as testemunhas já passavam das dezenas de milhares, sendo que os objetos eram agora vistos em todos os cantos do planeta. Iniciava-se a chamada “Era Moderna dos Discos-voadores”.

## INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o aparecimento no céu de objetos voadores tem ocupado a imaginação de pessoas e sociedades de todo o globo, como nos mostram as supostas representações de tais aparecimentos em pinturas rupestres, gravuras datadas das mais diversas épocas, quadros renascentistas, e nos mitos que narram a chegada de deuses vindos do céu, comuns a quase todos os povos da Terra.

No mundo moderno, muitas são as idéias que surgem em torno desses supostos aparecimentos. “Mesmo” em nossas instituições mais “centrais” - o Estado e a Ciência, por exemplo -, inúmeras são as “teorias” que se formam em torno dos tais aparecimentos, a maioria delas, vale notar, tentando “provar” que os tais *objetos voadores não identificados* nada mais são do que fenômenos da Natureza, ou equipamentos produzidos pelos próprios humanos - balões, aviões e satélites, enfim.

De fato, meteoros, cometas, planetas e curiosas formações de nuvens são muitas vezes chamadas de OVNI's por observadores leigos, desconhecedores daquilo que facilmente se encontra no céu. Outras tantas vezes, são fenômenos mais raros o foco das confusões, como é o caso dos *raios-bola* – esferas luminosas, eletricamente carregadas, que pulsam no ar - ou do *parélio* – projeção de um falso sol, proporcionado pela refração da luz em cristais de gelo.

Entretanto, vale acrescentar o fato de que igualmente grande é o número de aparições dos OVNI's que não se enquadra em nenhuma dessas tentativas de explicação, permanecendo portanto *não identificadas*, e dessa forma, passível de serem explicadas por meio de categorias diversas dessas utilizadas pelo discurso oficial.

É então que a “Ufologia” ganha terreno. Nascida posteriormente à observação “original” de Arnold, essa área do conhecimento desde então se dedica ao estudo – indicado pelo sufixo “logia” – do fenômeno UFO, que por sua vez se apresenta enquanto uma expressão de língua inglesa formada a partir das iniciais de *Unknow Flying Object*,

que traduzido corresponde ao nosso já citado *Objeto Voador Não Identificado*; em uma palavra, o equivalente anglo-saxão para o “nosso” OVNI<sup>1</sup>.

Nesse sentido, já num primeiro momento é mister notar que muito embora a Ufologia adote termos como “UFO” e “OVNI” em suas investigações, tais palavras, longe de possuírem uma natureza não identificada, desconhecida, adquirem ali o caráter de um conceito. Em outras palavras, ao considerar a

“aparição de objeto extraordinário, em vôo ou pousado (...), ou alguma experiência semelhante que permaneça anômala depois das análises científicas adequadas” (*idem, ibidem*, 09),

a Ufologia identifica o *não identificado*. Transforma-o em algo conhecido, objetivamente descrito e bem caracterizado.

Isso é feito a partir de um “salto”, que associa imediatamente os termos “OVNI” e “UFO” à imagem dos “Discos-voadores” relatados por Arnold, tornando-os, assim, sinônimos. E aqui é necessário acrescentar que “Discos-voadores” aparece à Ufologia representando muito mais do que uma simples descrição da forma dos objetos observados, ou mesmo da maneira como se dá seu deslocamento. Para serem definitivamente dissociados de aviões, satélites, relâmpagos e demais surpresas da Natureza, os “Discos-voadores” são sim explicados de maneira bastante objetiva e direta, sendo apresentados como naves espaciais oriundas de outros cantos do universo, dirigidas por seres extraterrestres inteligentes.

Obviamente que nem todas as argumentações são consenso entre aqueles que se dedicam à Ufologia – os ufólogos. Questões que dizem respeito à localidade exata de onde seriam oriundas as naves, quem seriam os pilotos dessas naves, ou questões relativas aos “reais” objetivos desses alienígenas na Terra são controvérsias dentro da disciplina. Tais “controvérsias” terão seu lugar nesse estudo mais adiante.

---

<sup>1</sup> Não tenho intenção, neste trabalho, de marcar as diferenças de significação cultural existentes entre os termos “não identificado” e “unknow”. É imprescindível notar, entretanto, que se no caso das culturas latinas o que se tem é a possibilidade de identificar do não identificado, na conceituação anglo-saxã, por outro lado, o que aparece é a expectativa de se conhecer o desconhecido.

Por ora, fiquemos com a percepção de que mesmo não correspondendo, em tese, ao popular “Disco-voador”, as aparições de OVNI’s logicamente poderiam sim incluir as supostas visitas de naves pilotadas por seres alienígenas, uma vez que não existe nenhuma hipótese que se contraponha a essa nos inúmeros casos ainda “não identificados” pelos discursos oficiais.

Dessa maneira, acrescento que, de alguma forma, essa possibilidade de interpretação dessas aparições, normalmente denominadas de “fenômeno OVNI”, tornou-se algo bastante disseminado nas sociedades ditas “modernas”. É isso que nos salta aos olhos, por exemplo, observando a grande exploração comercial do tema, seja no constante “aparecimento de ETs” em programas de televisão e anúncios comerciais, nos mais de quatro milhões e meio de páginas da Internet especializadas no assunto que surgem na tela do computador ao colocarmos termos como “UFOs”, “Discos-voadores” e “Alienígenas” nos *sites* de procura existentes na rede, ou ainda no sucesso dos produtos da Indústria Cultural cinematográfica, que não raro levam aos cofres de *Hollywood* cifras que margeiam os um bilhão de dólares lucrados com a produção de recordistas como “*ET, o extraterrestre*”, de 1982.

Também fora do campo da ficção esse imaginário é igualmente perceptível, fazendo-se presente e reverberante na estruturação de inúmeras práticas e filosofias, colocando-se como o centro dos discursos que fundamentam um incontável número de seitas místicas, como a “Heaven’s Gate” (“Portal do Paraíso”)<sup>2</sup>, ou de comunidades alternativas existentes em todo o mundo, como a conhecida “Comunidade da Figueira”<sup>3</sup>.

Esses discursos místicos e alternativos são, na sociedade em que vivemos, geralmente entendidos, dentro das possibilidades de interpretação de mundo, como pertencentes a uma chave “mágico-mítico-religiosa”, e por isso desqualificados do ponto de

---

<sup>2</sup> A seita “Heaven’s Gate” (“Portal do Paraíso”), sediada na Califórnia, EUA, pregava a conquista da vida eterna para aqueles que morressem durante a passagem do Cometa Halle-Bopp, que supostamente abrigaria em sua cauda uma nave espacial, cujos tripulantes teriam contatado previamente o místico e líder da seita Marshall Applewhite. O cometa passou pela Terra em 27 de março de 1997, dia em que 39 de seus membros foram encontrados mortos.

<sup>3</sup> Trigueirinho é o nome pelo qual tornou-se conhecido José Hipólito Trigueirinho Netto, suposto contatado de seres de outras dimensões, intra e extraterrenos. Trigueirinho é lembrado principalmente pela fundação de comunidades alternativas, como é o caso da “Comunidade da Figueira” - o maior centro espiritual comunitário da América do Sul, a despeito dos mais de 70 livros que escreveu, títulos publicados por todo o mundo e cuja vendagem é estimada em mais de um milhão e meio de exemplares.

vista hegemônico: aquele situado na chave supostamente oposta – a da Técnica, da Ciência (“C” maiúsculo), enfim, da Razão.

Essa aparente descontinuidade entre essas duas chaves de apreensão e interpretação do mundo, bem como a suposta desvalorização de uma pela outra, têm sido pauta de diversas discussões da Antropologia Contemporânea, como bem ilustra a seguinte colocação de Eduardo Viveiros de Castro, que nos indica que

“o esquema de maior produtividade no pensamento ocidental, entretanto, foi o dicotômico, que se presta melhor a descontinuidades fortes (...) As dicotomias tipológicas destacam aspectos variados de um contraste em última análise redutível a ‘Nós’ versus os ‘Outros’, constituindo o núcleo de teorias do Grande Divisor que singularizam o Ocidente moderno frente às demais sociedades humanas” (Viveiros de Castro, 2002, 307).

É essa a principal questão que pretendo discutir neste trabalho.

No entanto, ela aqui se apresenta de modo diferente, para não dizer invertido. É por isso que afirmo ser meu objetivo menos o entender a maneira pela qual essa descontinuidade se coloca dentro de uma cosmologia específica, “moderna”, ainda que situada na chave não hegemônica do pensamento mítico, e mais a de perceber como tal cosmologia consegue articular na forma de uma continuidade dois pólos aqui caracterizados como opostos.

Em outras palavras, minha pretensão aqui é entender como certa cosmologia, a saber, as concepções de vida fora do planeta Terra, com destaque para àquela colocada pela Ufologia, abarca de forma harmônica, num mesmo sistema simbólico, as supostas descontinuidades existentes entre as citadas chaves do pensamento *mágico-mítico-religioso* e a do pensamento *Técnico-Científico-Racional*.

\* \* \*

Como dito a pouco, esse ideário de que a Terra vem sendo visitada por seres inteligentes oriundos de outros planetas faz-se também presente - quando não centralmente

presente – numa série de crenças que estruturam um grande número de seitas e grupos de caráter místico.

A esse respeito, talvez seja importante lembrarmos da pesquisa de José Guilherme Magnani, que propõe um estudo sobre um universo simbólico específico das sociedades modernas, um universo bastante geral e difuso de valores, filosofias e hábitos, que compõe o discurso e a prática de tais seitas e grupos. Me refiro ao fenômeno da “Nova Era”, da “Conspiração Aquariana”, do “Movimento do Potencial Humano”, da “Era de Aquário”, da “Nova Consciência”, ou em uma palavra - se o leitor me permite a redundância -, do místico mundo do “neo-esoterismo”.

A expressão é explicada pelo próprio Magnani: o termo “esoterismo” teria o papel de aludir àqueles “ritos ou elementos doutrinários reservados a membros admitidos a um círculo mais restrito” (Magnani, 1999, 13), e estaria se diferenciando dos estudos das religiões e dos sistemas iniciáticos mais tradicionais e reconhecidos ao ser anexado a ele o prefixo “neo”.

Esse fenômeno, normalmente ligado à vida na metrópole, se outrora se fazia anunciado por um “delicado rumor dos arautos do sobrenatural”, atualmente marca sua presença por toda parte:

“nos anúncios classificados de jornais e revistas, em lugar de destaque nos estandes das livrarias e no topo das listas dos mais vendidos, é tema de *talk-shows* da televisão e de *chats* na internet, faz parte de selecionados *mailings* mas também circula nos adesivos de automóveis...” (*idem, ibidem, 9-10*).

O neo-esoterismo, ou simplesmente “neo-esô”, como usa Magnani, é então definido enquanto um “fenômeno” justamente devido à significativa extensão que o discurso que caracteriza esse movimento consegue tomar. E isso não só no que diz respeito à própria multiplicidade dos produtos e serviços que a ele se vinculam, mas sobretudo, ao grande número e a diversidade dos usuários desses produtos e serviços.

Coloca-se aqui, talvez, o elemento que melhor define o neo-esoterismo enquanto prática mística das sociedades modernas, a saber: a heterodoxia que o fenômeno tem como essência, o que possibilita uma realidade tão dispare dos seguidores que aderem a esse

“modo de vida” - numa escala que varia desde os “acríticos consumidores de livros de auto-ajuda”, até aqueles que se dedicam de maneira mais sistemática e profunda a determinada área da vasta literatura que compõe as referências desse universo cultural.

É isso que se coloca no seguinte fragmento:

“Ponto de confluência de elementos das mais diferentes tradições, esse conjunto passou a abrigar uma ampla gama de produtos, atividades e serviços que vai desde consultas a antigas artes divinatórias, passando por terapias não convencionais, e exercícios de inspiração oriental, até vivências xamânicas, técnicas de meditação, cursos e *workshops* sobre crenças e sistemas filosóficos de várias origens. Completa esse quadro a disseminação do consumo de artigos correlatos como *compact discs* de *New Age* e *World Music*, livros de auto-ajuda, produtos orgânicos, incensos, cristais, pêndulos, imagens de anjos e duendes, etc.” (*idem, ibidem*, 10).

Obviamente, tal conagraçamento de possibilidades demarca desdobramentos no plano dos próprios espaços onde essas atividades são oferecidas. Dessa forma, como mapeia os estudos de Magnani, esse universo acaba se disseminando por

“livrarias com amplo e variado estoque, farmácias especializadas, lojas com material para o exercício das diferentes especialidades (óleos, essências, instrumentos) e outras com os já emblemáticos cristais e incensos indianos (...) Entrepostos de ervas medicinais e alimentos produzidos com base em determinados princípios, assim como feiras de produtos hortigranjeiros cultivados segundo as normas da agricultura orgânica” (*idem, ibidem*, 11).

Ainda nesse sentido, agências de viagens também se propõem a planos turísticos envolvendo o público neo-esô, com roteiros que envolvem locais supostamente sagrados, seja pelo aspecto religioso, místico, energético, seja pela grande ocorrência de contatos com naves extraterrestres e seus tripulantes, seja por todos esse aspectos juntos, que não raramente se apresentam de forma indissociada em destinos como São Tomé das Letras e a

Chapada dos Veadeiros, ou mesmo em passeios internacionais mais dispendiosos, como “Machu Picchu, no Peru; Mount Shasta, na Califórnia; Varanasi, na Índia; Katmandu, no Nepal” (*idem, ibidem*, 11).

Por fim, um calendário bastante peculiar completa temporalmente a cultura do neo-esoterismo. Nele colocam-se em destaque as passagens do solstício e do equinócio, as mudanças de fase da lua, ou mesmo as festas de *halloween*, que introduzidas no calendário festivo nacional pelas escolas de inglês e intercâmbio como estratégia de *marketing*, são nesse meio colocadas como pretexto para a celebração do “druidismo celta” ou para a “valorização do feminino” por meio “exaltação da figura da bruxa”, para ficarmos só com alguns exemplos.

Tendo, pois, essa gama de possibilidades em mente, pode-se lembrar que, quando estudado pela academia, esse “fenômeno”, na maioria das vezes, é apreendido justamente a partir dessa ampla possibilidade aberta a cada um dos “adeptos”, que se apropria da literatura e das práticas, de modo a construir uma modalidade de fé particular, quase que individualizada, montando

“seu próprio *kit* devocional a partir de um mercado que expõe, lado a lado, elementos oriundos das mais diversas, distantes e opostas tradições espirituais” (*idem, ibidem*, 81).

Nesse tipo de interpretação, o que geralmente se coloca em ênfase é uma suposta aleatoriedade com que as pessoas ou grupos escolhem e se apropriam das “infinitas possibilidades de combinação” (*idem, ibidem*, 81) dos elementos que compõem o nem de longe apocopado universo neo-esô.

E de modo a complementar essa interpretação possível, freqüentemente se afirma a coerência em que tal realidade se tornar um tanto quanto admitida num mundo marcado por uma suposta falência dos sistemas religiosos mais burocráticos e fechados, ortodoxos e institucionalizados, que limitam a fé em função de dogmas bem marcados. Dessa maneira, o “fenômeno”, para alguns, nada mais seria do que uma “religião pós-moderna”, como lembra o próprio Magnani em seu já citado *Mystica urbe*.

De qualquer modo, colocando-se à margem dessa discussão relativa às causas que tornariam possíveis a ascensão do fenômeno neo-esotérico no mundo moderno, e posicionando-se contra essa proposta interpretativa que vê de maneira superficial o sincretismo com que a lógica do fenômeno se edifica, Magnani apresenta uma nova hipótese explicativa do tema, propondo investigá-la também segundo um novo método de abordagem. Vamos observar um pouco mais de perto essas duas inovações, o que nos ajudará mesmo a caracterizar de forma mais completa o próprio objeto aqui referido.

Sobre a última delas, ou seja, sobre o método de investigação adotado, é importante lembrar a forma como ali se impõe o recorte pelo qual o objeto, tão amplo e sincrético em sua natureza, será apreendido. Isso se dá, de acordo com o campo da antropologia urbana no qual o estudo se situa, por meio de um mapeamento dos aspectos espaciais e institucionais daqueles locais onde os produtos e serviços componentes desse universo são oferecidos.

É pois dessa forma que esses espaços são minuciosamente descritos em função da sua distribuição espacial pela cidade de São Paulo (onde a referida pesquisa se desenvolve), de seus nuances arquitetônicos, seus modos de funcionamento, os tipos de serviços que oferecem, os produtos que vendem, e do tipo de vivências que proporcionam àqueles que os freqüentam: encontros, simpósios, palestras, atividades rituais, mostra de vídeos, etc..

Curiosamente, já nessa primeira etapa da pesquisa, teria sido possível notar em meio a vastidão de possibilidades e sincretismos

“a ocorrência de determinadas regularidades - na implantação e distribuição dos espaços, nas normas de funcionamento, no calendário das atividades...”  
(*idem, ibidem*, 17).

O que se colocará, então, a partir daí, é que, apesar de o neo-esoterismo aparentemente se compor de um amontoado de “elementos sem nexos, produto de iniciativas erráticas e atomizadas” (*idem, ibidem*, 57), e de sua configuração sugerir o aspecto de “um mero agregado de crenças e práticas das mais variadas e díspares origens” (*idem, ibidem*,

57), faz-se possível perceber uma matriz comum, que fundamenta toda a lógica que coloca esse universo simbólico em funcionamento.

Ou seja, as regularidades colocadas pela citação anterior se estenderiam também ao nível de seu discurso, elaborado em função de uma espécie de “narrativa-base”, que preside a formação de seus inúmeros sistemas de significado. São exatamente essas premissas e matrizes comuns o que mais nos interessará a partir de agora.

Nesse ponto talvez nos seja válido recorrer novamente às palavras de Magnani, para quem

“no interior das práticas, doutrinas, princípios e ritos dos grupos integrantes do circuito neo-esô, é possível discernir algumas matrizes discursivas, e a variação que se observa na superfície do fenômeno (e que tanto chama a atenção) não é senão o resultado das escolhas e ênfases que cada arranjo particular realiza a partir de uma estrutura gerativa e dentro de uma combinatória ditada por regras de compatibilidade próprias” (*idem, ibidem*, 81).

Assim,

“cada grupo, instituição, entidade, e às vezes até mesmo cada experiência pessoal, apoiando-se implícita ou explicitamente em alguns pressupostos, construirá quadros de referência com maior ou menor coeficiente de coerência interna conforme o manejo, erudito ou canhestro, das premissas e matrizes comuns” (*idem, ibidem*, 81).

Com efeito, “não são muitas as obras, de dentro do movimento, que oferecem um quadro interpretativo mais global” (*idem, ibidem*, 13). Dentre essas obras, talvez valha destacar, como faz o próprio Magnani, a da jornalista Marilyn Ferguson, intitulada *A conspiração aquariana*, e *O ponto de mutação*, do escritor Fritjof Capra, livros que

surgiram nos primórdios do movimento, e que portanto conseguem estabelecer “elos entre suas múltiplas manifestações”, oferecendo, por conseguinte, uma visão de conjunto.

Sem entrarmos de forma sistemática na análise desses textos - mesmo porque o objeto que propus discutir se aproxima sim desse debate, mas não se confunde com ele -, é importante delimitarmos qual seria essa matriz comum, que conecta de maneira assaz articulada discursos e práticas tão dispares e heterogêneos.

Para tanto, nada mais interessante do que observarmos o seguinte texto, retirado diretamente de um folder publicitário de um espaço dedicado a estudos e práticas relacionados ao neo-esoterismo, e que aparece citado no já exaustivamente lembrado *Mystica urbe*.

“Holística, do grego ‘Holos’, significa Todo/Inteiro. É um novo paradigma que se apresenta como resposta evolutiva à crise de fragmentação vivida pelo homem na atualidade, quer pela atomização do conhecimento ou pela criação e divisão de fronteiras que só existem na mente humana (...) É essa visão fragmentada que levou a humanidade a um notável progresso tecnológico de um lado, mas impediu uma maior expansão da consciência para um progresso harmônico, essencialmente holístico. As guerras, a fome, a miséria e todas as fronteiras econômicas, raciais e culturais são resultados dessa visão fragmentada. Levaram o homem a uma crise sem precedentes neste final de século”. Uma das saídas para evitar o caos e a violência generalizada, que ameaça pessoas e nações, está justamente nesse novo paradigma holístico. (*idem, ibidem, 79-80*).

Como pudemos ver aqui, dois são os elementos que estariam fundamentando o discurso e a cosmologia neo-esô. O primeiro deles colocar-se-ia numa imaginada estagnação do Homem, que estaria sendo impedido de ter sucesso em sua “evolução espiritual”, em sua “busca por crescimento”, fator entendido como algo dado “naturalmente” na essência do ser humano, e cujo objetivo último seria sua plena realização enquanto um ser criado para o amor, a fraternidade e a paz. Dessa maneira, mostrar ao Homem como superar tal estagnação, indicar as formas de recuperar seu

desenvolvimento, e finalmente, despertar nesse Homem uma outra e verdadeira consciência, preparando-o para construir uma nova era de amor e fraternidade, seriam os maiores intuitos do neo-esoterismo. Ou se quisermos expressar esse intuito em uma só palavra, “evolução” certamente se apresenta como o termo que manifesta mais objetivamente esse intento.

Guardemos bem esse primeiro elemento estruturante da cosmologia neo-esô. Ele nos será bastante importante mais adiante, sobretudo na conclusão desse trabalho, onde tentarei relacionar de forma mais sistemática o fenômeno do neo-esoterismo e a maneira como se articulam as concepções acerca da vida existente fora do planeta Terra.

Por ora, voltemos à caracterização dos fundamentos que estruturam a cosmologia neo-esotérica. Nesse sentido, tendo pois percebido a estagnação do Homem no que tange sua *evolução*, bem como sua necessidade de recuperá-la, o discurso neo-esô passa a se ater num possível diagnóstico das causas do problema, de modo a prescrever uma estratégia de superação. Eis, portanto, o segundo dos fundamentos do neo-esoterismo.

Aqui, no que se refere às possíveis causas dessa estagnação, teríamos a percepção de um equívoco existente nos matizes teóricos e práticos que fundamentariam o conhecimento que tem orientado o Homem em seu entendimento do mundo e, conseqüentemente, na maneira como nele se situa; em uma palavra, um equívoco no nas formas pelas quais a Ciência Formal constrói o conhecimento nas sociedades modernas.

Tal equívoco se referiria ao método demasiado cartesiano, sendo todo o produto desse método incriminado pelo seu caráter assaz reducionista, que acabaria tornando-o ineficaz no cumprimento de seus objetivos, esses, quase sempre referentes ao diagnóstico e à cura dos mais diversos males. Notemos que a esse elemento se acrescenta a denúncia de uma espécie de “querela chauvinista”, que imporia uma redução, quando não uma supressão, de qualquer valor passível de ser atribuído a outras formas de se organizar o pensamento e de se compreender o mundo que não aquelas formuladas pelo pensamento Científico formal característico das sociedades modernas. E Tecnológico, e Racional.

Isso posto, far-se-ia sumamente necessário superar essa postura reducionista que supostamente estruturaria o modo pelo qual o Ocidente vê o mundo. Tal seria possível, segundo os neo-esôs, por meio do resgate daquelas formas de conhecimento excluídas e

marginalizadas pelo discurso científico ocidental, por serem por ele entendidas como pertencentes à chave do *mágico-mítico-religioso*, anteriormente abordada.

Em outras palavras, o que se propõe é que a superação do impasse colocado pelo caráter reducionista do discurso técnico-científico formal seja buscada na complementação desse discurso, cujas lacunas produzidas por tal essência reducionista deveriam ser preenchidas por elementos oriundos da cultura popular, das filosofias milenares do Oriente, da sabedoria dos povos indígenas ou mesmo do conhecimento construído pelas grandes civilizações extintas e/ou desaparecidas, como a Atlântida ou a Lemúria.

Ora, é como resultado dessa estratégia de superação dos correntes vícios e equívocos colocados pelos esquemas teóricos e práticos do atual paradigma técnico-científico que nos seria possível pensar uma meditação com toques budistas, associada ao saber xamânico descrito em textos antropológicos sobre a *ayuahasca*. Um sistema composto de elementos que

“vão da crença em duendes nórdicos ao uso de florais canadenses; do consumo de incenso indiano à prática da acupuntura chinesa; da meditação tibetana ao *shiatsu* japonês; dos livros de auto-ajuda americanos ao xamanismo siberiano; da bruxaria celta aos rituais dos índios da Amazônia (*idem, ibidem*, 18).

É dentro desse mecanismo que também aparecerão, por exemplo, as terapias ditas “alternativas”, espécie de contraponto às terapias “desenvolvidas por especialidades médicas cujo aprendizado e exercício estão sujeitos a normas contidas em textos e mecanismos legal e institucionalmente constituídos” (*idem, ibidem*, 46), aonde o processo de cura se atém justa e fixamente no foco da enfermidade, na doença que está causando-a, e quando muito, no órgão afetado, como seria de se esperar de uma prática construída sobre os pilares reducionistas e cartesianos de Ciência formal.

De outro modo, a cromoterapia, o *reiki*, a acupuntura, o *shiatso*, a terapia dos cristais, etc., vão se preocupar, para além da prevenção, do diagnóstico e da cura da tal enfermidade, também com o restabelecimento do equilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito do paciente, e dessas esferas com a realidade na qual ele se insere, seja ela a do

meio ambiente, seja mesmo o próprio cosmos e suas correntes energéticas. Estas colocações nos permitiriam falar então não só do caráter *holístico* dessas terapias, mas ainda de sua essência “natural”, que teria como princípio o reforço ou regeneração do poder curativo do próprio organismo vivo pela utilização de elementos naturais, à revelia dos medicamentos de base química, ou do complexo de equipamentos tecno-hospitalares convencionais, muito mais agressivos em suas intervenções.

Por fim, ainda no que diz respeito a esse mosaico formado pela associação que a cosmologia neo-esotérica faz entre o pensamento “Técnico”, “Científico”, “Lógico” e “Racional” de um lado, e aqueles elementos originários disso que chamei de eixo *mágico-mítico-religioso*, de outro, é importante notar que

“se uma ciência mais convencional, identificada com instituições universitárias e centros de pesquisas comprometidos com o *status quo*, é descartada em favor de pesquisas e indagações afinadas com pontos de vista ‘holísticos’, essa mesma ciência ‘oficial’ reaparece, meio a sorrelfa, com outra função: a busca de legitimidade” (*idem, ibidem*, 44).

Salta aos olhos, porém, que nunca se trata de fragmentos buscados efetivamente no interior do eixo técnico-científico oficial propriamente dito, mas antes em disciplinas que se caracterizam por sua aproximação algo periférica dentro desse sistema, como é o caso de certas linhas junguianas da psicanálise, algumas correntes da insurgente física quântica, ou então o paradigma da complexidade de Edgar Morin nas Ciências Sociais, para ficarmos só com alguns exemplos, que já nos valem, entretanto, para retomarmos o aspecto “frankeinstainiano” do discurso e da cosmologia neo-esô.

Seja como for, o importante aqui é termos em mente que para “dar continuidade a sua *evolução* necessária”, o Homem “deve adotar um novo paradigma” em seu modo de compreender o e de se posicionar no mundo, um paradigma estruturado na consciência da falência do modelo tipicamente ocidental de construção do conhecimento, que vê como inválidas as contribuições das formas de pensamento situadas no eixo *mágico-mítico-religioso*.

Esse apontamento nos vale como síntese do que foi dito nessa introdução, que não tinha outro propósito senão o de preparar os fundamentos da discussão sobre a construção do conhecimento dentro da Ufologia, o que se seguirá a partir de agora. Antes disso, contudo, dedico alguns parágrafos à apresentação dos objetivos a que este trabalho se pretende, bem como da estratégia metodológica que nele adotei, elementos que, mais uma vez, o colocam em relação com a pesquisa do Prof. Magnani.

Da mesma forma que lá, aqui também existe o objetivo de sistematizar as matizes que compõem uma cosmologia presente e característica das sociedades modernas, uma cosmologia que, aliás, também se estrutura a partir de associações e articulações construídas entre os eixos da Ciência e do Pensamento mítico: o ideário acerca da vida extraterrestre, sobretudo no que se refere às possibilidades de seu “estudo” por “especialistas”. Nesse sentido, também foi meu objetivo mostrar a forma pela qual cada uma desses matizes se encadeiam num mesmo discurso, relacionando-se entre si de modo a se estruturar numa espécie de *sistema*.

Outrossim, o que lá é alcançado pelo estudo do *trajeto* desses indivíduos no interior de um espaço urbano, de um mapeamento dos locais freqüentados e dos caminhos percorridos por eles em seu cotidiano, aqui foi feito pelo estudo, decomposição e análise das representações que compõem a própria cosmologia que elegi como objeto da pesquisa.

Aqui, acrescento que o mapeamento dos matizes que estruturam esse ideário se deu pelo estudo sistemático dos textos produzidos por seus especialistas, com destaque para as edições da “Revista UFO”, assim como pela participação em Congressos e palestras sobre o tema, notadamente aqueles organizados pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos-Voadores (CBPDV).

O critério utilizado na seleção desses dois “campos” não foi outro senão a centralidade com que ambos se colocam no cenário do pensamento ufológico brasileiro.

Definido estatutariamente como “uma associação civil sem caráter político, religioso ou lucrativo”, o Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores se destaca frente às outras associações de pesquisadores do fenômeno OVNI por contar em seus quadros com os mais ativos estudiosos brasileiros de UFOS, inclusive aqueles que coordenam os demais grupos existentes no país.

Nesse sentido, além de realizar suas próprias pesquisas ufológicas, concentra o conhecimento dos estudos realizados por outras agências, divulgando-os através dos congressos e eventos que frequentemente organiza, ou mesmo por meio de publicações especializadas, sejam elas editadas pelo próprio Centro de Pesquisas, ou por editoras a ele conveniadas, como é o caso da “Revista UFO”, editada pela Mythos Editora, e apresentada aqui como o segundo e principal “campo” estudado.

Publicada ininterruptamente desde 1988, a revista em questão se apresenta como o único periódico especializado atualmente em circulação no Brasil. Em seu conselho editorial, vale destacar, os mesmos pesquisadores que compõem a direção e as principais referências do CBPDV. No mais, é por meio dela que são divulgados os principais eventos da ufologia brasileira e mundial, os novos títulos especializados, e as ocorrências ligadas direta ou indiretamente ao fenômeno OVNI.

Antes de darmos início ao estudo aqui proposto, gostaria ainda de justificar o porquê tentei não saturar meu texto com referências, especificações, detalhes, datas e fontes; isso foi feito com o intuito de, esteticamente, não distanciá-lo muito dos textos produzidos pelos, digamos, pesquisadores “nativos” de nosso tema, textos sempre tão cativantes e envolventes. É pelo mesmo motivo, além do mais, que - agora sim - saturei meu trabalho com histórias de ETs, discos-voadores, contatos e abduções, de modo a tentar proporcionar ao meu leitor o prazer que tive ao travar conhecimento com essas histórias. Espero ter conseguido.

Por fim, cito uma última vez o trabalho de Magnani, por meio do que tentarei me eximir da responsabilidade de ter reproduzido, em muitos momentos, o discurso de meus “nativos”. Como no *Mystica urbe*, este trabalho

“não se propôs a rastrear a origem, descrever o funcionamento e muito menos julgar o acerto dessas e das novas práticas ou submetê-las a critérios de verdade” (*idem, ibidem*, 8).

É por esse motivo que as idéias colocadas por esses estudiosos são aqui reproduzidas, muitas vezes, sem maiores problematizações ou questionamentos sobre suas fontes ou métodos de se atingir a “Verdade”.

## PRIMEIRA PARTE

## A “UFOARQUEOLOGIA”: APRESENTANDO ALGUMAS QUESTÕES

*Para nós, ufólogos, comunicados oficiais não têm nenhum valor, pois são simplesmente oficiais, e não reais.*

(Ubirajara Franco Rodrigues, ufólogo)

Como vimos na Introdução, o neo-esoterismo, muito embora aparente corresponder à imagem de um mosaico composto por um amontoado de sincretismos, se estrutura a partir de uma espécie de meta-narrativa fundamental, cuja essência se apóia em dois elementos: a estagnação da evolução protagonizada pelo ser - humano, e a maneira pela qual este último deveria recuperar seu desenvolvimento.

Não esqueçamos esses fundamentos, nem tampouco a maneira como eles se encadeiam, pois estes aspectos serão de grande importância para a análise que pretendo fazer da cosmologia colocada no e pelo discurso ufológico. Por hora, no entanto, gostaria de apresentar de forma um pouco mais detalhada alguns fundamentos desse discurso, de modo que a análise que se seguirá possa ser melhor ambientada no interior desse universo.

Nesse sentido, inicio essa minha empreitada recorrendo a uma história bastante conhecida dos antropólogos: aquela que narra a chegada do Capitão Cook à Baía de Kealakekua, Hawaii. Nessa ocasião, como nos descreve Sahlins em seu *Ilhas de História*,

“nem mesmo o capitão Cook, com toda sua vasta experiência, vira, antes, tantos polinésios juntos (..) Além das inúmeras canoas, havaianos subiam a bordo do *Resolution* e do *Discovery*, ocupavam as praias e nadavam nas águas como ‘cardumes de peixes’. Talvez lá estivessem dez mil pessoas, ou seja, cinco vezes mais que o número normal de habitantes do local. E não se via arma alguma com nenhum deles (...) Em vez disso, as canoas estavam carregadas de porcos, batata-doce, fruta-pão, cana-de-açúcar (...) Um sacerdote subiu a bordo e enrolou o capitão Cook com o tecido de tapa vermelho, decoração da imagem do templo, fazendo depois a

oferenda expiatória de um porco. Uma vez já na praia, o sacerdote levou Cook pela mão até o templo de Hikiau. As pessoas que estavam em seu caminho corriam para suas casas ao ouvirem os gritos de ‘Ó Lono’ do arauto, ou prostravam-se ao chão (Sahlins, 1990, 140-141).

O leitor deve estar se perguntando sobre o porquê dessa digressão até o século XVIII, ao Capitão Cook e à baía havaiana. Com efeito, o que se coloca com a história desse “encontro de sociedades” é o processo pelo qual os polinésios percebem o outro e o apreendem a partir de sua própria cosmologia.

Nesse sentido, talvez seja de fundamental importância frisar que o texto de Sahlins, não se restringindo à chegada de Cook, vai sobretudo se preocupar em desvendar os “reais” motivos pelos quais o capitão - ou melhor dizendo, o deus Lono - fora, depois de exaltado e festejado, esfaqueado abruptamente e morto pelo chefe da tribo, numa atitude cujo protagonismo foi disputado por centenas de indígenas, “que agarravam as adagas uns dos outros’ (...) no afã de ter participação em seu assassinato” (*idem, ibidem*, 142).

Como “Cook sofrera a transformação de beneficiário divino do sacrifício em vítima sacrificada”? Eis a principal questão a que Sahlins propõe desvendar. Isso é feito a partir de uma inversão da concepção pensada por Lévi-Strauss, que vê o mito como uma metáfora das relações concretas. Em Sahlins, o que se coloca é, antes, a possibilidade de se pensar uma revelação da “metáfora histórica” por meio de uma “realidade mítica” (*idem, ibidem*, 141) - uma frase de efeito é verdade, e que apresenta um inteligente nexos com a fundamentação estruturalista segundo a qual a objetividade de uma realidade depende do sistema simbólico no qual se insere, e que, por conseguinte, a fundamenta.

Com efeito, o essencial é perceber que Lono é também o Capitão Cook; a objetividade deste último, por sua vez, não pressupõe um equívoco por parte da significação havaiana: Cook, para aqueles que o viram surgir com a esquadra inglesa no horizonte, era mesmo o deus que voltava.

Não obstante, o que nos interessa aqui será, por enquanto, menos a diluição desse corte entre o que se entende como *concreto* e o que se define como *mítico*, e mais a maneira pela qual se dá a observação, do ponto de vista da Antropologia, da relação entre a chegada

de Cook e a interpretação dessa chegada pelos havaianos, que a apreendem em função da cosmologia por eles memorada.

Explicando um pouco melhor, teríamos, no caso descrito por Sahlins, a Antropologia olhando, “de cima”, para a idéia que a chegada de Cook desperta naqueles nativos, qual seja, a chegada do deus Lono. Isso se mostra de fundamental importância nesse estudo na medida em que é dessa mesmíssima forma que a Ufologia vai dizer interpretar os mitos e lendas colocados pelas mais diferentes culturas espalhadas pelo globo terrestre. É dessa forma que, dentro dessa mesma relação, veríamos a própria Ufologia olhando, também “de cima”, para o modo pelo qual sociedades ditas “primitivas” interpretariam o aparecimento de extraterrestres, também percebidos como deuses.

É assim que, olhando “de cima”, a Ufologia diz poder desvelar as histórias de “caixões voadores com velas acesas”, “mãos decepadas segurando velas”, “balaios voadores”, “garrafas voadoras soltando fogo pelo gargalo” entre tantas outras inusitadas narrativas, entendendo-as como diferentes versões para a mesma *Verdade: estamos sendo visitados por naves espaciais alienígenas pilotadas por seres inteligentes!*

Com efeito, devemos destacar uma inversão colocada entre o que acontece no exemplo da Antropologia, quando olha para a chegada do Capitão Cook, e no processo interpretativo do pensamento ufológico, quando da ressignificação das estranhas histórias como as colocadas acima: no segundo caso, a subjetividade daqueles que vêem os “caixões, as mãos decepadas, balaios e garrafas que voam por ai soltando fogo pelo gargalo” é a princípio objetivada; começa-se assim a perceber o que seria supostamente o “real”. No caso da Antropologia, no entanto, poderíamos afirmar, a partir de uma primeira e apressada leitura, que o que se constrói é exatamente o inverso: a observação de como a “real” chegada do capitão inglês é cultural e subjetivamente interpretada pelos nativos da ilha havaiana.

Essa primeira leitura, entretanto, é só em parte verdadeira: a Antropologia, longe de lidar com essas categorias de objetivo e subjetivo, está antes preocupada em perceber o processo pelo qual se equaliza o encontro das perspectivas havaiana e ocidental, ou, dito de outro modo, em como o deus Lono e o Capitão Cook podem encarnar simultaneamente a objetividade dos dois olhares.

É assim que no caso do presente estudo - um estudo do olhar antropológico sobre o encontro de diversas perspectivas interpretativas do ideal da vida extraterrestre -, o que nos interessa será menos a hierarquização do como cada abordagem sobrepõe o seu objetivo em detrimento do subjetivo alheio, mas antes, na forma pela qual, da mesma forma que Lono e o Capitão Cook encarnam simultaneamente a objetividade dos olhares havaiano e ocidental, a vida extraterrestre, em geral, ou mesmo um OVNI, em particular, conseguem representar ao mesmo tempo interpretações diferentes, quando não completamente divergentes.

Dito isso, comecemos pois a observar como a Ufologia consegue equacionar o que *algumas pessoas mais simples julgam ser os citados caixões voadores com velas acesas, mãos decepidas segurando velas, etc., com a verdade objetiva e recorrente das visitas extraterrestres.*

Para a ciência dos discos-voadores, a visita destes últimos nunca poderia ser *corretamente* interpretado por outras sociedades que não a nossa, dado a inexistência, nelas, das categorias técnico-científicas necessárias para descortinar o que existiria por trás daquilo que suas categorias nativas, ao interpretar, ocultam. E é pautando-se nessa colocação que surgirá, aliás, uma das especializações da Ufologia: a “Ufoarqueologia”, que será utilizada nesse primeiro capítulo como uma espécie de “Introdução aos estudos ufológicos”, apresentando-nos elementos que se colocam como pilares sobre os quais a disciplina se fundamentará.

Assim, é importante que desde já tenhamos bem definido em que consiste essa disciplina da ciência que estuda o fenômeno OVNI. Para, tanto, não vejo uma melhor forma do que apontar quais os aspectos que a distinguem da Ufologia propriamente dita.

Ora, esta última, como teremos chance de observar com maior vagar no próximo capítulo, analisa fotografias que retratam supostas naves extraterrestres, estuda o testemunho daqueles que afirmam ter visto ou mesmo manter contato com ETs, investiga como os Discos-voadores podem se ocultar no relato daqueles que julgam ter presenciado um milagre, ou a aparição de uma entidade conhecida pelo folclore e pela cultura popular; enfim, foca todas as suas atenções para a atualidade do fenômeno OVNI.

A Ufoarqueologia, por sua vez, tem como principal intuito revelar que a presença alienígena em nosso planeta não se apresenta como um fenômeno “somente” atual, e sim

algo que se faz presente desde um passado muito remoto, anterior ao surgimento do próprio *Homo sapiens*. À vista disso, tentará comprovar sua tese buscando e interpretando *corretamente* documentos do passado e artefatos pré-históricos que possam ser tratados como indícios da presença alienígena na Terra desde tempos primórdios.

As hipóteses que fundamentam a Ufoarqueologia foram originalmente formuladas pelo suíço Eric von Däniken, que as divulgou mundialmente por meio de seu primeiro livro, *Eram os deuses astronautas?*, de 1976 - obra muito premiada, cuja vendagem alcançou o índice das 63 milhões de cópias, e foi traduzida para mais de 30 línguas. Nela, apresentam-se os resultados de inúmeras viagens feitas por Däniken em sua constante busca pelos referidos indícios da presença de alienígenas no passado de nosso planeta, indícios procurados, como dito, em pinturas rupestres, quadros, afrescos e tapeçarias medievais e renascentistas, monumentos sagrados de antigas civilizações, petroglifos, além das escrituras de antigas culturas e mitos de pequenas sociedades tribais.

Em suma, a tese que ali se coloca é construída a partir de uma leitura da “história” do que se passa com nosso próprio planeta, e caminham mais ou menos no seguinte sentido:

“Como sabemos” - diria Däniken -, alguns bilhões de anos teriam sido necessários para que a Terra desenvolvesse as condições apropriadas para a geração da vida em sua superfície. Mais alguns milhões se passaram até que a vida pudesse evoluir nas suas mais diversas formas e possibilidades, dentre as quais uma específica, caracterizada pela presença de uma inteligência superior, qual seja, o Homem. Mais alguns milhares de anos e essa forma superior de vida, graças a sua inteligência, pôde desenvolver tecnologias avançadas o bastante para permitir sua saída da superfície terrestre e a conquista do espaço, ainda que inicialmente de forma bastante restrita.

Dentro dessa lógica, por que então não pensarmos que com o passar de mais alguns anos, talvez milhares, a tal forma superior de vida se torne capaz de viajar pelo espaço a distâncias cada vez maiores? Aparentemente, aliás, é isso que os avanços protagonizados pela Astronáutica nos leva a pensar: de fato, atualmente, após menos de quarenta anos passados desde que o primeiro astronauta colocou seus pés na Lua, já enviamos robôs à superfície do planeta Marte, satélites para outros cantos do sistema solar, e alguns de nossos foguetes vagam, nesse instante, rumo a outros pontos de nossa Galáxia.

Supondo, portanto, que esse seja o caminho “natural” da “evolução” científica e tecnológica, por que não considerar também a possibilidade de que, em algum momento, encontremos diferentes formas de vida habitando outros cantos do Universo? Mesmo porque sabemos, hoje, da existência de algumas centenas de planetas situados fora do sistema solar, alguns dos quais com condições atmosféricas muito semelhantes às da Terra, e dessa feita, bastante propícias ao desenvolvimento da vida tal qual nós a conhecemos.

Pensando pois nessa pluralidade de mundos cujas características tornariam oportuna o surgimento da vida, de um lado, e de outro, nos argumentos propostos pelo pensamento darwiniano, que nos advoga uma evolução necessária das formas de vida, culminando no desenvolvimento de características positivamente selecionadas como a inteligência, continuaria indagando Däniken: por que não admitirmos a possibilidade de que seres bem mais evoluídos que nós mesmos, de avançada tecnologia, viajando a grandes distâncias pelo Universo, não teriam encontrado a Terra numa de suas empreitadas pelo Universo?

Enfim, concluiria o autor suíço lembrando da existência dos prováveis trilhões de planetas com condições atmosféricas favoráveis à vida, muitos dos quais milhões de anos mais antigos que a própria Terra. Ou seja, milhões de anos a mais de *evolução* para os seres que os habitam, *evolução* das formas em que se adaptaram ao meio, *evolução* de sua inteligência e, por fim, *evolução* em sua Ciência e Tecnologia.

\* \* \*

Antes de prosseguirmos, gostaria de adentrar um pouco mais em questões relativas às concepções epistemológicas da Ufoarqueologia. Para tanto, não vejo melhor forma do que apresentar alguns dos “indícios” que provariam a passagem de seres extraterrenos inteligentes pelo passado do planeta Terra.

É nesse sentido que se apresenta, por exemplo, um curioso fóssil de *trilobite* - espécie extinta de artrópode, que viveu na Terra durante o período Cambriano, entre 220 e 440 milhões de anos atrás; fósseis bastante comuns, os *trilobites* podem ser encontrados em várias regiões do mundo.

O achado aqui em questão, no entanto, não tem nada de comum. Foi encontrado pelo colecionador de fósseis William J. Meister, em junho de 1968, a 70 km a oeste da

cidade de Delta, no Estado de Utah, Estados Unidos. Conhecido como o “fóssil de Antelope Springs”, este exemplar de *trilobite* ficou eternizado sob a marca de uma pegada feita por um ser aparentemente humanóide, usando algum tipo de calçado ou bota. E o mais estranho: o *trilobite* parece ter sido esmagado pelo ser. À título de nota: atualmente o fóssil se encontra em exposição no “Museu da Evidência da Criação”, no Texas, uma instituição mantida por defensores do Criacionismo.



Com a mesma natureza inexplicável, outro “documento” bastante caro à Ufoarqueologia são as “pedras gravadas de Ica”, cuja descoberta tornou mundialmente conhecida a região de Ica, Peru. Tais pedras consistem em milhares de seixos de tamanhos diferenciados, datada por alguns em milhões de anos. No corpo de cada seixo pode-se ver uma série de gravações, uma espécie de documento deixado à posteridade, onde se narra a essência da cultura e dos conhecimentos da civilização que as produziu.

As pedras, que são divididas em várias séries ou capítulos, falam das relações desse povo com o meio ambiente, com a terra que povoavam, sua fauna e flora, além de conter inúmeras informações de cunho “científico”, relativas sobretudo aos campos da Astronomia, da Medicina e da Astronáutica, como é o caso das descrições pormenorizadas a respeito de transplantes de órgãos, código genético e das espaçonaves que aquele povo aparentemente utilizava em suas viagens pelo céu.

Um dos “capítulos” dos achados em Ica alude à realização de uma grande viagem cósmica, onde a tal civilização, aparentemente para fugir de um cataclismo, anuncia sua partida rumo a um ponto da Constelação das Plêiades. Coincidência ou não, o fato é que

esse povo desapareceu sem deixar outros vestígios que não as informações transmitidas pelos seixos.

É, aliás, dessa mesma forma que surgem, nos fundamentos da Ufoarqueologia, indagações sobre a natureza e o destino das chamadas “Antigas Civilizações”, indagações essas que fazem com que Maias, Astecas e Incas, Babilônios, antigos habitantes da Ilha de Páscoa, Chineses, Hindus, e uma infinidade de outros povos recorrentemente povoem as páginas dos livros e periódicos que tratam do assunto.

Vejamos, com mais um exemplo, como essas indagações contribuem para o questionamento acerca da validade e das certezas da Arqueologia formal, e dessa forma, abrem margem para novas interpretações. O caso do Egito é nesse sentido, bastante esclarecedor; sobre ele, Däniken apresenta uma série de inconformismos no que diz respeito, por exemplo, à maneira pela qual a História explica a origem dos seus antigos habitantes. Vejamos alguns desses inconformismos, manifestos quase sempre na forma de questionamentos.

“Somente no Delta do Nilo e sobre faixas estreitas, à esquerda e à direita do rio, havia terra agrícola fértil. Acontece que os peritos estimam o número de habitantes, à época da construção das grandes pirâmides, em 50 milhões de pessoas! (Número esse, aliás, que se encontra em contradição evidente com aqueles 20 milhões de cabeças que se admite corresponderem à população mundial inteira no ano 3000 antes de Cristo) (...) Em tais estimativas fantásticas, alguns milhões de homens a mais ou a menos não têm importância: o certo é que todos eles tinham de ser sustentados (...) Puderam todos, todos eles, viver dos poucos rendimentos da agricultura no Delta do Nilo?” (Däniken, 1971, 93-94).

Prossigue Däniken:

“Dizem-nos que os blocos de pedra para a construção das pirâmides eram movidos sobre cilindros deslizadores. Provavelmente, pois, sobre cilindros de madeira! Mas as poucas árvores, em sua grande maioria palmeiras, que

então (como hoje) cresciam no Egito, dificilmente poderiam ter sido abatidas para fazer rolos deslizadores de seus troncos, pois as tâmaras das palmeiras eram urgentemente necessárias como substância alimentícia, e os caules e copas das tamareiras eram os únicos doadores de sombra sobre o solo ressecado...” (*idem, ibidem*, 94).

As indagações, nesse caso, seguem tratando das pirâmides propriamente ditas, sobretudo no que diz respeito às suas natureza e função. Mais uma vez, o que se vê é um certo inconformismo com a possibilidade de técnica tão refinada existir em tempos tão remotos. É isso que se vê nos excertos seguintes.

“Quanto à técnica dos construtores das pirâmides, há muitos enigmas e nenhuma solução genuína. Como esculpam os túmulos nas rochas? Quais os recursos de que dispunham para instalar um labirinto de corredores e recintos? As paredes são lisas e em geral adornadas com gravuras em relevo. Os acessos às áreas internas decorrem diagonalmente para dentro do solo rochoso; possuem degraus lindamente trabalhados, segundo a melhor técnica artesanal, degraus esses que conduzem às profundas câmaras mortuárias. (...) Está indubitavelmente comprovado que os egípcios dominavam essa arte arquitetônica de galerias subterrâneas desde os tempos mais remotos...” (*idem, ibidem*, 94-95).

“Com que força, com que ‘máquinas’, com que recursos técnicos afinal, foi nivelado o solo rochoso? De que maneira os arquitetos avançavam com suas galerias? E como as iluminavam? Nem aqui, nem nos túmulos de rocha no Vale dos Reis, foram usadas tochas ou algo parecido. Não há tetos ou paredes enegrecidos, nem o menor indício de que tais vestígios tivessem sido apagados. Como e mediante o que foram serrados das pedreiras os blocos gigantesco? Como foram transportados e ajustados entre si com uma exatidão milimétrica?” (*idem, ibidem*, 97).

Contudo, para Däniken, restar-nos-ia ainda responder a questões relativas ao propósito de construções tão imponentes, dada a absurda a explicação dada pelas teorias da História oficial, segundo a qual

“tal monumento não deve ser mais do que o jazigo de um rei extravagante” (*idem, ibidem*, 99).

Com efeito, ainda segundo a referida explicação,

“2600000 blocos gigantesco [teriam sido] recortados das pedreiras, lapidados, transportados e, no local da construção, unidos exatamente até o milímetro (...) O local da pirâmide [foi escolhido] um capricho do faraó. As inalcançáveis medidas ‘clássicas’ da pirâmide [se mostrariam como] idéias ocasionais do arquiteto...” (*idem, ibidem*, 97).

De fato, segundo Däniken,

“Em parte alguma há um indício acerca do motivo pelo qual o construtor dessa pirâmide, o faraó Quéops, tenha escolhido justamente aquela rocha no deserto como local do monumento. Pode-se imaginar que tenha existido uma fenda natural na rocha, que ele aproveitou para firmar a construção colossal” (*idem, ibidem*, 96).

Por que então não concordarmos com o ufólogo suíço quando da afirmação de que sim,

“teria sido decididamente mais prático localizar o ponto da construção mais próximo às pedreiras orientais, afim de encurtar os caminhos de transporte...” (*idem, ibidem*, 96)?

E nesse caso, vale colocar ainda que, também de fato, algumas coincidências não só intrigam, mas indicam para a possibilidade de que tais monumentos não sejam vistos unicamente como túmulos, sua localização como “capricho do faraó”, e suas medidas como

“idéias ocasionais do arquiteto”. Aqui, apareceriam dados como a dimensão da circunferência da pirâmide de Quéops, que quando dividida pelo dobro de sua altura nos dá como resultado o tão famoso quanto místico número de Ludof,  $\pi$ . Curioso também é o valor de sua altura, que se multiplicado por um bilhão corresponderá exatamente à distância entre a Terra e o Sol, isto é, 149.450.000 km.

De modo análogo, sua localização apresenta informações sobre o peso da Terra; consta que a referida pirâmide se situa no centro de gravidade dos continentes, além de dividir – caso seja projetado sobre ela um meridiano – a massa dos continentes e oceanos da Terra em duas metades exatamente iguais.

Seriam essas coincidências mesmo um mero e curioso acaso? Para Eric von Däniken e para a Ufoarqueologia decididamente não. Segundo eles, inversamente, essas coincidências representariam provas para as hipóteses segundo as quais os povos do passado mantinham contato com visitantes extraterrestres.

Com efeito,

“Sabe-se que os antigos egípcios praticavam um culto regular ao Sol: seu deus-sol, Rá, andava no céu de barco. Textos de pirâmides do Reino Antigo falam até de viagens celestiais do rei, realizadas, aliás, mediante a ajuda dos deuses e de seus barcos” (*idem, ibidem*, 96).

Diz a Ufoarqueologia: Por que, então, não supor que eram os “deuses” que orientavam os egípcios e tantos outros povos da Antiguidade na construção de seus monumentos e em outras inúmeras práticas cotidianas?

Dentro da perspectiva do pensamento ufológico, essa conclusão, ainda que colocada sob a forma de uma sugestão, é construída, para continuarmos falando em termos epistemológicos, a partir de um duplo mecanismo, que primeiramente afirma que, o que aqueles “primitivos” povos entendiam como “deuses”, não passava de seres portadores de uma tecnologia totalmente incompreensível e ininteligível para eles. De outro modo, num segundo momento, esse mecanismo pelo qual o conhecimento ufoarqueológico se fundamenta, projeta uma Ciência que hoje se desenvolve no Ocidente para aqueles seres

extraterrestres, numa outra maneira de dizer que “já no passado, os alienígenas conseguiram alcançar o patamar evolutivo em que estamos hoje”.

Em suma, por detrás de todas essas questões, o que recorrentemente está sendo colocado pela Ufoarqueologia é a existência de erros estruturais por parte da Arqueologia e da História formal; estas apresentar-se-iam totalmente equivocadas, obsoletas, contentando-se em interpretar os documentos do passado sempre e inexoravelmente em função dos paradigmas vigentes, cujos limites acabariam por restringir suas hipóteses.

Dessa maneira, denuncia Däniken, teríamos

“o direito e, não menos, o dever de manter sob perpétua dúvida as estruturas tradicionais de pensamento, bem como qualquer hipótese engenhosa, por mais que, apenas como tal, pareça explicar um mistério ainda não desvendado (...) Nosso passado histórico só é verdadeiro de maneira relativa. Se novos aspectos dele são trazidos à luz, então uma nova hipótese explicativa deve substituir a antiga, por mais que nos tenhamos apegado a essa última” (*idem, ibidem*, 27-28).

E conclui:

“Parece ter chegado o momento de apresentar uma hipótese nova e colocá-la bem no centro de nossas pesquisas sobre o passado” (*idem, ibidem*, 28).

Tal “hipótese nova” se funda na inversão do que as Ciências Sociais em geral têm proposto como forma de garantir certa idoneidade em suas interpretações do passado, a saber, uma certa preocupação com a relativização dessa análise por meio de um exercício de contextualização das categorias presentes na própria sociedade onde o fenômeno ou documento estudado foi engendrado.

A Ufoarqueologia, de algum modo, também reconhece que toda e qualquer apreensão de um determinado dado depende do observador, e mais do que isso, da cultura em que este se faz inserido, onde se originariam as categorias em função das quais o dado

em questão é, em última instância, por ele interpretado. Entretanto, e justamente por considerar essa “contextualização” das categorias utilizadas para interpretar o dado no tempo e no espaço do observador, a Ufoarqueologia parte do pressuposto de que seria a luz das categorias do presente que tais categorias deveriam ser desfraldadas. Entendidas apenas como diferentes formas de reconhecer um mesmo e único fenômeno - a *Verdade*, portanto - essas diferentes categorias são tratadas como coloridos, e por vezes, ofuscamentos, locais de um evento Universal.

E completando esse sistema de entendimento, teríamos pois o presente se apresentando, como um *locus* privilegiado de análise, pois sua própria interpretação do fenômeno se construiria a partir de um léxico provido de conceitos técnico-científicos capazes de melhor aproximá-lo da *Verdade*. Em suma, teríamos que os tais “deuses” do passado nada mais seriam, na realidade, que “astronautas extraterrestres” pilotando suas naves espaciais, ou “ufonautas”, se quisermos utilizar um jargão da própria Ufoarqueologia.

Com efeito, parece que

“nos livros sagrados de muitas religiões podemos ver a presença extraterrestre nitidamente descrita (...): Gilgamés teve suas visões de seres espaciais; Manu contatou Brama; Zoroastro viu Ahura Masda sob luzes, raios e trovões; Buda teve seus contatos com seres inteligentes de outros mundos; Joseph Smith, nos seus encontros com anjos que subiam e desciam em poços de luz, fundou a religião mórmon; Moisés e Abraão tiveram seus contatos com seres que utilizavam naves resplandecentes que pousavam queimando tudo ao seu redor, expelindo fogo e fumaça; Ezequiel teve um encontro com uma carruagem de fogo, etc.”  
(BIBLIOTECA UFO nº 4, novembro de 1991, pág. 4).

É nesse sentido que a Ufoarqueologia frequentemente se refere também a uma passagem do *Mahabarata*, documento sagrado da religião hindu, na qual os *Devas*, seres de elevada espiritualidade, residentes numa esfera superior, teriam visitado nosso mundo em tempos passados, a fim de nos transmitirem seu conhecimento. Nessas visitas, os seres se transportariam, de acordo com o documento, em *Vimanas*, que na linguagem original,

segundo relatam os textos ufoarqueológicos, significaria “veículo voador de elemento refinado e sutil, quase mental”.

Outrossim, também a Bíblia é constantemente citada pela Ufoarqueologia como um importante registro da visita de seres extraterrestres ao nosso planeta; segundo os ufoarqueólogos, as primeiras linhas desse texto sagrado já conteriam as buscadas referências da presença de seres alienígenas entre nossos antepassados. De fato, como afirmam alguns desses estudiosos, a passagem “... *no princípio criou Deus o céu e a Terra*”, se lida no idioma original do documento, revelaria um equívoco que, se corrigido, “certamente derrubaria por terra todos os dogmas e fundamentos historicamente instituídos pela tradição judaico-cristã”.

Isso porque, em sânscrito, a palavra utilizada para se referir ao Deus criador, único e onipotente, deveria ser *Eloah*, uma palavra caracterizada por sua forma colocada no singular. No entanto, o que se vê no original é a utilização do plural de *Eloah*, ou seja, *elohim*. Teriam sido, portanto, muitos os seres que, vindos do céu, visitaram nosso planeta na primavera dos tempos.

Finalmente, gostaria de lembrar um último exemplo bíblico igualmente colocado pela Ufoarqueologia como “prova”, não só da presença extraterrestre em nosso passado, mas mesmo da existência de relações entre estes seres e os humanos. Refiro-me aqui aos “inexplicáveis” fatos que se associam ao nascimento de Jesus, a começar pela gravidez da Virgem Maria. Pergunta a Ufoarqueologia: teria sido ela “abduzida” e fecundada por seres extraterrestres?

Abdução, no vocabulário próprio da Ufologia, se refere a um fenômeno, em tese, bastante comum, em que uma pessoa é levada, contra sua vontade, para o interior de um Disco-voador, onde é submetida a uma série de exames clínicos. Nesses casos, a pessoa abduzida passa a apresentar, além do trauma, sinais objetivos como perfurações e implantes, que confirmariam sua experiência, geralmente esquecida e só lembrada após seções de hipnose.

Tal foi o que supostamente teria acontecido com o casal Barney e Betty Hill na noite de 19 de setembro de 1961, quando voltavam para casa, em Portsmouth, New

Hampshire, depois passarem férias no Canadá. No caminho, já bem próximos de casa, perceberam algo brilhante que se movia no céu, a sudoeste. O objeto, que de longe se assemelhava a uma estrela, com uma manobra mudou de rumo e, “fazendo uma curva”, começou a voar em direção à rodovia onde o casal se encontrava. Em instantes, o OVNI “manobrou” em frente ao carro dos Hill e baixou à direita da estrada, parando a cerca de 30 metros do chão, como posteriormente estimou o casal.

Foi então que Barney Hill, com um binóculo à mão, saiu do carro e se aproximou do desconhecido aparelho, a fim de olhá-lo mais de perto. Teria sido então que o *Objeto Voador Não Identificado*, que tinha a forma de um disco, deslizou silenciosamente no ar, aproximando-se mais do carro estacionado.

Barney nesse momento pôde distinguir uma escotilha, que estava iluminada, e pelo binóculo, observou, no interior do OVNI, figuras humanóides vestindo uma espécie de uniforme preto brilhante, com “bonés bicudos”. Entrou no carro “totalmente histérico”, nas palavras de Betty, e dando apressadamente a partida, retomou o caminho de casa.

De volta ao cotidiano, o casal Hill rapidamente percebeu que aquela experiência iria acompanhá-los por muito tempo: Betty todas as noites sonhava com estranhos contatos entre ela e o marido e seres extraterrestres; Barney, por sua vez, passara a sofrer de insônia, e ficava visivelmente perturbado e nervoso quando era obrigado a narrar a história e não conseguia lembrar o que acontecera durante as mais de duas horas passadas entre o encontro com o OVNI e o momento em que chegaram em casa.

Como não conseguiam se livrar nem da insônia, no caso de Barney, nem tampouco dos pesadelos, no caso de Betty, resolveram procurar um médico. Fizeram uma consulta em Portsmouth, e acabaram sendo encaminhados para um destacado psiquiatra de Boston, o doutor Benjamin Simon, especialista em regressão hipnótica.

Com efeito, o tratamento psiquiátrico começou mais de dois anos depois do alegado incidente passado em setembro de 1961; não obstante, sob hipnose profunda, o casal Hill contou vivamente a história, aliás, uma história um pouco diferente, muito mais estranha do que a que vinha contando desde então. Barney lembrou que na ocasião, no momento em que observava o OVNI pelo binóculo, acabara sendo conduzido por uma rampa que levava à dita escotilha, e depois até uma sala de exames. As frases abaixo compõem uma parte de seu depoimento, feito sob hipnose, e aparece num livro sobre UFOs.

“Eu os sentia examinando meu corpo com as mãos (...) Olharam minhas costas, senti que tocavam minha pele (...), como se estivessem cortando minha coluna vertebral (...) depois fui virado e novamente examinado. Minha boca foi aberta, senti dois dedos fechando-a novamente. Depois tive a impressão de ouvir outros homens entrando e senti que se moviam à esquerda da mesa onde eu estava deitado. Alguma coisa, uma espécie de graveto, arranhou de leve meu braço esquerdo. Em seguida aqueles homens saíram (...) Calçaram novamente meus sapatos, desci da mesa. Pensei que estava me sentindo ótimo porque sabia que a sessão tinha acabado. (...) Desci a rampa e abri os olhos e continuei andando. Vi meu carro (...) e Betty se aproximava pela estrada; ela deu a volta no carro e abriu a porta” (Cave & Foreman, 1992, 82-84).

Betty, ao ser submetida ao mesmo tratamento hipnótico, contou uma história bastante semelhante, onde declarou também ter passado por uma série de exames físicos.

“Entro na peça e alguns dos homens entram com o homem que fala inglês. Ficam um pouquinho - não sei quem são; imagino que possam ser a tripulação (...) e outro homem entra. Nunca o vi antes. Acho que é um médico. Trazem a máquina (...) uma espécie de microscópio, só que um microscópio com uma lente grande. Tenho impressão que eles estão tirando uma fotografia de minha pele. Depois eles pegaram uma coisa que parecia um abridor de cartas - só que não era - e raspam meu braço aqui (...) tinha uma coisa que era como um pedaço de celofane ou de plástico, uma coisa assim; raspam e o que saiu eles colocaram em cima daquele plástico” (*idem, ibidem*, 84).

Betty disse ainda ter perguntado ao personagem que ela supôs ser o líder, de onde viera aquela nave. Como resposta, ele mostrou-lhe um lugar num mapa estelar, após o que a Sr<sup>a</sup>. Hill fôra levada para fora da nave e pôde dirigir-se de volta para o carro.

Após o tratamento, Barney curou-se da insônia, e morreu alguns anos depois, de causas naturais. Betty também deixou de ter pesadelos, mas afirmou que, apesar de nunca mais ter sido “seqüestrada”, voltara a ver OVNI, o que, segundo ela, acontecia com certa frequência.

Encerrando, pois, essa digressão sobre a questão das abduções, de forma geral, e sobre o famoso caso dos Hill, em particular, faço duas últimas colocações, cada qual relativa a cada uma dessas situações.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à história do casal Barney e Betty, um curioso fato não poderia deixar de ser relatado aqui. Como dito, anteriormente, Betty teria perguntado a um dos ETs a origem daquela nave, ao que tivera como resposta a exibição de um mapa estelar. Bem, durante as sessões de hipnose, o Dr. Simon pediu a Betty que desenhasse o mapa que lhe fora mostrado pelo extraterrestre.

Anos depois, uma astrônoma amadora, ao saber da história, resolveu ver se o mapa de Betty correspondia a algum sistema estelar. Não sem grande surpresa, descobriu que o mapa de fato representava um apanhado de estrelas próximas ao sistema estelar de Zeta Reticuli, estrelas que, vale destacar, só foram descobertas quase uma década depois de ocorrido o “caso dos Hill”.

Finalmente, gostaria ainda de lembrar a enorme frequência com que relatos semelhantes aparecem em todos os cantos do mundo; entre eles, as narrativas mais desconcertantes envolvem mulheres que durante supostos encontros com os alienígenas são submetidas a uma espécie de “inseminação artificial”. Grávidas, acabam descobrindo mais tarde que não estão gestando filho algum.

Essas vítimas, quando submetidas à hipnose, acabam lembrando de um segundo encontro com extraterrestres, e de outra intervenção ginecológica; desta vez, acreditam os especialistas, para a remoção da criança “híbrida”.

Esse último apontamento nos tira, enfim, dessa longa digressão sobre o conceito ufológico de “abdução” e nos trás de volta aos debates ufoarqueológicos acerca da suposta

presença do fenômeno UFO em textos sagrados. Nesse sentido, sobre a última questão levantada acerca da concepção de Jesus pela Virgem, perguntou a Ufoarqueologia: “Teria sido ela abduzida e fecundada por seres extraterrestres?”.

A resposta para a questão, como normalmente é praxe dentro desse ramo da Ufologia, é sugerida a partir de outras perguntas. Aqui, o que normalmente se coloca, são indagações a respeito da Estrela de Belém, outro suposto indício do envolvimento dos ETs com o episódio do nascimento de Jesus.

Segundo consta, a Estrela de Belém teria guiado os Reis Magos até o local exato do nascimento de Jesus, e depois os conduziu de volta ao Oriente sem que fossem alcançados pelos soldados de Herodes. É então que a Ufoarqueologia questiona: Que tipo de estrela, por menor que ela fosse, poderia chegar tão perto da Terra, a ponto de indicar um local específico, parando sobre ele? Que tipo de astro luminoso executaria movimentos capazes de guiar pessoas a um determinado local?

A resposta da própria Ufoarqueologia, como seria de se esperar, afirma que a Estrela de Belém não seria, de fato, uma estrela, e sim de um OVNI. Com efeito, por suas pequenas dimensões, estima-se que se tratava de uma “sonda”: uma pequena nave extraterrestre não tripulada, podendo possuir as mais variadas formas, teleguiada à distância<sup>4</sup>.

Nesse ponto, reitero que, não obstante suas certezas, as ciências que estudam a presença de alienígenas na Terra supõem que tais verdades nunca seriam aceitas oficialmente pela Igreja, ao contrário do quê, como dito, estariam totalmente destruídos todos os seus fundamentos e dogmas, e conseqüentemente, todo o seu poderio, construído ao longo de séculos. É, aliás, pensando nessa suposta conspiração por parte do Vaticano em se ocultar a “Verdade” que a Ufoarqueologia frequentemente lembra da não aceitação dos chamados “Evangelhos apócrifos” entre os cânones da teologia judaico-cristã.

---

<sup>4</sup> Os avistamentos de sondas são muito mais comuns que os de naves tripuladas, bem maiores. Estima-se que sejam controladas à distância, e que desempenham diversas funções junto à superfície do planeta, tais como prospecção mineral, análise de solo, colheita de material biológico, espionagem, rastreamento de áreas, reconhecimento de regiões, ou mesmo orientação de determinados terráqueos, como parece ser o caso da “Estrela de Belém”.

Esses Evangelhos, chamados de apócrifos<sup>5</sup>, além de serem frequentemente lembrados como “prova” dos interesses da Igreja em se manipular a realidade, igualmente se colocariam, para a Ufoarqueologia, como importantes documentos históricos, cujo conteúdo, mais uma vez, reportaria à presença dos extraterrestres no passado de nosso planeta. Ilustra bem esse ponto o fragmento abaixo, extraído do Evangelho apócrifo de Enoque.

*“[Capítulo I, versículo 02] Naquele tempo, quando completei 165 anos, gerei meu filho Matusalém. [03] Depois disso, vivi 200 anos e, ao todo, minha vida foi de 365 anos. [04] No primeiro dia do primeiro mês, estava eu sozinho em minha casa descansando no meu leito, quando adormeci. [05] E quando estava adormecido, uma grande tristeza tomou conta de meu coração. Chorei durante o sono e não podia entender que tristeza era aquela, ou o que iria acontecer-me. [06] E então apareceram dois homens, extraordinariamente grandes, como eu nunca vira antes na Terra. Suas faces resplandeciam como o Sol, seus olhos eram como uma chama e de seus lábios saía um canto e um fogo, variados, de cor violeta na aparência. Suas asas eram mais brilhantes que o ouro, suas mãos, mais brancas que a neve. [07] Eles estavam em pé, na cabeceira de meu leito, e puseram-se me chamar pelo nome. [08] Acordei e vi claramente aqueles dois homens, de pé, na minha frente. [09] Saudei-os e fui tomado de medo. Meu semblante transformou-se pelo terror, e os homens disseram: [10] ‘Tem coragem, Enoque, não temas. O Deus eterno nos mandou a ti e, vê! Tu hoje deverás subir aos céus conosco, e deverás dizer a teus filhos e aos da tua família tudo o que deverão fazer na casa durante tua ausência na Terra. Não os deixes procurar-te até que o Senhor te devolva a eles’. [11] E não me demorei em obedecê-los. Saí de minha casa, como me foi ordenado, chamei meus filhos Matusalém, Regim e Gaidad, e contei-lhe todas as maravilhas que me haviam dito aqueles homens. [Capítulo III,*

---

<sup>5</sup> Os livros apócrifos do Antigo Testamento são assim chamados em oposição aos canônicos, ou seja, aqueles cujo conteúdo são entendidos pela Igreja Católica Apostólica Romana como inspirados por Deus.

*versículo único*] Aconteceu que, depois de Enoque ter falado com os filhos, os anjos o levaram em suas asas ao primeiro céu e o puseram nas nuvens. ‘E aí eu olhei, e olhei outra vez mais para o alto e vi o éter. Eles me puseram no primeiro céu e me mostraram um grande mar, maior que o mar da Terra’. [Capítulo IV, versículo único] Trouxeram até mim os anciãos e os dirigentes das ordens estelares, e mostraram-me 200 anjos que dirigiam as estrelas e suas funções nos céus... [Capítulo VII, versículo único] E aqueles homens me tomaram e me conduziram ao segundo céu, e me mostraram as trevas, mais escuras que as da Terra... [Capítulo XI, versículo 01] Aquelas homens me tomaram, conduziram-me ao quarto céu e me mostraram os sucessivos acontecimentos e todos os raios da luz do Sol e da Lua. [02] Eu medi seus movimentos e comparei suas luzes, e vi que a do Sol é maior que a da Lua. [03] Seu ciclo e suas órbitas, nos quais eles sempre se movimentam, como um vento de uma velocidade maravilhosa, e o dia e a noite têm um rápido trânsito...” (UFO 89, julho de 2003, pág.47).

Como visto, dois elementos desse relato se associam quase que diretamente com as questões relativas à idéia de que os povos antigos mantinham contato com seres extraterrestres. O segundo deles, que ocupa a maior parte da citação anterior, faz uma referência à aparição de dois seres de enorme estatura, de faces e olhos brilhantes, asas douradas e mãos muito brancas; de estranheza tamanha que coloca o narrador, no momento do contato, em estado de puro terror. Esse segundo elemento da narrativa segue com Enoque descrevendo o “convite” para uma “viagem ao céu”, a ele feito pelos estranhos seres, e se completa com o testemunho da própria viagem em si, rico em impressões e detalhes acerca do que foi visto pelo narrador: o “éter”, um “grande mar”, “anciãos e os dirigentes das ordens estelares”, os “200 anjos que dirigiam as estrelas e suas funções nos céus”, as “trevas, mais escuras que as da Terra”, “os raios da luz do Sol e da Lua”, bem como “seus movimentos”, “ciclo” e “órbitas”, que completam a descrição.

Sem mais, é fácil perceber o “salto interpretativo” colocado pela Ufoarqueologia, talvez melhor apresentado pela pergunta: “Teria sido Enoque ‘abduzido’”?

O primeiro elemento a que a pouco me referi auxiliaria numa reflexão que caminhasse nessa direção; ele se refere ao início do fragmento citado, onde Enoque conta que, ao todo, sua vida teria durado “365 anos”. Outra pergunta colocar-se-ia aqui: “Como poderia alguém viver todo esse tempo”?

Para responder tal questão, a Ufoarqueologia sugeriu que se recorresse à Teoria da Relatividade, de Einstein, segundo a qual, como sabemos, o tempo, relativo, é calculado sempre em função de um ponto de referência determinado do espaço, colocado em relação a uma velocidade fixa: a velocidade da luz. Assim, para uma pessoa que viajasse grandes distâncias a velocidades muito altas, o tempo passaria mais vagorosamente em relação à outra qualquer pessoa que permanecesse em repouso num ponto estacionário.

No caso aqui em pauta, quem permaneceria em repouso seria a família de Enoque e os demais terráqueos, para quem o tempo permaneceria passando “normalmente”. Para Enoque, entretanto, que viveu 365 anos, o tempo poderia ter passado bem mais lentamente, o que seria possível caso ele estivesse com os pés fincados em algo que se locomovesse numa velocidade bem maior do que aquela desempenhada pelo globo terrestre, onde os terráqueos têm fincados seus pés.

Estaria aqui a prova de que Enoque definitivamente viajara numa nave espacial? Se a resposta dessa pergunta for sim, talvez ele não tenha sido o único a ter esse privilégio, já que a própria Bíblia nos fala de outros casos, como Adão, Set, Enos, Cainã, Malael, Jared, Matusalém e Lamec, que viveram quase mil anos cada um.

Como podemos ver, são inúmeros os exemplos a que a Ufoarqueologia recorre para “provar” sua principal tese, apresentada e exaustivamente ilustrada no decorrer deste primeiro capítulo. Contudo, se observarmos atentamente esses exemplos, perceberemos que os principais argumentos dessa ciência partem da denúncia de um suposto equívoco por parte do “pensamento religioso”; uma denúncia que, vale notar, se colocaria a partir do pólo inverso daquele discutido na Introdução, qual seja, o do caso dos neo-esotéricos.

Naquele caso, como vimos, o suposto equívoco da Ciência formal, deveria ser corrigido recorrendo-se ao eixo do pensamento que chamei de *mágico-mítico-religioso*; aqui, a Ufoarqueologia, reivindicando para si o estatuto de Ciência (“C” maiúsculo),

acusaria as próprias formas do pensamento *mágico-mítico-religioso*, este sim, “equivocado”.

Com efeito, a Ufoarqueologia nos explica que, tanto no caso dos relatos sobre toda e qualquer divindade ou figura transcendental descrita pelas tradições religiosas e suas escrituras sagradas, como ainda em toda a gama de representações em que os povos “primitivos” retratam ou homenageiam tais divindades - e aqui teríamos toda a sorte de artefatos, imponentes construções de impérios do passado, ruínas de civilizações extintas, petroglifos ou pinturas rupestres - remeteriam, em verdade, a um mesmo e único fenômeno: a presença de seres extraterrestres em nosso planeta.

E nesse sentido, advogando por si mesma, a Ufoarqueologia defende que é só e justamente por seu caráter “Científico” que tal equívoco pôde ser percebido e corrigido; o que era entendido como “deuses” naqueles grupos e sociedades vistos como operando a partir de um pensamento mágico-mítico-religioso, podem aqui ser desvelados e corretamente identificados. E isso graças a nossa forma “Racional” de compreender o mundo, fundamentada sobre concepções “Lógicas”, e, conseqüentemente, “Verdadeiras”. É essa relação entre essas distintas formas de pensamento o que nos leva ao próximo capítulo.

## A UFOLOGIA CIENTÍFICA: PENSANDO OS DISCOS-VOADORES NO PRESENTE

*...criaturas foram simplesmente capturadas com vida - embora aparentemente enfermas - utilizando-se dos mesmos métodos para captura de animais selvagens. Eram seres inteligentes, avançados, nascidos num outro planeta do Universo, presentes na Terra, não se sabe como nem porquê...*

*A nação, já informada dos fatos pelos ufólogos civis aguarda um posicionamento claro e cristalino por parte das autoridades.*

(A. J. Gevaerd, Editor da Revista UFO)

Vimos no capítulo anterior que a Ufoarqueologia, de modo inverso do que se coloca na cosmologia neo-esotérica, aponta um problema nas formas de pensamento cuja lógica se coloca naquilo que denominei de eixo *mágico-mítico-religioso*; aqui, a *Verdade* estaria encoberta com falsas categorias, sempre associadas com divindades, figuras transcendentais ou em uma palavra, deuses.

Sim. Os “deuses” seriam “astronautas” oriundos de civilizações extraterrenas, e todas as representações de divindades em pinturas rupestres, ídolos e estátuas antigas, tapeçarias e afrescos medievais, artefatos e monumentos de civilizações extintas, bem como os escritos sagrados das mais importantes tradições religiosas ou nos mitos de um sem número de povos espalhados por todos os continentes, enfim, todas essas representações, nada mais seriam do que indícios da presença desses extraterrestres em nosso planeta, num passado assaz remoto.

Contudo, se a Ufoarqueologia vê nas representações míticas, religiosas e artísticas dos povos “primitivos” do passado ou presente como meros ofuscamentos, coloridos locais de um evento Universal, tal não é diferente no que tange a própria Ufologia. Partindo do mesmo princípio, esta última estuda, no presente, o modo pelo qual os Discos-voadores podem se ocultar no relato daqueles que julgam ter presenciado um milagre, ou a aparição

de uma entidade conhecida pelo folclore e pela cultura popular de determinado local. Em suma, investiga a presença de ETs em relatos cuja essência, embora coexista com a modernidade, colocar-se-ia rigidamente fixada numa esfera entendida como *mágico-mítico-religiosa*, e por conseguinte ilusória, falaz

Os milagres envolvendo as chamadas *Aparições Marianas* apresentam-se como exemplos bastante elucidativos do que concretamente busca a Ufologia.

\* \* \*

Santa Mãe, Nossa Senhora, Gospa, Virgem, Madonna, Maria. Eis algumas das alcunhas da personagem que, ao aparecer em vários lugares do planeta, acaba sendo reconhecida pelo nome das vilas, lugarejos e cidades em que surgiu diante dos devotos, como são os casos de Guadalupe (México, 1531), Lourdes (França, 1854), a mais recente Medjugorje (Croácia, 1981), ou a mais emblemática Nossa Senhora de Fátima, que teria aparecido num lugarejo em Portugal, no ano de 1917.

Era um dia ensolarado aquele 13 de maio, quando três jovens pastores - 10, 9 e 7 anos – cuidavam de algumas ovelhas num campo próximo à aldeia de Aljustrel, em Fátima. Brincavam distraídos enquanto as ovelhas pastavam quando viram surgir, repentinamente, uma desconhecida senhora, muito bonita, que ficara pairando no ar, sobre o topo de uma azinheira.

Conforme narrou posteriormente uma das três crianças,

“era uma ‘senhora’ vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água pura. Sua face, indescritivelmente bela, não era nem triste, nem alegre, mas séria. Trazia um ar de suave censura. As mãos, juntas, como a rezar, estavam apoiadas no peito e voltadas para cima. Da mão direita pendia um rosário. As vestes pareciam feitas de luz. A túnica era de cor branca, assim como o manto decorado com ouro, cobrindo-lhe a cabeça e descendo-lhe aos pés. Não se viam os cabelos e as orelhas (UFO 92, outubro de 2003, pág. 20).

Segundo coloca a jovem pastora, a figura iluminada teria então dito a ela e as outras duas crianças:

*“Não tenhais medo. Eu não vos faço mal. Sou do céu e vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, sempre no dia 13, esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. E voltarei ainda aqui uma sétima vez”.* (*idem, ibidem*, pág. 20).

“Nossa Senhora”, antes de elevar-se vagarosamente ao céu, até desaparecer, teria por fim pedido às crianças que, orando pelo fim da guerra, rezassem o rosário todos os dias.

Passado exatamente um mês do ocorrido, no dia 13 de junho, as crianças voltaram ao local da aparição e esperaram pela chegada da “Virgem”, que da mesma forma que na primeira vez, foi precedida por um estranho clarão, uma espécie de “relâmpago”, nas palavras das testemunhas da época. De fato, conta-se que na segunda aparição, cerca de 50 espectadores estavam ali presentes, esperando o “milagre”. Todos teriam podido ver os sinais que anunciariam a presença da “Santa”, muito embora não a pudessem propriamente vê-la, ou mesmo ouvi-la, privilégio restrito apenas às três crianças pastoras.

Dentre os tais sinais, vale acrescentar, destacavam-se o súbito refrescar do clima, uma espécie de chuva de pétalas, um total obscurecimento da luz do Sol, a um ponto tal que fazia-se possível ver as estrelas, em pleno dia, além do

*“globo luminoso que se movia lenta e majestosamente pelo céu, do nascente para o poente, e depois em sentido contrário”* (*idem, ibidem*, pág. 21).

Esses sinais acompanhariam a todas as aparições da “Virgem”, sempre no décimo terceiro dia do mês, na mesma hora, sobre a mesma azinheira, e eram vistos a cada vez por um maior número de testemunhas, que observavam os três pequenos escolhidos conversarem com o que só eles podiam ver, e que diziam ser “Nossa Senhora”.

Seja como for, na sexta e última aparição, as manifestações da “Santa” culminaram, segundo consta, no chamado “milagre do Sol”, assim narrada em uma reportagem especial da Revista UFO:

“a massa, agora calculada entre 70 e 80 mil peregrinos, testemunhava o tal milagre do Sol. Chovera intensamente naquele dia e ainda chuviscava durante a aparição. Ao entardecer, no instante em que a Virgem se elevava (...), as nuvens se entreabriram e descortinaram o astro. Mas era um sol estranho, achatado, com um contorno tão bem definido que mais parecia um imenso disco de prata. Brilhava com intensidade jamais vista, mas não cegava. E o disco começou a dançar no céu. Girou rapidamente, parou por alguns instantes e recomeçou a girar novamente sobre seu eixo, de maneira vertiginosa” (*idem, ibidem*, pág. 22).

“Segundo historiadores (...), as bordas daquele disco de prata tornaram-se escarlates e ele deslizou como um redemoinho, espargindo chamas de fogo. Jorravam cascatas de luzes verdes, vermelhas, azuis e violetas, de variadas tonalidades, que se refletiam no solo, nas árvores, nos arbustos, nas roupas e nas próprias faces das pessoas” (*idem, ibidem*, pág. 22).

“Executando um movimento ilógico, o objeto tremulou e sacudiu antes de baixar sua altitude significativamente, voando em zigue-zague, sobre a multidão apavorada. O disco então parou por alguns minutos, como se concedesse um intervalo de descanso para os espectadores, para logo em seguida recomeçar os movimentos e emitir mais luzes flamejantes (...) Após nova pausa, a dança recomeçou, tão magnífica quanto antes. O milagre do Sol (...) durou 12 minutos, ao final do que o disco retornou ao ponto inicial e assumiu o mesmo fulgor de antes. Muitos dos presentes notaram que suas roupas, ensopadas pela chuva, haviam secado misteriosamente. Testemunhas distantes até 40 km do local onde o fato se deu também puderam presenciar o fenômeno” (*idem, ibidem*, pág. 22-23).

Assim terminava a série de aparições da “Santa” que ficou mundialmente conhecida como Nossa Senhora de Fátima; aparições que, aliás, poderiam ser perfeitamente interpretadas como manifestações do *Fenômeno UFO*, segundo insiste a Ufologia.

Nesse sentido,

“uma reavaliação das descrições dos fatos, dadas pelos videntes do suposto milagre, nos permite lançar hipóteses sobre o método de locomoção da tal senhora luminosa, seu aparecimento no topo da azinheira e sua retirada do ambiente, após o contato. Sabemos pelos testemunhos que tais processos se deram através da manifestação gradual de um feixe luminoso e cônico, de forma retrátil e procedente do alto, originário de uma suposta nuvem dotada de um movimento peculiar – que se deslocava contra o vento – e que envolvia a figura feminina. Na literatura disponível, existem exemplos diversos de como esse tipo de feixe luminoso se manifesta próximo a UFOs, sendo por alguns autores designados de “luz sólida” (UFO 106, Janeiro de 2005, pág. 16).

Além disso,

“a capacidade da senhora luminosa de expressar-se e ser compreendida pelas testemunhas de sua aparição sobre a azinheira sem mover os lábios é algo quase sempre atribuído às comunicações entre humanos e tripulantes de UFOs, ocorridas de maneira telepática...” (*idem, ibidem*, pág. 17).

Por fim, detalha a Ufologia, poderíamos ainda observar nos relatos das testemunhas dos milagres de Fátima a presença de inúmeros outros elementos característicos dos contatos com alienígenas, como é o caso das “então” desconhecidas luzes e ruídos que anunciavam a chegada do ser – interpretados erroneamente como “relâmpagos” e “trovões”

-, da radiação – em tese responsável pela secagem do solo e das roupas dos fiéis durante o milagre do Sol – ou mesmo da chuva de pétalas que marcava a presença da “Santa” – relacionada no contexto ufológico ao chamado “cabelo de anjo”, substância registrada muitas vezes caindo de UFOs que voam a baixa altitude, e que nos poucos casos em que foi coletada, foi identificada como sendo uma fibra de características protéicas, com alto teor de boro e silício.

Insisto: o que se tem para a Ufologia, seja no caso narrado dos “milagres” ocorridos em Fátima, seja nos outros mais de 1500 “milagres” semelhantes a que se tem notícia em mais de 30 países dos 5 continentes, são, em suma, interpretações dadas em função de categorias particulares da tradição religiosa que se encontra como hegemônica no local e na época do acontecimento. Categorias que, conquanto religiosas, também *mágico* e *míticas*, e nessas condições, totalmente desqualificadas por qualquer pensamento que se pretenda situado dentro de uma concepção oposta, pensada como *Lógico-Científico-Racional*, e dessa forma, mais próxima da *Verdade*.

É assim que o que era entendido de um prisma *mágico-mítico-religioso* como “deuses”, passa a ser “lógica” e “racionalmente” tratado como “ufonautas”, ou seja, viajantes espaciais extraterrenos, astronautas oriundos de outras civilizações técnico-científicas do espaço, mais antigas e, por conseguinte, mais desenvolvidas e evoluídas que nós, os terráqueos.

Nesse ponto, é facilmente perceptível o reconhecimento, por parte da Ufologia, da força atribuída a isso que venho chamando de campo *Lógico-Científico-Racional* de construção do pensamento ou apreensão do mundo, de tal maneira que, mostrando-se consoante com os valores condizentes com a modernidade, constantemente se atém na elaboração de um esforço teórico-metodológico que nada mais pretende do que seu auto-posicionamento no interior dessa objetiva forma de se aproximar da *realidade*.

Entrementes, muito embora traga em seu interior esse esforço teórico-metodológico em se colocar como uma Ciência marcada pela Lógica e pela Racionalidade, não é essa a situação da Ufologia frente às áreas do conhecimento efetivamente aceitas como “Ciências Formais” - ou *Hard Sciences*, para utilizarmos um jargão mais corrente.

Estas últimas, via de regra, não validam a hipótese de que os *Objetos Voadores Não Identificados* possam representar a visita, em nosso planeta, de seres extraterrenos de inteligência superior pilotando suas naves espaciais. Dessa forma, mantendo o “fenômeno OVNI” sob o signo da “não identificação”, reiteram que a Ufologia jamais poderia ser considerada uma Ciência propriamente dita, já que estuda algo que se apresenta, em última instância, equivocado, irreal, ausente, coisa que, objetivamente, não ultrapassa a imaginação de seus supostamente desocupados e/ou esotéricos pesquisadores. Dito de outro modo, do ponto de vista das *Hard Sciences*, a Ufologia jamais poderia ser tratada como uma Ciência simplesmente pelo fato de estudar algo que não existe.

Decorrendo diretamente dessa contraposição, e de modo condizente ao processo de deslegitimação, nas sociedades modernas, de toda e qualquer iniciativa de significação do mundo que pertença, segundo sua própria catalogação, ao pólo do *mágico-mítico-religioso*, o que se tem é a desqualificação, não raramente feita a partir de ironias e até certo deboche, também das interpretações que vinculem o fenômeno OVNI com a “verdade” sobre os Discos-voadores, uma “verdade” em tese irresponsável, irracional, escusa, desvairada. Podemos ver isso bem ilustrado pelo tom do fragmento a seguir, extraído de um livro do físico e divulgador científico Carl Sagan:

“Cada área da ciência tem o seu próprio complemento de pseudo-ciência. Os geofísicos têm de se haver com Terras chatas, Terras ocas, Terras com eixos loucamente oscilantes, continentes que emergem e afundam rapidamente, além de profetas de terremotos. Os botânicos têm plantas cuja ardente vida emocional pode ser monitorada com detectores de mentiras, os antropólogos têm homens-macaco sobreviventes, os zoólogos têm dinossauros remanescentes, e os biólogos evolutivos têm os literalistas bíblicos mordendo o seu flanco. Os arqueólogos têm astronautas antigos, runas forjadas e estatuária espúria. Os físicos têm máquinas de movimento perpétuo, uma multidão de refutadores amadores da teoria da relatividade e talvez a fusão fria. Os químicos ainda têm a alquimia. Os psicólogos têm grande parte da psicanálise e quase toda a parapsicologia (...) A astronomia tem, como sua pseudo-ciência mais importante, a

astrologia (...) as pseudo-ciências que (...) envolvem outros mundos (...) e o que em nossa época passamos tão facilmente a chamar de alienígenas” (Sagan, 2002, 54-55).

É pois partindo dessa reflexão da Ciência Formal que se coloca a discussão a seguir: observar de que maneira a Ufologia elabora um esforço teórico-metodológico de modo a se impor como Ciência (“C” maiúsculo) àquelas que vê como pares - as ditas *Hard Sciences*. Isso se dará, como veremos mais detalhadamente adiante, em duas frentes, cada qual tendo como pano de fundo uma das deslegitimações impostas pelas Ciências (“C”) à Ufologia, acima apontadas.

Como resposta, a Ufologia propõe, de um lado, uma espécie de reflexão teórico-metodológica, pautada em análises e ponderações sobre os processos pelos quais o conhecimento é construído dentro da disciplina, de modo que a objetividade dos Discos-voadores se torne definitivamente aceita; e de outro, uma segunda discussão, que talvez possamos chamar de “reflexão epistemológica” da disciplina, onde são demarcados os “limites” de sua própria eficácia enquanto modo Científico (“C”) de se situar nas sociedades modernas. Vamos pela ordem, e vejamos com mais vagar primeiramente a questão da metodologia ufológica.

Nesse sentido, é importante termos em mente que essa temática do “não reconhecimento”, longe de se apresentar como mera “preocupação”, vem mesmo a configurar um dos principais impasses sobre os quais se fundamenta toda a disciplina ufológica. E é nesse sentido que uma rápida folheada em qualquer texto ufológico basta se o intuito for encontrar indagações várias que buscam dar credibilidade aos argumentos da ciência dos Discos-voadores. De fato, são recorrentes as invocações à objetividade, as exigências no que tange um certo rigor na metodologia de investigação, e enfim, um apelo à *cientificidade* da Ufologia.

Não obstante, dentro dessas assertivas, chama-nos atenção justamente a resposta dada pela Ufologia à acusação a ela dirigida no que se refere a uma suposta ausência de um objeto real e concreto a ser apreendido: *O fenômeno OVNI existe sim!, e existem “provas” concretas dessa sua existência!*

Lembrando ser meu intuito discutir a maneira pela qual o conhecimento é construído dentro da Ufologia, tendo em vista sobretudo a reflexão teórico-metodológica que a própria disciplina promove de modo a demonstrar seu pertencimento a uma realidade *Lógico-Científico-Racional*, sugiro que comecemos nosso exercício de análise pensando um pouco sobre a natureza das tais “provas” ufológicas, dentre as quais destacar-se-iam os testemunhos e as fotografias do fenômeno.

\* \* \*

A primeira foto ufológica de que se tem notícia foi tirada em Basle, Suécia, logo no início do século XX, ou mais precisamente, em 1907; ela retratava uma bola luminosa, de diâmetro estimado em cerca de 3 metros, cuja origem, segundo os textos ufológicos, ainda não foi “totalmente esclarecida”. Doravante, poucas foram as fotos que retratavam UFOs até a 2ª Guerra Mundial, situação que se inverte a partir de então, devido ao desenvolvimento de modelos de máquinas fotográficas mais práticos e acessíveis ao público.

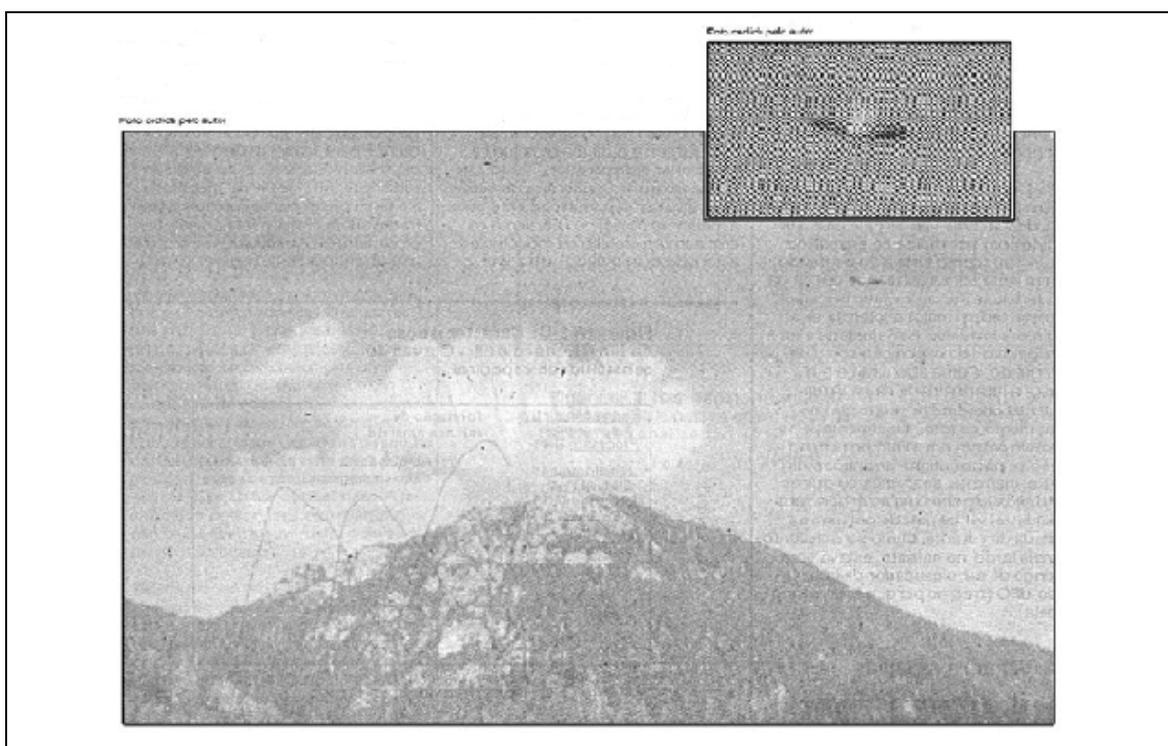
Entretanto, vale lembrar que concomitantemente ao avanço das técnicas fotográficas - o que acaba proporcionando um verdadeiro oceano de fotos de OVNIS -, também se desenvolviam as técnicas de fraudes; apareciam assim, além das esperadas imagens produtos do avistamento entusiasmado de balões, aviões, satélites e fenômenos atmosféricos, os retratos da má-fé dos desocupados: fotomontagem com os retoques nas fotos ou nos negativos, a fotografia de objetos arremessados, de pinturas em vidros, ou de efeitos produzidos com a utilização de luzes e lasers.

De fato, algumas pesquisas mostram que, embora relacionada a esse imaginário, aproximadamente 90% das fotos existentes nada têm a ver com o fenômeno UFO. Nesse sentido, é válido dizer que as fraudes, somadas aos erros de interpretação, acabaram por formar um importante capítulo da História da Ufologia, proporcionando à disciplina a criação de sofisticadas técnicas de análise, que atuam no sentido de melhor abordar os objetos fotografados.

Assim, considerando a importância dessas técnicas na constituição de um corpo teórico-metodológico da Ufologia, e no decorrente processo de sua auto-legitimação frente

às Ciências Formais, proponho que iniciemos nossa reflexão considerando a maneira pela qual se dá a análise das fotografias que supostamente “provam” a real existência do fenômeno.

Tal análise talvez nos muna de elementos a partir dos quais far-se-á possível um estudo mais “antropológico” da ciência dos Discos-voadores. Sendo assim, atenhâmo-nos por um momento na observação da fotografia abaixo, publicada numa Edição Especial da Revista UFO.



Segundo consta, essa foto teria sido tirada pela Sra. D. M.<sup>6</sup>, no dia 8 de outubro de 1981, na Ilha de Vancouver, no sudoeste canadense, aproximadamente às 11:00h da manhã do horário local. D. M. tinha então 26 anos, e estava a meio caminho da viagem que fazia para visitar uma irmã. Na ocasião, estava acompanhada de seu marido, de 30 anos, e sua filhinha, de 18 meses.

D. M. e seu marido, segundo relatam, não chegaram a ver o UFO naquele instante, quando fotografavam a paisagem, mas apenas 20 dias depois, com a revelação do filme,

---

<sup>6</sup> Consta que a fotógrafa nunca quis ter seu nome divulgado.

após o que, surpresos e sem saber o que fazer com aquele documento, telefonaram para uma Base das Forças Armadas Canadense, perguntando se os oficiais teriam interesse em examinar a foto.

Com o desinteresse dos militares, a fotografia acabou engavetada até o verão do ano seguinte, quando a família viajou à capital de British Columbia, também Vancouver. Durante a viagem, visitaram o planetário da cidade, ocasião em que a foto foi mostrada a David Powell, diretor do planetário, que acabou convencendo o casal a emprestar-lhe o negativo original, que, aparentemente, não continha qualquer espécie de arranhão, manchas ou quaisquer outros indícios de fraude.

Powell então encaminhou os negativos para serem analisados, quando por meio da ampliação da fotografia, *mediu-se linearmente a imagem do UFO*:

“Seu maior eixo nesta ampliação media 5.70 cm, enquanto seu menor eixo era de 1.60 cm, dando uma proporção de altura /profundidade de 3.56 cm. A profundidade do domo ou da cúpula protuberante na superfície superior do objeto era de 1.30cm, e sua altura aproximada era de 0.70cm” (UFO Especial nº 4, Julho de 1991, pág. 7).

Colocadas essas proporções, mediu-se também a chamada *distância hiperfocal do UFO*, que é calculada pelo equacionamento de valores como a *extensão focal da lente*, sua *abertura* no momento da foto e o *resultado nítido* em que o objeto aparece na foto. Frente a esses dados, conclui-se que o OVNI deveria estar provavelmente a uma distância maior do que 6,7 metros em relação à câmera.

A partir desses dados, foram também realizadas *medições angulares da imagem*, de modo a complementar os cálculos relativos ao tamanho do desconhecido objeto. Segundo os relatórios produzidos,

“o centro fotográfico encontrava-se elevado num arco de aproximadamente 9 graus e a ponta da montanha estava muito próxima de seu centro geométrico. O UFO supunha estar num arco de 1,3 graus. Ângulos de elevação do horizonte local foram medidos com um teodolito de trânsito,

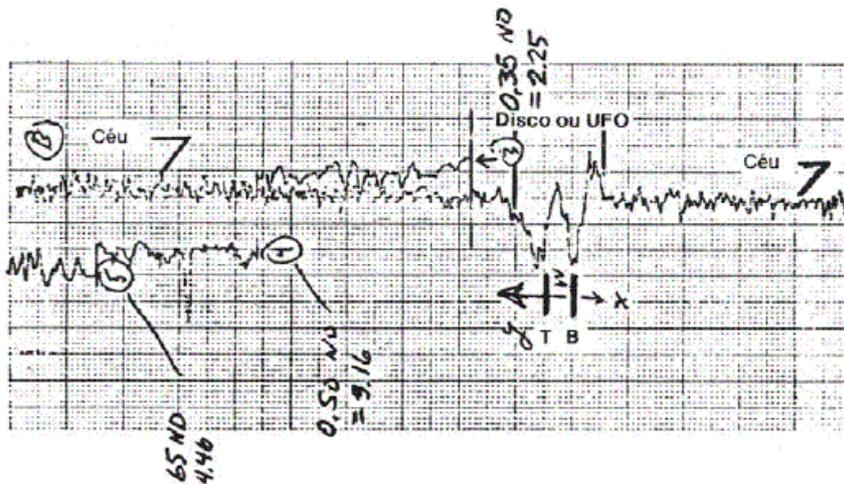
de um observador para o topo da montanha, da localização do fotógrafo e da localização do Sol. Estas medições mais recentes foram obtidas à mesma hora do dia, no mesmo dia do ano e com localização idêntica à da foto original...” (*idem, ibidem*, pág. 9).

Finalmente, outros estudos foram ainda realizados com a intenção de se estimar o tipo de material que estava sendo fotografado. É aqui que se inseriram os chamados *exames verticais*, onde um aparelho denominado *microdensitômetro* analisa a luz incidente no objeto colocado pela imagem, e calcula, por meio de comparações com uma tabela de referências, a composição da coisa fotografada.

Na foto em questão,

“foi encontrada uma média de valor de reflexibilidade de aproximadamente 90%...” (*idem, ibidem*, pág. 25),

índice que indica, de acordo com as comparações em relação a tal tabela, que o OVNI fotografado possuía uma superfície lisa, embora não polida, e cuja composição, contudo, era totalmente desconhecida.



**Fac-símile do exame vertical por microdensitômetro através da imagem do UFO, Revista UFO Especial nº 4, pág. 10.**

Obviamente, não tenho a intenção de tornar esse amontoado de citações técnicas algo exaustivo, nem tampouco transformar o presente texto em algo hermético. Como dito anteriormente, aliás, minha intenção aqui não é outra senão a observação da maneira pela qual a Ufologia elabora um arcabouço teórico-metodológico, cujo propósito vai para além da apreensão e análise de seu objeto de estudo, caracterizando-se mesmo como uma espécie de mecanismo legitimador, em função do qual mostra às demais Ciências Formais o quão científica ela mesma é.

Permanecendo *não identificado* o *objeto voador* fotografado, mesmo depois de concluídos todos os estudos acima referidos, admitia-se ainda a possibilidade de fraude, sobre o que se impunha a necessidade de uma investigação mais precisa acerca da credibilidade das pessoas envolvidas.

A esse respeito, notava-se que D. M. era uma pessoa sem maiores interesses pelo assunto UFO. Uma inspeção feita em sua residência revelou que D. M. igualmente não possuía qualquer interesse em assuntos como ocultismo, psiquismo ou temas do tipo, que pudessem levá-la a ser mais “sugestionada” a crer na existência de UFOs.

Nesse sentido, um outro importante aspecto ainda advogava a seu favor: nenhuma expectativa era nutrida por ela no que dissesse respeito aos resultados das análises as quais a fotografia fora submetida. De fato, a fotógrafa não se importara em esperar um longo tempo antes de ter acesso a esses resultados, dados a conhecer somente um ano depois de ela ter enviado o negativo a Powell. Isso colocava de lado qualquer hipótese de que a autora da foto almejasse conseguir algum tipo de remuneração com uma eventual venda dos direitos de divulgação da imagem.

Outrossim, muitas entrevistas foram feitas com D. M. e seu marido; o relato de ambos sobre a seqüência de fatos da viagem de automóvel ao extremo norte da ilha de Vancouver, da sua volta e das fotos que eles lembravam ter batido coincidem com a seqüência das fotos presentes no negativo: a foto imediatamente anterior àquela em que o UFO aparece, mostrava a filha do casal dentro de sua residência, em Campbell River, antes de começarem a viagem; a foto seguinte a do UFO também fora observada, e mostrava D.

M. e sua filha em pé e em frente a um pequeno tanque de água, no Parque Provincial, mostrando a justamente a continuidade da viagem da família.

Esses pontos mostravam-se de suma importância, uma vez que quando da comum tentativa de fraudar uma foto de um UFO arremessando-se um disco ou *frisbee* para o alto e fotografando-o em seguida, encontram-se freqüentemente nos negativos, inúmeras tentativas de se apreender o objeto em pleno vôo, até que a foto se mostre “convicente”.

Somado a isso, havia ainda o importante fato já notado de a ponta do topo da montanha estar localizado perto do centro geométrico do filme de 35mm, o que tende a confirmar o depoimento da fotógrafa de que sua intenção era apenas fotografar as montanhas e que não vira o objeto aéreo - este é que deveria estar centralizado, caso o acontecido fosse o inverso.

Em suma, a pesquisa indicava que *uma pessoa de alta credibilidade e pouco ou nenhum interesse pelo fenômeno UFO obteve uma única e nítida foto de um objeto voador não identificado em formato de disco, cuja origem ou natureza permanecem, ainda hoje, desconhecidos.*

Duas observações seriam interessantes termos em mente antes de prosseguir.

Primeiramente, o fato de que é por esse tipo de “tratamento científico” das evidências do fenômeno que permite à Ufologia preencher o vazio presente na concepção original do *não identificado* com a categoria que melhor dá sentido – ou seja, Disco-voador -, dinamizando tanto seu sistema cosmológico quanto os grupos que dele se servem.

De outro lado, porém não menos importante, é também em função desse conjunto de métodos que se pretendem Científicos de se apreender os indícios da presença extraterrestre em nosso planeta que a disciplina mantém seu diálogo – não importa se correspondido – com outras formas de significação do mundo, estejam elas pautadas em premissas *mágico-mítico-religiosas* ou mesmo *Lógico-Científico-Racionais*.

Seja como for, importante é perceber que, enquanto possuidora de um objeto bem delimitado e passivo de ser estudado – os *objetos voadores não identificados* – e de um arsenal teórico-metodológico capaz de *cientificamente* apreendê-lo, a Ufologia não só ensaia respostas às acusações proferidas pelas *Hard Sciences* como ao mesmo tempo

deixam convencidos os simpatizantes dos ETs, que começam a entender sua crença numa posição privilegiada no mundo do *Lógico-Científico-Racional* moderno.

Com efeito, essas colocações nos transferem de uma discussão centrada nos problemas teórico-metodológicos da ciência dos Discos-voadores para se focar na questão da própria “epistemologia” da disciplina, anteriormente anunciada como referente a sua eficácia enquanto modo Científico de se posicionar no mundo, complementando a reflexão aqui iniciada.

Desse modo, para melhor entendermos essa transferência, proponho que, a partir de agora, nos debruçemos sob o segundo tipo de “prova” da presença alienígena a que a Ufologia submete suas preocupações, qual seja, o estudo do *Testemunho*. Para tanto, visitemos o que para muitos estudiosos é considerado o mais importante caso da Ufologia mundial.

## O “ET DE VARGINHA”: A (RE)CONSTRUÇÃO DE UM FATO UFOLÓGICO

Varginha é uma cidade de médio porte, localizada no Sul do Estado de Minas Gerais, a cerca de 300 km da capital Belo Horizonte. Com pouco mais de 100 mil habitantes, é economicamente lembrada por sediar a cotação mundial do café.

Em 1996, entretanto, a cidade mineira passou a ser internacionalmente conhecida por um outro fato, um estranho acontecimento ligado ao fenômeno OVNI, ocorrido no dia 20 de janeiro. Tentarei abordá-lo aqui de uma perspectiva bastante particular: a dos dois ufólogos que se dispuseram a investigar o caso de forma um pouco mais direta e sistemática: Ubirajara Franco Rodrigues e Vítório Pacaccini. A narrativa que se seguirá foi construída a partir do estudo do ocorrido tal como ele apareceu veiculado pela mídia especializada, com destaque, novamente, para a Revista UFO, além dos livros escritos por esses dois investigadores. Nesse sentido, talvez valha acrescentar que tentarei reconstituir a narrativa em função da ordem com que novos desdobramentos do ocorrido daquele dia 20 de janeiro foram se apresentando a esses dois estudiosos, com o decorrer de suas pesquisas.

\* \* \*

O ufólogo Ubirajara Franco Rodrigues, que reside na cidade de Varginha, chegava em sua cidade por volta das dez e meia da manhã do domingo, dia 21 de janeiro - ou seja, no dia seguinte ao estranho acontecimento que será a seguir narrado.

Ubirajara voltava de uma rápida viagem a São Tomé das Letras, cidade situada também no Sul do Estado de Minas Gerais. Mal chegando em casa, recebera o telefonema de um amigo, que perguntava se já estava sabendo do ocorrido do dia anterior, quando algumas meninas tinham se deparado com um “bicho estranho”, uma espécie de “monstrinho” num terreno da cidade.

Curioso, Ubirajara resolve melhor verificar do que se trataria o tal “monstrinho” referido pelo amigo ao telefone; começa a andar pela cidade e perguntar para pessoas encontradas aleatoriamente se tinham conhecimento do ocorrido. De fato, o “boato” se espalhou rapidamente, e bastariam apenas algumas poucas perguntas para que Ubirajara fosse levado à casa das meninas que protagonizaram o encontro com a dita criatura: as

irmãs Liliane de Fátima Silva, então com 16 anos, e Valquíria Aparecida Silva, com 14, e a amiga Kátia de Andrade Xavier, 22.

Estas, ao serem interpeladas pelo estudioso, declararam que a criatura vista

“parecia um homem, mas não era. Tinha pele marrom, olhos vermelhos arregalados, veias saltadas, pés enormes e três protuberâncias na cabeça” (UFO 43, abril de 1996, pág. 16).

As testemunhas teriam conseguido ver ainda que a pele da criatura era viscosa, e seus pés desproporcionalmente grandes; as “muitas veias saltadas”, que impressionaram as garotas, apareceriam principalmente nos ombros. Segundo um retrato falado, feito posteriormente, a criatura teria mais ou menos o aspecto da imagem abaixo, bastante conhecida após o relato das jovens.



Com efeito, as três garotas contaram que, tomadas de medo pelo susto, correram no mesmo instante para casa, assustadas e chorando. Segundo declarou Luísa Helena da Silva, mãe das irmãs Valquíria e Liliane, as filhas teriam chegado apavoradas em casa no meio daquela tarde, tremendo e dizendo entre soluços que tinham visto algo “muito feio”.

Cerca de quarenta minutos depois, Luisa, juntamente com outras pessoas, retornaria ao terreno baldio citado pelas garotas. A criatura, porém, já havia desaparecido, mas deixara sinais de sua presença: além de um estranho cheiro que empestava o local, pegadas de tamanho avantajado podiam ser facilmente percebidas na parte do terreno onde a criatura supostamente se encontrava quando do encontro com as garotas.

Nos dias que se passaram, Ubirajara continuou conversando com as envolvidas; o abalo psicológico das garotas era visível - e de fato, quando, posteriormente, as três garotas foram submetidas a exames clínicos, concluiu-se que as testemunhas teriam tido uma “experiência real”.

Frente a isso, a pergunta que então se impunha era: se o tal ser realmente estivera no terreno onde fora visto pelas três garotas, para onde teria ido depois?

Era essa a preocupação de Ubirajara, que começou a acompanhar de perto as estranhas movimentações que ocorriam na cidade mineira, contexto dentro do qual surgiria a primeira informação a respeito da captura do estranho ser. Uma testemunha ocular, o pedreiro Henrique José da Silva, vira num terreno próximo àquele onde as meninas teriam visto o “monstrinho” uma estranha movimentação envolvendo o Corpo de Bombeiros, por volta de umas dez horas da manhã. Sem conseguir identificar o que os bombeiros ali faziam, Henrique contou ainda ter ouvido de alguns curiosos que se aglomeraram no local que os bombeiros tinham capturado um ser estranho, levando-o ao Hospital Regional do Sul de Minas, um dos três hospitais existentes na cidade.

Ora, mais um problema aparecia com essa reconstituição: ora, se a criatura fora mesmo capturada no período da manhã, como ela poderia ter sido vista por Kátia, Liliane e Valquíria por volta das três e meia da tarde?

Começou-se a partir desse momento a considerar a possibilidade da existência não de uma, mas de duas criaturas.

Com efeito, com o “boato” sobre o encaminhamento da criatura capturada naquela manhã para o Hospital Regional do Sul de Minas, Ubirajara encaminhou-se para o local, em busca de novas informações. Lá, o diretor responsável negava insistentemente qualquer possibilidade da história ser verdadeira. Não obstante, uma enfermeira, após relutar muito em conversar, acabou contando ao ufólogo que, no domingo dia 21 daquele mês, presenciou ali uma movimentação bastante incomum, que teria envolvido médicos vindos de fora de Varginha, a Polícia Militar e algumas viaturas do Exército.

Segundo a informante, uma das alas do hospital foi interditada por algumas horas, de forma que funcionários, pacientes e visitantes não pudessem adentrar. Disse ainda que, no dia seguinte, fora chamada, juntamente com outros funcionários, para uma reunião na sala do diretor do hospital. Nessa ocasião, esse mesmo profissional, que no dia anterior recebera Ubirajara e negara toda a história, dizia à equipe do Hospital Regional que toda a movimentação deveria ser ignorada, que tudo não teria passado de um treinamento para médicos e militares, ressaltando a necessidade de manter qualquer informação a respeito “distante do senhor Ubirajara”.

Enquanto isso, o ufólogo dava andamento a suas investigações. Dentre as pessoas que o procuravam para dar seus testemunhos, uma lhe contara que, após tomar conhecimento dos “boatos” que se espalhavam pela cidade, fôra à portaria daquele mesmo hospital, ainda no sábado dia 20, por volta das dez e meia da noite. Lá, ao indagar ao recepcionista sobre a veracidade da história do “monstrinho”, recebera como resposta uma afirmativa, acrescida do adendo de que o ser não estava mais lá, pois tinha sido removido para outro hospital da cidade, o *Humanitas*.

De fato, este depoimento coincidia com testemunhos dados por inúmeras pessoas que moravam na região do referido hospital, segundo os quais a movimentação de tropas do Exército num portão lateral da instalação teria sido bastante intensa naquele dia.

Nesse ponto, a notícia do aparecimento do estranho ser em Varginha já chegava às pautas da grande imprensa, ganhando proporções nacionais. Foi assim que Vitório Pacaccini tomou conhecimento do caso.

Pacaccini, um dos ufólogos mais ativos do Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados (CICOANI), entidade sediada na capital mineira, após

acompanhar a notícia pelo jornal *O Estado de Minas*, e logo depois, pelo programa de televisão dominical *Fantástico*, foi designado pelo CICOANI para se dirigir a Varginha e acompanhar e auxiliar Ubirajara nas investigações.

Ubirajara, nesse momento, ao mesmo tempo em que recolhia depoimentos de civis, complementava suas pesquisas com tentativas de recolher a declaração de testemunhas militares. Foi com esse intuito que procurou, ainda naqueles dias, o Comandante da Polícia Militar de Varginha, que ao ser indagado sobre o envolvimento da PM na captura da suposta criatura, negou, veementemente, ter qualquer conhecimento da história, mas ofereceu-se, todavia, para checar melhor eventuais informações a respeito.

No entanto, quando o estudioso de Discos-voadores ligou para a corporação, no dia seguinte, o Comandante já não atendia o telefone. Contudo, o depoimento de um policial que ficara de plantão no dia 20 atendendo as chamadas de emergência através do serviço 190 revelava que, de fato, algumas pessoas teriam ligado para o Departamento de Polícia dizendo terem visto um “monstrinho” andando pela cidade.

Nesse ponto, muitas testemunhas já procuravam os pesquisadores com o intuito de contribuir com a investigação; entre elas, inúmeros militares, cujos relatos permitiam reconstituir com detalhes a maneira pela o Corpo de Bombeiros capturou, já na manhã daquele dia 20, e ainda com vida, a primeira das imaginadas duas criaturas que teriam aparecido na cidade mineira.

Segundo a reconstituição colocada por Ubirajara e Paccacini, era cerca de oito e meia da manhã, quando uma moça que passava com o noivo pelo Jardim Andere<sup>7</sup> assustou-se ao ver um ser estranho que saía de uma construção. Frente a estranheza da criatura, o choque fora tamanho que a moça acabou tendo que ser encaminhada ao hospital, como confirma os documentos administrativos dessa instituição.

O ser teria então, segundo apontaram uma série de outros relatos, descido lentamente por um grande pasto, onde teria sido visto algumas outras testemunhas, entre as quais crianças, que o descreveram como um ser “*parecido com gente e animal ao mesmo tempo*”. Cruzando as informações, esse teria sido o momento em que os inúmeros

---

<sup>7</sup> Bairro periférico da cidade de Varginha.

telefonemas eram dados para o quartel da Polícia Militar e para o Corpo de Bombeiros da cidade.

De fato, na ocasião, o comandante do Corpo de Bombeiros encaminhava quatro homens para verificar o caso; ao chegarem ao local da denúncia, segundo narrou uma testemunha da própria corporação, teriam chamado o próprio major ao local: o caso era bem mais complicado do que parecia, e até o Exército já se fazia presente.

A criatura, assustada, tinha se afastado e tentado se esconder numa mata ali perto. Os quatro bombeiros foram até a mata e capturaram o ser com uma rede. Durante a captura, como informou essa mesma testemunha, a criatura não esboçara nenhuma reação, permanecendo totalmente quieta, produzindo apenas um fraco ruído parecido com um zumbido de abelhas.

Visivelmente ferida, a criatura capturada foi colocada dentro de uma caixa de madeira e retirada da cidade por um caminhão do Exército. Pela descrição obtida, a criatura apresentava pele viscosa, olhos vermelhos, uma cabeça grande, com protuberâncias, braços finos e longos, pernas também finas, porém curtas, pés grandes e uma grande saliência no abdômen. As características eram idênticas àquelas descritas pelas três meninas que teriam visto a suposta segunda criatura, num lugar bastante próximo dali.

Seja como for, entre os inúmeros depoimentos recolhidos, destacava-se ainda um interessante relato, que se fazia notar por preencher a lacuna existente entre o momento em que o primeiro ser teria sido capturado, às 10 e meia da manhã e aquele em que as meninas se depararam, de chofre, com a dita segunda criatura, às 3 horas da tarde. Neste depoimento, um advogado da cidade conta que, por volta das duas da tarde, ao cumprir suas atividades físicas, caminhando pelo bairro do *Jardim Andere*, avistara um grupo de homens com uniformes de campanha, camuflados, que pareciam andar em formação, como que fazendo algum tipo de cerco e se dirigindo a uma mata ali próxima. O advogado, mantendo certa distância, começou a acompanhar a manobra; segundo afirmou, o homem da frente estava armado com pistolas e os dois das pontas traziam um armamento que descreveu como “pesado”.

Segundo o testemunho, os homens adentraram a mata, e pôde-se ouvir três tiros, após o que um caminhão do Exército, que aparentemente estava estacionado bem perto dali, se aproximou do ponto onde os militares entraram na mata e estacionou.

Os dois soldados que vinham por último traziam, cada um, um saco de campanha; no interior de um deles, um material inerte, pesado; no outro, algo aparentando ser igualmente pesado, mas que se mexia. Todos os homens subiram na carroceria do veículo e nele deixaram o local.

Anos depois, o depoimento de um militar reformado viria a confirmar a história.

Considerando-se todos os depoimentos, deveríamos supor, então, que seriam quatro, e não duas, as criaturas que apareceram em Varginha em 20 de janeiro daquele ano. E de acordo com as pesquisas de Ubirajara e Paccacini, ficava relativamente esclarecido como havia ocorrido a captura de três delas: as duas que foram capturadas pelos soldados do Exército, na manobra ora descrita, e aquela capturada ainda pela manhã daquele mesmo dia.

Faltava saber o destino do ser visto pelas garotas Liliane, Valquíria e Kátia.

Segundo consta, a captura de tal ser também ocorrera no mesmo dia 20, porém, à noite; sua investigação envolveu um dos aspectos mais delicados do “caso do ET de Varginha”, cujo termo se deu com a morte do policial militar Marco Eli Chereze, que teria participado da captura. O que segue foi descoberto por Ubirajara e Pacaccini logo nos primeiros meses de investigação, notadamente a partir do depoimento de algumas testemunhas militares, cujas identidades não puderam ser reveladas<sup>8</sup>.

Como vimos, o destino da criatura avistada naquela tarde pelas três meninas no terreno do *Jardim Andere* ainda era desconhecido, e pelo menos aparentemente, também pelas autoridades. Mas isso se alteraria já no princípio daquela noite.

Segundo depoimentos, era cerca de 18:00 horas quando Eric Lopes e Marco Eli Chereze, policiais do serviço de inteligência da PM, faziam o fim de seus turnos, e prontos

---

<sup>8</sup> Todas as testemunhas militares que deram seus depoimentos, o fizeram em função da não divulgação de suas identidades, o que foi consentido, dado o entendimento por parte dos ufólogos no que diz respeito aos deveres dessas testemunhas para com sua corporação, o que implica prisão e o sofrimento de outros tipos de sanção.

para finalizar suas atividades, receberam pelo rádio a instrução de que deveriam permanecer até segunda ordem vistoriando as ruas do Jardim Andere, atentos para qualquer “coisa incomum”.

Apenas alguns momentos depois, ao ladear o pasto que fora, pela tarde, cenário dos acontecimentos já relatados, os dois policiais viram algo sair subitamente de uma construção, passar com dificuldades bem à frente do carro e entrar no pasto. Frearam. Aquele “animal”, segundo pensaram, estava aparentemente ferido; um animal, aliás, antropóide, relativamente grande, que despertou o interesse dos PMs. Contaram depois que saíram do veículo e se aproximam do ser, que perceberam não se tratar exatamente de um animal.

Alguns dias depois, a resposta de Chereze ao pai, quando este o questionava acerca da veracidade dos boatos sobre a “bobagem que estão comentando na cidade, de que a polícia capturou um monstrinho ou um ser estranho”, teria sido a seguinte, como contou o próprio pai do policial, em seu depoimento: “Pai, não é bobagem. Você vai ver, isto ainda vai dar o que falar...”.

Chereze foi o primeiro a chegar perto. Viu que era um “ser humano”, porém “todo deformado, repugnante”. O “homem”, que permanecera até então imóvel, com a aproximação de Chereze, esboçou uma leve intenção de se esquivar. O policial, então, num reflexo, agarrou-o pelo “braço”, e levou-o à viatura.

Lopes e Chereze, já bastante surpresos pela natureza desconhecida da criatura - que estava longe de ser um humano ou qualquer animal conhecido - ficaram ainda mais confusos frente à necessidade de se levar “aquilo” para qualquer local onde pudesse ser assistido e medicado; deitado no banco traseiro da viatura, a criatura quase não se movia, estava claramente muito ferida, morrendo.

Pensaram em encaminhar a criatura, pelo menos num primeiro momento, ao posto de saúde mais próximo, que mantinha um médico de plantão. Lá chegando, segundo narrou uma testemunha, teriam ouvido do plantonista, assustado ao ver a criatura: “Levem isso a um hospital, ao zoológico, não sei, mas saiam com isto daqui. Não quero saber de encrenca”.

Os policiais levaram então o ser ao Hospital Regional, o mesmo que supostamente teria recebido a primeira criatura capturada. Seja como for, o fato é que no hospital,

segundo apontou um depoimento, Lopes e Chereze não só encontraram uma ala interditada, com os internados transferidos para outros setores da instituição, mas, também desde aquela manhã, toda a rotina de trabalho dos profissionais do local total e estranhamente alterada.

Segundo as pesquisas de Ubirajara e Pacaccini, durante aqueles dias, no Hospital Regional, pessoas movimentavam-se apressadamente para todos os lados; ninguém tivera acesso a salas em que normalmente o trabalho é rotineiro. No corredor de acesso, dois soldados fortemente armados guardavam o local.

Nesse contexto, vale acrescentar que a inacessível ala requisitava, a todo momento, diferentes tipos de alimentos: frutas, verduras, leite, sopa batida, iogurte, soro; tudo era pedido em horários bastante incomuns; segundo testemunhas, todos os esforços teriam sido mobilizados para manter a criatura com vida. Tal frenesi teria durado, como apontam alguns depoimentos recolhidos pelos ufólogos, até pouco antes das 17 horas do dia 22, quando o ser teria falecido.

Várias seriam as declarações, recolhidas pelos ufólogos durante a pesquisa, que nos falam sobre as características físicas da criatura já sem vida. Numa delas, o ser morto é descrito da seguinte forma:

“tinha sobre o pescoço curto uma cabeça muito grande, ondulada, com protuberâncias nos ossos cranianos. Seu nariz praticamente não se via, eram apenas pequenos orifícios. Os olhos, saltados para fora das órbitas, compunham-se de duas esferas alongadas e avermelhadas, sem pálpebras”.

Vale destacar que algumas testemunhas enfatizaram sobre a presença do fortíssimo cheiro de amoníaco que impregnava o ambiente do Hospital Regional naqueles dias; o mesmo cheiro descrito pela mãe de Valquíria e Liliane, ou que alegaram os militares envolvidos na captura e no transporte de qualquer um dos outros seres.

Entrementes, a partir do cruzamento das informações colhidas durante a pesquisa do caso, Pacaccini e Ubirajara puderam saber que, logo após esse momento em que a criatura capturada pelos policiais Lopes e Chereze perdia a vida no Hospital Regional do Sul de Minas, o que ocorreu por volta das 17h00 do mesmo dia 22, soldados do Exército

colocaram o corpo inerte numa caixa de madeira, a inseriram na carroceria de um caminhão que aguardava estacionado ao lado do Hospital, e a levaram, tal como a primeira criatura capturada, num comboio à Escola dos Sargentos das Armas (ESA), na cidade vizinha de Três Corações. Na madrugada seguinte, cerca de quatro horas da manhã, o mesmo comboio seguia para Campinas, interior do estado de São Paulo.

De fato, um depoimento dado por um militar a Ubirajara e Pacaccini revelou que o comboio que transportava os corpos das criaturas capturadas em Varginha, ao chegar em Campinas, passou rapidamente pela Escola Preparatória de Cadetes do Exército, após o que os seres teriam sido transferidos para a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Uma vez dentro desse centro de pesquisas, ao menos um dos seres teria sido entregue ao médico legista Fortunato Badan Palhares, que teria sido responsabilizado pela necropsia da criatura, segundo depoimento de um cientista ligado a essa instituição. Seja como for, e muito embora Badan continue negando qualquer ligação sua com o caso, supõe-se que seu envolvimento tenha se dado não por conta, apenas, de suas competências profissionais - na época, o médico era chefe da equipe de legistas do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas e reconhecidamente um dos especialistas mais respeitados do país. Especula-se, nesse sentido, sobre a ligação do “caso do ET de Varginha” com o grande escândalo político que, na época, figurava na primeira página dos principais jornais do país.

Refiro-me aqui ao suposto assassinato de “PC Farias” por sua namorada, Suzana Marcolino, que teria suicidado a seguir. Tal escândalo se colocava no contexto da CPI do Narcotráfico, que tinha em Badan Palhares o técnico responsável por fazer as perícias dos casos que envolviam traficantes e governantes.

Nesse caso em questão, a tese do legista da UNICAMP - de que Suzana assassinara Paulo Cezar, suicidando-se depois, num crime passional - foi desmentida por inúmeros outros especialistas, que mostraram não só que Badan fabricava, nesse caso, um laudo falso para despistar a Polícia Federal - ambos os amantes tinham sido assassinados por matadores de aluguel -, como mesmo provavam o envolvimento de Badan com toda a rede de corrupção; o médico, pago por políticos e por chefes do narcotráfico, sistematicamente fabricava laudos que provavam a inocência dos envolvidos.

A Ufologia especula que Badan, colocado em meio a esse contexto histórico político por que passava o Estado brasileiro, e seu próprio envolvimento com ele, poderia muito bem se colocar como um cúmplice seguro, com que o governo poderia facilmente contar. Palhares estava sendo investigado pela Justiça, e seria facilmente condenado, como indicava o encaminhamento do processo; todavia, poderia ser muito bem absolvido prestando um serviço sigiloso ao governo – era assim que a análise dos corpos das criaturas capturadas no interior de Minas Gerais aparecia como uma ótima oportunidade de se restituir perante o Estado.

De qualquer modo, fato é que, naqueles dias, quando Badan Palhares supostamente fazia a autópsia de pelo menos uma das criaturas, o acesso aos corredores do prédio do Hospital das Clínicas da UNICAMP foi restrito, restrição nunca antes vista pelos funcionários do local; nem o próprio Prefeito de Campinas, Adalberto Magalhães Teixeira, que então se recuperava de uma doença no dito hospital, podia receber a visita de sua esposa, algo notoriamente incomum em se tratando da maior autoridade administrativa da cidade.

Seja lá como for, fato é que, mais ou menos 20 dias após aquele em que Badan e sua equipe supostamente estudavam a criatura a eles entregue pelo Exército, outra autópsia ocorreu longe dali, em Minas Gerais. O corpo estudado dessa vez era o de Marco Chereze.

\* \* \*

Alguns boatos corriam em Varginha de que um dos policiais militares envolvidos no recolhimento de um dos seres tinha falecido. Ubirajara, recorrendo aos registros dos cartórios de Varginha, confirmou que um policial havia realmente falecido pouco tempo depois de ter efetuado a captura, e através das informações desse registro conseguiu localizar a família do rapaz. Esta, entretanto, não sabia acrescentar muitos detalhes acerca da morte do policial, que durante muito tempo não pudera ser totalmente esclarecida, em vista da falta de acesso à documentação oficial ligada a sua necropsia. Com efeito, foi somente em 1997, quando o “Caso Varginha” completava um ano, que a família e os ufólogos que investigavam o caso puderam ter acesso ao laudo; seu conteúdo informava

que Chereze morrera em virtude de uma infecção generalizada em seu organismo, mas não especificava a causa do problema.

Não obstante, o que hoje se sabe a respeito é que, poucos dias depois daquele 20 de janeiro em que o policial capturara a criatura, um furúnculo surgira numa das axilas do PM, furúnculo extraído logo em seguida nas dependências do próprio quartel da corporação. Alguns dias após a pequena cirurgia, porém, o policial chegara em casa sentindo fortes dores nas costas, dores que, dias depois, se transformariam em febre e num processo gradativo de paralisia.

Devido ao agravamento de seu estado, Chereze acabou sendo levado pela família ao Hospital Bom Pastor, onde ficou isolado de todos, em quarentena, internado por vários dias; seus familiares, que não conseguiam ter contato sequer com o médico responsável pelo tratamento do policial, tampouco imaginavam qual seria sua doença.

Alguns dias se passaram, e sem nenhum tipo de melhora, Chereze foi transferido para o Hospital Regional do Sul de Minas - ironicamente, o mesmo para onde ele próprio teria levado, naquela noite de 20 de janeiro, a criatura capturada. Lá chegando, foi diretamente levado ao Centro de Tratamento Intensivo da instituição, aonde veio a falecer no dia 15 de fevereiro.

Outros acontecimentos se ligam à narrativa que ora reconstituo. Não gostaria de narrá-los, no entanto, sem antes fazer sobre eles algumas ponderações, ponderações que, aliás, já a muito deveriam ter sido colocadas por dizerem respeito, de um lado, à própria exposição deste caso, que é feita a partir de uma perspectiva particular, e de outro, por explicar sua alcunha, qual seja: “o caso do ET de Varginha”.

Sobre a primeira dessas ponderações, reitero que a reconstituição desse narrativa, desse “fato ufológico” por assim dizer, foi pensada e escrita sobretudo a partir da leitura dos livros, artigos e relatórios de Ubirajara Franco Rodrigues e Vitorio Pacaccini, os dois ufólogos que se dispuseram a estudar mais a fundo os acontecimentos daquele início de 1996. Dessa maneira, é importante complementarmos esse parêntese aberto lembrando que a Ufologia, enquanto um discurso explicativo da realidade, começa a ganhar espaço na sociedade moderna a partir do momento em que outras instituições formalmente responsáveis por atribuir significado ao mundo não conseguem se valer de categorias

adequadas para explicar determinados fenômenos, no caso, fenômenos associados ao aparecimento de *objetos voadores não identificados*, como discutimos anteriormente.

É exatamente isso o que aconteceu com os eventos narrados nesse capítulo. Para a Ufologia, personificada nas figuras de Ubirajara e Pacaccini, a “estranha criatura”, o “ser desconhecido”, visto pela Ciência e pelas demais “autoridades” supostamente responsáveis por significar oficialmente o mundo como inexistente, foi, à imagem do processo que ocorre na transformação dos *Objetos Voadores Não Identificados* em “naves extraterrestres”, interpretado como sendo um alienígena, o “ET de Varginha”.

Ora, mas se de fato criaturas oriundas de outros planetas, como elas teriam vindo parar na Terra? Haveria algum tipo de testemunho ou informação referente à observação da presença, ou mesmo da queda de uma nave espacial na região? De fato, frente a todos os apontamentos e informações conseguidos por meio de um longo trabalho investigativo, essas eram perguntas que definitivamente deveriam ser enfrentadas para que uma associação entre as criaturas vistas em Varginha e o fenômeno UFO pudesse ser vista como plausível, inclusive pela própria Ufologia. Coincidência ou não, fato é que as investigações, ao mesmo tempo que traziam as declarações que permitiram reconstruir a maneira pela qual as criaturas teriam sido capturadas, também levaram Ubirajara e Pacaccini a episódios que antecederam o dia 20 de janeiro, e que, assertivamente, ajudavam a responder as perguntas acima colocadas.

Nesse sentido se colocava, por exemplo, a informação de que na madrugada imediatamente anterior ao dia em que as criaturas foram encontradas e capturadas na cidade mineira, um *Objeto Voador Não Identificado* fora visto sobrevoando uma propriedade rural situada à beira da estrada que liga Varginha a Três Corações. Eurico Rodrigues de Freitas e Oralina Augusta de Freitas, caseiros da tal propriedade, contaram que naquela noite foram acordados pelo barulho feito pelos animais da fazenda, que “assustados com algo, corriam de um lado para outro do pasto, bem em frente à janela da casa”.

Eurico, ao sair da casa para ver de que se tratava, pôde observar, no céu, sobrevoando lentamente a fazenda, um objeto alongado, de cor cinza, “em forma de submarino, do tamanho de um microônibus”; segundo o casal, o aparelho não apresentava luzes na sua parte externa e parecia estar danificado, “soltando muita fumaça”. A “nave”

teria sido avistada durante vários minutos, tendo em seguida se dirigido em direção a Varginha. Seria essa a “prova” de que realmente houvera um acidente na região de Varginha envolvendo um Disco-voador?

Seja como for, outros depoimentos também enfatizavam essa hipótese; dentre eles, o de uma testemunha militar, que declarou ter visto chegar à ESA dois caminhões carregando fragmentos metálicos, que teriam sido posteriormente encaminhados para análises no Centro Tecnológico da Aeronáutica.

Frente aos relatos dessas testemunhas, outras coincidências viriam arrematar as conclusões a que chegavam Ubirajara e Pacaccini, coincidências ocorridas, diga-se de passagem, nos dias, semanas e meses que imediatamente antecederam aquele tumultuado dia 20. Dentre elas, vale lembrar o testemunho de diversos moradores de Três Corações, que afirmam terem visto, no dia 16 daquele mês, três holofotes de rastreamento aéreo da Base da ESA funcionarem durante toda a noite, vasculhando os céus da cidade. Nesse sentido, com efeito, segundo colocava um operador de radar do Rio de Janeiro, pelo menos desde o final de 1995, UFOs vinham sendo detectados sobrevoando o sul de Minas. A região também era monitorada por satélite por militares norte-americanos, que alguns dias antes do avistamento das três jovens, entraram em contato com oficiais das Forças Armadas brasileira.

Por fim, antes de concluir essa que chamei de uma “(re)construção de um fato ufológico”, gostaria de lembrar que também nos dias posteriores àquele 20 de janeiro de 1996, quando as criaturas foram vistas e capturadas na cidade mineira, inúmeros outros eventos ufológicos tinham lugar nas redondezas de Varginha, eventos que tinham como pano de fundo uma onda de avistamentos de OVNIs nunca antes vista na região.

Dentre esses eventos posteriores ao dia 20 de janeiro, destacam-se inúmeros relatos de UFOs cercando automóveis, pairando sobre casas e perseguindo pessoas, como é o caso narrado por Ronaldo Silva, morador do bairro onde está localizado o Hospital Humanitas, em Varginha. Ele teria visto, naqueles dias, um aparelho que “lembrava uma bolha de sabão, refletindo as cores do ambiente; [o aparelho] pairava a baixa altitude, movimentando-se lentamente sobre um pasto (...), parecendo uma mãe procurando os filhos”.

Nesse mesmo sentido também se colocam relatos envolvendo o avistamento de outras criaturas, todas apresentando as mesmas características descritas por Liliane, Valquíria e Kátia, as três meninas que teriam visto o ET no pasto do Jardim Andere. Um dos mais interessantes desses testemunhos foi dado pela senhora Terezinha Gallo Clepf, esposa de um político da região, que na noite do dia 21 de abril, durante uma festa realizada num restaurante localizado no interior do Zoológico de Varginha, teria visto, da varanda do restaurante, uma criatura “de pele marrom escura, olhos grandes, de cor avermelhada, aparentemente sem pupilas e luminosos”.

Sob forte impacto emocional, ela entrou no salão onde era realizada a festa e pediu para seu marido levá-la embora, só revelando mais tarde sua experiência. Fato curioso é que, nos dias que antecederam o evento contado por Dona Terezinha, vários animais do zoológico (dois veados, uma jaguatirica, uma anta e uma arara azul) tinham aparecido misteriosamente mortos. Comentando o ocorrido, a bióloga e diretora do zôo, disse achar “inexplicável que seus animais, que comiam alimentos diferentes e balanceados, vivendo em espaços distanciados entre si, tenham morrido da noite para o dia sem apresentar qualquer sintoma de patologia”. O fato é que os animais pereceram todos com a mesma hemorragia difusa, sendo que parte deles apresentava uma lesão intestinal. Entretanto, a despeito das análises feitas, a causa das mortes continua sem explicação, muito embora os estudos sugeriram a presença de um tóxico cáustico no interior das vísceras dos animais.

Antes de passarmos ao próximo capítulo, onde analisaremos o modo pelo qual a Ufologia *constrói* seus *atos científicos*, talvez também valha colocar aqui dois incidentes envolvendo a mãe das irmãs que ficaram nacionalmente conhecidas por falarem na imprensa sobre a criatura que viram num terreno baldio de Varginha naquele 20 de janeiro de 1996. O primeiro deles se refere a uma estranha visita recebida por Dona Luisa numa tarde em que apenas ela e uma das garotas se encontravam em casa, quase um mês depois de que suas filhas teriam visto a criatura.

“Bateram palma na frente do portão; Valquíria foi atender e disse que tinha quatro homens lá fora”, conta Luiza. “Enquanto fui ao quarto trocar de roupa, eles foram entrando, não esperaram para ver se podiam entrar ou

não, foram chegando e entrando, invadindo minha casa. Falaram meu nome, como se já me conhecessem, dizendo que queriam bater um papo comigo e com as meninas sobre o ET que elas viram. Falaram que era a única hora que podiam estar ali e me pediram pra trancar o portão porque a conversa era particular e não poderia receber nenhuma visita. Fiquei com medo mas, assim mesmo, a Valquíria foi trancar o portão” (UFO ESPECIAL, Edição 13, julho de 1996, 24-25).

“Primeiro”, segue contando a mãe das testemunhas, “perguntou às meninas o que tinham visto (...) Como sempre, elas contaram a história, com os mesmos detalhes. Perguntei se tinha sido o Ubirajara que os havia mandado para cá. Um dos homens me disse que não tinha nada com o Ubirajara e que era para eu esquecer-lo. Depois de terem ouvido as meninas, perguntei quem eram, disseram-me que não nos interessava saber (...) Falaram que sabiam que eu era pobre, empregada doméstica, que vivia de salário, da dificuldade de minha vida, e que meu marido não ganhava nem dois salários mínimos. Ofereceram uma proposta para mim, dizendo ser irresistível, que não queria me comprar, mas que essa ajuda era milionária” (*idem, ibidem*, 25).

Dona Luisa, contando o fato aos ufólogos, acrescentou ainda que dado o grande medo que ela sentiu naquele momento, acabou dando sua palavra que levaria as meninas até uma emissora de TV para desmentir a história da criatura vista na tarde do dia 20 de janeiro - promessa que acabaria não cumprindo.

Segundo ela, o encontro com os tais “homens vestidos de preto” voltaria a acontecer após um mês, numa noite em que precisara permanecer no emprego até a madrugada. Conta ela que nessa noite,

“ao ir para casa, caminhou pela Avenida Rio Branco, no centro de Varginha, pretendendo percorrer todo o restante da praça central, passando pelo lado direito da Igreja Matriz, para apanhar o longo percurso que a

levaria até seu bairro. Não havia ninguém na rua. Raramente passava um ou outro carro” (Revista UFO, Edição 100, junho de 2004, 21).

Foi quando

“um automóvel de cor preta aproximou-se devagar, dirigido por um homem e trazendo um outro no banco de trás. Pararam e não ofereceram, mas disseram imperativamente que iriam lhe dar uma carona. Assustada, olhou para os lados para ver se algum fortuito transeunte poderia lhe servir de escudo contra aquela gentileza preocupante. Não houve alternativa. O motorista saiu do automóvel, abriu a porta e aguardou, com olhar frio, que ela entrasse” (*idem, ibidem*, 21-22).

A mãe das meninas que teriam visto a desconhecida criatura cerca de um ano antes rapidamente reconheceu o homem: era o líder dos quatro visitantes que haviam comparecido à sua residência. Entrou no carro, que se dirigiu para fora da cidade, parando em uma estrada de terra, não muito distante. Foi quando o estranho homem teria se dirigido à Dona Luisa, segundo nos conta uma reportagem da Revista UFO:

“A senhora nos conhece, está lembrada de mim? A gente já esteve na sua casa. Jamais vamos fazer algum mal para a senhora. Queremos pedir segredo, mas daquela vez a senhora acabou conversando com os ufólogos, foi para a imprensa. Não sei por que, mas a senhora acabou falando, precipitou-se. Agora, a gente vai falar mais a sério com a senhora, pode ficar tranqüila e confiar na gente” (*idem, ibidem*, 22).

Acendendo então a luz do teto do automóvel, o homem entregou à mãe das meninas duas fotografias, copiadas em papel de tamanho ofício, uma vertical e outra horizontal. Segundo contou à Revista UFO:

“Numa delas havia uma criatura deitada, aparentemente morta, com caroços grandes como pelotas na cabeça. A foto foi tirada de lado, com a lateral direita da criatura visível, de corpo inteiro. Ela possuía três dedos compridos, muito grandes, pernas muito finas e pés enormes. O braço estendia-se até bem abaixo do joelho. Estava sem roupas. A outra foto mostrava uma criatura idêntica de pé, aparentemente viva, com olhos saltados e vermelhos, arregalados e de lábios muito finos, esticados anormalmente para os lados, como se a boca se estendesse” (*idem, ibidem*, 22).

A proposta para que tudo fosse desmentido por ela e suas filhas nos meios de comunicação foi reiterada de forma mais enfática, num tom ameaçador. Quando Dona Luisa chegou em casa, afinal, já passava das cinco da manhã. Mais uma vez, ela revelou aos ufólogos a abordagem a que fora submetida durante o encontro, além das outras a que a esta se seguiu, por meio de telefonemas ou por intermédio dos patrões de Luisa, que foram procurados e orientados a despedir a mulher.

## EM BUSCA DA LEGITIMIDADE

Se observarmos atentamente todas as declarações, depoimentos e testemunhos dados por aqueles que viram ou - direta ou indiretamente - acabaram por se envolver com o chamado “Caso Varginha”, veremos que, num encadeamento coerente de coincidências, muitos são os elementos que favorecem o tratamento do caso como um “fato”, uma *Verdade*, revelada pelo trabalho investigativo, metódico e assim, por que não dizer, *científico* da Ufologia. Esse será o tema do presente capítulo.

Doravante, antes de voltarmos nossa atenção para os mecanismos utilizados pela Ufologia para, de um lado, descobrir suas verdades, e de outro, revesti-las de uma essência *Lógico-Científico-Racional*, gostaria de notar o significado assumido, nas sociedades modernas, pela concepção de “descoberta científica”, fundamental para a reflexão que a ela se seguirá.

Atributo de nossas certezas, as “descobertas” se apóiam na noção de que todas as coisas possuem uma existência concreta, objetiva, ainda que essa existência se encontre “coberta” de nossa consciência. Por sua vez a Ciência, iluminada, teria justamente a função de se atirar ao encontro do “desconhecido”, e “descobrir” à nossa lucidez esses elementos dantes despercebidos, ou - importante acrescentar - erroneamente interpretados pelos matizes *mágico-mítico-religiosos* do pensamento vulgar.

Dito isso, resta complementar essa apreensão notando que essa função *desmistificadora* da Ciência, tem sido interpretada por algumas recentes reflexões antropológicas como uma faceta dada num plano, por assim dizer, *ideológico*. O sociólogo das Ciências Bruno Latour é um dos nomes geralmente lembrados quando essas questões são colocadas em pauta. Um trabalho intitulado “Vida de Laboratório” (1997), por ele escrito junto ao americano Steve Woolgar, nos mostra o porquê.

Sub-intitulado “A produção dos fatos científicos”, a obra nos apresenta argumentos capazes de justificar a afirmação de que a noção de Ciência apresentada no parágrafo anterior pode sim ser entendida como algo *ideológica*, aparente. Com efeito, por meio do estudo do processo pelo qual certo “fato” é “descoberto”, Latour e Woolgar admitem que as “Verdades científicas” devem ser vistas não só como realidades concretas, mas antes como “verdades construídas”, objetiva e incontestavelmente construídas, aliás. Explico.

Num outro livro, que leva o nome de “Jamais fomos modernos” (1994), Latour reitera essa idéia de modo ainda mais enfático; nesse texto, todos os olhares se voltam para meados do século XVII, quando o anglo-irlandês Robert Boyle, ao tentar medir o peso e a elasticidade do ar por meio de alguns experimentos, acaba, segundo Latour, criando uma “nova” modalidade para a Ciência, legítima a ponto de estruturar o elemento mais central do mundo moderno: sua “constituição”.

Note-se que com o termo “constituição” - escrito com “c” minúsculo - Latour se refere não à esfera da Política, com seus valores burgueses consolidados pelos parisienses gritos de *égalité*, *liberté* e *fraternité*, mas de outro modo, à própria delimitação dos significados das coisas, dos seres, da Natureza. E nessa condição, vale acrescentar, “constituição” remete não só à finitude e à totalidade que cada elemento representa “concretamente” em si mesmo, como define igualmente, o tipo de relação que entre eles se estabelece “naturalmente”. Em outras palavras, o que faz Boyle é outorgar à Ciência a função de explicar as coisas, de dar *significado* ao mundo.

Como isso é feito? Bem, como aponta Latour, Boyle idealiza e constrói um mecanismo composto basicamente por cúpulas e redomas de vidro e uma pequena bomba de sucção, capaz, em tese, de suprimir o ar do interior equipamento, a partir do quê faziam-se as medidas e pesagens. Com tal artefato, Boyle concretizou incontáveis experiências, que acabavam sempre por “provar” que o ar era totalmente suprimido dos recipientes quando velas ou pequenos animais ali inseridos eram, com o funcionamento da bomba de ar, apagadas ou mortos.

Mas o mais importante, segundo Latour, era o que se colocava, literalmente, ao redor do artefato, a saber: outros especialistas, pensadores, filósofos, enfim, pessoas de reconhecida importância naquela elisabetana sociedade, que pudessem “testemunhar” o bom funcionamento dos experimentos, e assim, validar suas conclusões.

Em outras palavras, a grande inovação da Ciência desenvolvida pelo filósofo natural Robert Boyle tangia sim o equipamento utilizado para suas experiências, mas extrapolava a lógica do próprio experimento ao delegar àqueles que assinavam a legitimidade dos conhecimentos construídos no laboratório a importante função de transformá-los em *Verdade*.

Assim, pode-se dizer que

“Boyle escolhe um método de argumentação, o da opinião, ridicularizado pela mais ancestral tradição escolástica. Boyle e seus colegas abandonam a certeza do raciocínio apodítico pela doxa (...) Ao invés de fundar-se sobre a lógica, a matemática ou a retórica, Boyle funda-se sobre uma metáfora parajurídica: testemunhas confiáveis, bem aventuradas e sinceras reunidas em torno da cena da ação podem atestar a existência de um fato” (Latour, 1994, 23).

As conclusões dessa nova Ciência boyleana, metódica, empiricista, eram sim criações, no sentido mais literal do termo; mas nem por isso, diga-se de passagem, essas conclusões apresentavam-se como irreais. Muito pelo contrário, justamente por serem produzidos sob circunstâncias totalmente artificiais e controladas, os fatos científicos deveriam mesmo ser, e assim o eram, tratados como concretos e verdadeiros.

Ora, nesse ponto, duas semelhanças já poderiam ser traçadas entre as *Hard Sciences* inauguradas por Boyle e a ciência que se coloca como mote do presente estudo, a Ufologia. Isso porque, de um lado, teríamos que, tanto num caso como em outro, preenche-se uma espécie de “significante zero” com uma “categoria nativa”, ou em uma palavra, torna-se explicado algo a princípio inexplicável. De outro lado, é a partir da validade da palavra daqueles que testemunham esse processo de explicação que se busca a legitimidade para o que foi “descoberto”.

Dessa maneira, se ativermos nosso foco na Ufologia, teremos que, da mesma forma que as Ciências formais, também aqui o desconhecido, sintetizado na máxima *Objeto Voador Não Identificado*, passa a ser conhecido e explicado por meio de um “tratamento metódico” dado às evidências do fenômeno, ao mesmo tempo em que se preza pela idoneidade e pela “boa fé” dos cientistas que se propõem a estudar o aparecimento dos Discos-voadores, elementos sem os quais qualquer verdade estaria inexoravelmente relegada a situação de ficção.

Agora, se de fato não restringidos a realidade do laboratório, como funcionava a produção dos fatos científicos boyleanos, isso já é outra história; todavia, o “fato” é que, homologamente à construção do conhecimento Científico, também na Ufologia o que se

têm é um mecanismo de validação do “fato” onde o testemunho atesta a realidade do objeto a ser estudado, que supostamente existe, independentemente do conhecimento que se tenha dele.

\* \* \*

Ora, até esse ponto, o que tivemos foi uma análise do processo pelo qual o conhecimento é construído pelo pensamento ufológico. Todavia, resta-nos, como anteriormente proposto, olhar para a “epistemologia” da ciência dos Discos-voadores, de modo a percebermos a maneira pela qual a Ufologia impõe a esse conhecimento construído seus limites.

De fato, enquanto uma ciência, a disciplina ufológica prevê a necessidade de refletir sobre os aspectos necessários a sua validação, ou em outras palavras, em como tornar suas hipóteses relativas à vinculação do *não identificado* às verdades dos discos-voadores passíveis de serem acreditadas nas sociedades modernas, marcadas sobretudo pela desconfiança - para não dizermos abominação - de tudo aquilo que ela entende como pertencente às formas *mágico-mítico-religiosas* de pensamento.

Com efeito, isso se dará por meio da forma segundo a qual a Ufologia elabora e articula suas repostas às acusações a ela dirigidas por parte das ditas *Hard Sciences*, quais sejam: a suposta inexistência de um objeto de estudo concreto e verdadeiro - Discos-voadores não existem! -, ou mesmo no que tange a sua completa falta de *Lógica*, *Cientificismo* ou *Racionalidade*, pois que trabalha com “provas” duvidosas, inexatas, subjetivas, de um lado, e se associa a aspectos *mágicos*, *míticos* e *religiosos*, de outro.

Contra-ataca a Ufologia:

“Se quisermos mencionar uma prova absoluta e cabal, temos que pegar um disco-voador ou um ser extraterrestre, colocá-lo em cima de uma mesa de laboratório, chamar cientistas e mostrar a eles. Como isso ainda é utópico (...), nós vamos partir para outra linha de pensamento: engano de quem pensa que é difícil existir uma metodologia científica para verificar tais fenômenos quando não se têm evidências, provas materiais, um pedaço de disco-voador para analisar (...) A Ciência realmente precisa experimentar,

tocar o fenômeno e o reproduzir. Mas antes disso, existem passos que são altamente convincentes na aceitação de um fenômeno (...) Temos provas testemunhais, circunstanciais, documentais, materiais, evidenciais - e a prova testemunhal é importantíssima. É a prova testemunhal que nos permite chegar ao ponto em que chegamos” (UFO ESPECIAL nº 13, Julho de 1996, pág. 32 - 33).

E conclui:

“A prova testemunhal nos permite trabalhos estatísticos, análises de sintomas, de comportamento, padrões de manifestação, tudo da metodologia científica. (...) a prova testemunhal é a mais completa que existe” (*idem, ibidem*, 33).

Em suma, pode-se dizer que as respostas dadas às acusações colocadas pelas Ciências Formais apresentam-se como uma espécie de complemento ao rigor direcionado às questões de metodologia, seja no estudo das provas materiais da presença extraterrena em nosso planeta, como no caso das fotografias, sejam nas análises dos depoimentos daqueles que de alguma forma testemunharam essa presença. Em uma palavra, a argumentação que assume a ciência dos Discos-voadores aparece como uma espécie de “exaltação de si mesma”.

Aqui se inserem, por exemplo, depoimentos de indivíduos que se mostram não apenas em posições de destaque na sociedade, mas que falam de um lócus colocado sob a égide do *Lógico-Científico-Racional*. Declarações como a seguinte, atribuída ao major-brigadeiro Atheneu Ajambuja, comandante do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra), são frequentemente utilizadas pela Ufologia para esse propósito de “auto-exaltação”.

“os ufólogos têm mais preparo para conduzir as pesquisas ufológicas do que a própria Aeronáutica”. (Revista UFO, Edição 111, junho 2005, pág. 24).

Obviamente, muitos poderiam ser os significados das palavras do militar, que poderia inclusive estar reafirmando sua posição sobre inexistência dos discos-voadores. Com efeito, ele poderia estar utilizando da ironia para reiterar que os ufólogos teriam sim mais condições de estudar algo que não existe do que as próprias Forças Armadas, mais aptas a lidar com o real. A leitura feita pela Ufologia, entretanto, é uma só, e tem como sentido investir na qualificação do ufólogo enquanto “Cientista” (“C” maiúsculo) responsável e idôneo, como exemplifica também o fragmento abaixo, que bem ilustra situações não raramente encontradas nos textos ufológicos.

“Phillips é engenheiro civil, fotógrafo profissional, piloto de carros de corrida, músico e espeleólogo. Participou do Programa de Rastreamento do Satélite Vanguard e trabalhou como engenheiro no projeto de mísseis Minuteman, do governo dos EUA. Ele começou a investigar UFOs em 1964 (...) Phillips foi também membro de um grupo de elite a se reunir com o secretário-geral da ONU em Nova York. Já participou de programas de tevê das redes norte-americanas NBC e CBS...” (Revista UFO, número 97, março de 1994, pág. 12).

Aqui observa-se claramente como as reiteradas citações de atributos como o *status* da profissão do ufólogo (“Phillips é engenheiro civil, participou do Programa de Rastreamento do Satélite Vanguard e trabalhou no projeto de mísseis do governo dos EUA”), e a versatilidade com que se envolve com diferentes áreas do conhecimento (fotografia, música e espeleologia) funcionam como credenciais que imputam autoridade ao conhecimento com que ele lida.

Finalmente, como último exemplo dessa primeira estratégia da Ufologia adotada no intuito de exaltar a si mesma enquanto prática portadora de seriedade e rigor dignos das *Hard Sciences*, cito a frase abaixo, dita supostamente por “ninguém menos que Albert Einstein”, diria a Ufologia.

“Os UFOs vêm de uma civilização que deixou a Terra há 100 milhões de anos e agora volta para ver como estamos” (Revista UFO, Edição 59, junho de 1998, pág. 13).

Não obstante, para responder à desqualificação colocada pelas *Hard Sciences*, e complementar sua auto apresentação enquanto uma Ciência Lógica, Metódica e Racional, a Ufologia, além da “exaltação de si mesma”, acima destacada, se vale igualmente de outro interessante mecanismo, que aqui ousou caracterizar como um processo em função do qual cria para si alteridades, alteridades essas, aliás, julgadas como equivocadas, estelionatárias, ou ainda, e mais importante, como cosmologias pertencentes à esfera do *mágico-mítico-religioso*.

Efetivamente, poderíamos então perguntar, quem seria, para a Ufologia, esse “outro”?

Três alteridades se apresentariam como resposta à questão. Vamos a elas.

Revestindo-se cada vez mais com um caráter Científico (“C”), constantemente reiterado pelo mecanismo pelo qual exalta a si mesma, a ciência dos extraterrestres passa a se voltar, primeira e prepotentemente, justamente contra aqueles que a desqualificam, quais sejam, as instituições responsáveis por significar o mundo dentro das sociedades modernas: o Estado e a Ciência.

No primeiro caso, a criação da alteridade assume a forma da denúncia, onde o Estado é colocado como uma entidade abstrata, anônima e inacessível, como o conspirador responsável pelo ocultamento de informações referentes aos não raros acidentes envolvendo naves espaciais, escondendo destroços de naves caídas ou vítimas extraterrenas, que seriam mantidas escondidas em bases militares secretas, como supostamente seria o caso da “Área 51”, que segundo consta, abrigaria um dos ETs capturados em Varginha naquele janeiro de 1996.

Ainda nesse sentido, e complementando a idéia da “Conspiração Governamental”, teríamos ainda a figura dos MIBs, que frequentemente aparecem na literatura ufológica como referindo-se às iniciais de *Men in black*, ou seja *Homens de preto*.

Personagens enigmáticos, para muitos os *Homens de Preto* seriam agentes do Governo encarregados de garantir que os fatos envolvendo os extraterrestres continuassem

sendo mantidos em segredo. De fato, sempre que aparecem, tentam fazer com que testemunhas ou estudiosos reconsiderem aquilo que direta ou indiretamente acabaram por se envolver, não tornando públicas quaisquer informações relativas às manifestações alienígenas na Terra.

Isso acontece, segundo consta, por inúmeros motivos, dentre os quais se destacariam supostos acordos governamentais com inteligências alienígenas, que teriam autorização de continuar estudando a Terra em troca de ensinamentos tecnológicos e científicos. Seja como for, as aparições desses homens trajando ternos escuros sempre são acompanhadas de suborno, ou mesmo de ameaças, pelos quais tentam comprar o silêncio dos envolvidos, como bem pudemos ver nas abordagens relatadas por Dona Luisa, a mãe das três meninas que, através da imprensa, acabaram trazendo ao grande público a história do “ET de Varginha”.

No que se refere às Ciências Formais, de outro lado, poder-se-ia tentar sintetizar a contrapartida da Ufologia em relação ao nada amistoso diálogo imposto pelas *Hard Sciences* recorrendo à idéia de um suposto “corporativismo” das mesmas, onde os entusiastas - leia-se interesseiros - Cientistas jamais colocariam em questão os *paradigmas* em função dos quais se sustentam na posição de *significadores Lógico-Científico-Racionais*, a eles tão cara nas sociedades modernas.

Esse direcionamento pode ser ilustrado pelo excerto abaixo, recado de Däniken às *Hard Sciences*:

“Se queremos engajar-nos na busca trabalhosa da Verdade, devemos ter a coragem de abandonar os moldes rígidos em que até aqui penávamos e, como primeiro passo, começar a duvidar de tudo que aceitávamos como certo e verdadeiro. Podemos ainda nos dar ao luxo de fechar os olhos e fazer ouvidos moucos a pensamentos novos, somente porque não se afiguram ortodoxos ou pareçam absurdos?” (Däniken, 1971, 72).

Nesse sentido, teríamos a Ufologia defendendo uma revisão da relação desigual existente entre sua própria cosmologia e aquelas colocadas pelas instituições centrais das sociedades modernas, seja denunciando as conspirações governamentais que a ocultam,

seja acusando a postura Científica, que em nome dos paradigmas vigentes, viram as costas para formas mais “evoluídas” de se ver o mundo, mais próximas da *Verdade*, por conseguinte.

Entrementes, ainda dentro desse mecanismo de “criação de alteridades”, com o mesmo intuito de resposta às desqualificações a ela colocadas pelas Ciências Formais portanto, a Ufologia, ao mesmo tempo em que insiste nesse processo de diluição entre o que supostamente se coloca como *Lógico-Científico-Racional*, e o que comumente se considera enquanto *mágico-mítico-religioso*, igualmente aposta na reiteração dessa dicotomia como forma de se validar o conhecimento por ela produzido, não mais perante as *Hard Sciences*, mas frente às sociedades modernas propriamente ditas.

Aqui colocar-se-iam os dois últimos aspectos desse mecanismo de legitimação colocado em funcionamento pela cosmologia ufológica, a saber: a denúncia dos charlatanismos presentes na Ufologia, e a renúncia de qualquer iniciativa de se pensar o fenômeno OVNI que se distancie do que talvez pudéssemos chamar de “Razão” ufológica. Fechemos esse capítulo entendendo melhor cada um desses aspectos.

Em primeiro lugar, no que diz respeito aos charlatanismos praticados por pesquisadores em busca de sua autopromoção, podemos dizer que a Ufologia, ao tratar do assunto, aí encontra, ao lado da “exaltação de si mesma”, uma forma de se colocar acima de qualquer acusação por parte daqueles que a deslegitimam em função de declarações centradas numa suposta falta de uma coerência científica e má fé. Isso pode ser visto, por exemplo, num dos episódios relativos ao “Caso do ET de Varginha”.

O fato a que me refiro tem como protagonista o renomado escritor espanhol Juan José Benítez, e ocorreu em novembro de 1996, 11 meses após os acontecimentos tratados no capítulo anterior. Nessa data, Benítez, acompanhado de familiares e representantes da Editora responsável pela publicação de seus livros no Brasil, visitou a cidade do interior mineiro, interessado justamente em avaliar alguns fatos envolvendo o caso ufológico que tornou Varginha mundialmente conhecida.

No entanto, segundo nos conta uma reportagem da Revista UFO,

“Benítez fez tal avaliação de forma bastante curiosa. Lá o escritor procurou um literato local para dirigir-se ao terreno em que as três garotas

protagonistas do caso avistaram uma das criaturas (...) Estranhamente, nenhum pesquisador local fora procurado por ele para eventualmente poder oferecer-lhe subsídios às suas análises (...) Ao voltar para São Paulo, mesmo estando tão pouco tempo em Varginha, Benítez deu declarações bombásticas à Imprensa, acendendo o estopim de um novo burburinho em torno do caso. O ufólogo espanhol declarou, entre outras coisas, que encontrara três marcas muito interessantes no solo, bastante profundas, no local onde imaginava que tivesse havido o pouso de um UFO” (Revista UFO, Edição 69, Fevereiro 2000, pág. 21).

O texto segue abordando alguns elementos que nos levam a questionar a idoneidade e a boa fé de Benítez:

“Ignorando todos os meses de pesquisa que os ufólogos brasileiros investiram no Caso Varginha, em que se descobriu que pelo menos quatro criaturas alienígenas foram capturadas no local chamado Jardim Andere, naquela cidade, Benítez afirmara à Imprensa que sua visita de apenas poucas horas a um dos locais envolvidos nos episódios resultara em achados espetaculares. ‘As marcas que encontrei formam um triângulo retângulo... Alguma coisa aconteceu lá. Houve o pouso de uma nave e as marcas são uma novidade no caso. Ninguém as havia encontrado ainda, ninguém sabia delas... Com tal descoberta, fiquei completamente seguro de que houve o pouso de uma nave’ Estas foram algumas das alegações que fez o escritor (...) [que] enfatizou o fato de que, apesar de suas poucas horas de estada na cidade, fez tais descobertas num local em que vários ufólogos brasileiros haviam por vezes realizado uma verdadeira operação pente fino, sem nada ter sido percebido que pudesse denotar algo de incomum, tais como evidências físicas do pouso ou da aproximação de um UFO (...) Nitidamente, as duas cavidades cilíndricas não passavam de dois buracos abertos sabe-se lá por quem com algum objeto perfurante, como uma pequena pá, ou talvez uma faca. Isso é tão óbvio que provoca

estarcimento (...) Como Benítez pôde confundir buracos feitos com uma pá com eventuais marcas do trem de pouso de um UFO?” (*idem, ibidem*, 21).

Prossegue a reportagem:

“No entanto, mesmo que em algumas situações certas providências sejam absolutamente desnecessárias, costumamos respaldar nossos estudos ufológicos com a opinião abalizada de quem seja realmente credenciado em certas áreas técnicas. Ao nosso ver, este é o único modo de se fazer uma Ufologia responsável. Por isso, levamos ao local em que Benítez fez suas surpreendentes descobertas o agricultor Dáurio do Monte Lima Silva, dos mais prósperos da região, que além de possuir larga experiência no campo, é físico licenciado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No dia seguinte, levamos também o engenheiro civil José Biscaro Jonas, acostumado às lides no meio rural. Diante das marcas, ambos forneceram depoimentos gravados ali mesmo e posteriormente transcritos como laudo (...) A conclusão a que ambos os especialistas chegaram é exatamente aquela que se supunha: as duas cavidades cilíndricas de Benítez não passavam de buracos abertos por alguém que se utilizara de uma cavadeira! E a terceira marca, mais rasa, nada mais é do que a depressão deixada pela retirada de um cupinzeiro” (*idem, ibidem*, 22).

Dito isso, fica claro que a Ufologia, ao denunciar e criticar o charlatanismo e a má fé daqueles que se utilizam dessa ciência não para construir um conhecimento legítimo e “verdadeiro”, mas para uma promoção de si mesmo, procura mais uma vez exaltar suas práticas metodológicas e seu rigor analítico, reivindicando para si a seriedade comumente atribuída às formas *Lógico-Científico-Racionais* de pensamento.

Dessa maneira, após exaltar seu rigor metodológico e a seriedade daqueles que a ela verdadeiramente se dedicam, por um lado, e por outro, de revestir-se de um formalismo Científico (“C”) tal a ponto denunciar o charlatanismo de quem nela só vê uma

oportunidade de promoção pessoal, a ciência dos discos-voadores passa a travestir-se com uma suposta autoridade, a tal ponto a ver-se apta a estabelecer uma outra e última alteridade. Apresentada como um desdobramento do charlatanismo, e frequentemente com ele associada este “outro” dessa vez é construído sobre um patamar entendido como inferior, sobre o qual ela se apóia para olhar - de cima - aqueles que ela mesma começa a desqualificar, caracterizando-os como pertencentes a um eixo *mágico-mítico-religioso* de pensamento.

Nesse ponto talvez valha repetir a pergunta: quem seria, então, esse “outro”?

Em poucas palavras, uma “outra” Ufologia, essa sim “não-científica”, calcada em preceitos mágicos, religiosos, míticos e místicos, em muito próxima do neo-esoterismo discutido na Introdução. Essa Ufologia, denominada pela Ufologia Científica como Mística ou Esotérica será o tema dos próximos capítulos, onde essa relação de alteridade ficará mais claramente colocada.

## TERCEIRA PARTE

*“Eu não sou um espírito nem uma alma do outro mundo. Embora seja de uma outra carne, menos densa, mais fina, sou uma realidade viva também para vocês. O meu estado de ser é, como diriam, flexível”.*

(Ashtar Sheran).

A UFOLOGIA MÍSTICA:  
UMA “OUTRA” FORMA DE ENTENDER O FENÔMENO OVNI

Como vimos anteriormente, a recorrência das aparições dos chamados *Objetos Voadores Não Identificados*, bem como o grande número de pessoas a afirmar que tais objetos voadores tratar-se-iam de naves espaciais alienígenas, fez com que o ideário dos seres extraterrestres passasse a aparecer não só como um dos principais elementos do imaginário das sociedades modernas, como fez surgir uma área do conhecimento dedicada especialmente ao estudo desse fenômeno: a Ufologia.

Enquanto essa ciência dava seus primeiros passos na investigação do aparecimento dos OVNI, seja com o desenvolvendo uma metodologia particular, seja mesmo quando emprestava técnicas oriundas das Ciências Formais, o mundo passava por transformações históricas e sociais muito amplas, que deixavam também nessa nascente área do conhecimento suas marcas.

Estamos falando da década de 1960, com a Primavera de Praga, a construção do muro de Berlim, a atuação dos movimentos estudantis na França, as ditaduras latino-americanas, o crescimento do feminismo, a Guerra do Vietnã, e dentre tantas outras coisas, associando-se a este particular momento da Guerra Fria, o surgimento de um forte movimento contracultural representado em particular pelos *hippies*. Este último, com o intuito de questionar alguns dos valores sócio-culturais estabelecidos pelo mundo capitalista moderno, propunha como alternativa a esse modelo uma maneira mais espiritualizada de se entender a existência humana e a sua interação com a natureza.

Como não podia deixar de ser, também a Ufologia recebia as influências daqueles atribulados anos 60: conceituados pesquisadores, embebidos dessa nova proposta de se situar no mundo, “reliam” o fenômeno OVNI a partir de olhar mais espiritualizado, ao mesmo tempo em que novos estudiosos já iniciavam suas reflexões interpretativas acerca das aparições dos desconhecidos *Objetos Voadores* estimulados por essas inovadoras possibilidades.

Somando-se a isso, talvez seja o caso lembrar, também nesses anos a Ufologia, principalmente no Brasil, tomava contato com as repercussões trazidas pela edição, na

década anterior, de uma série de livros psicografados pelo médium paranaense Hercílio Maes, ditados por um espírito indiano que assinava como Ramatis.

Em *A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores*, um dos mais conhecidos desses textos, Ramatis descrevia, em detalhes, a vida cotidiana dos marcianos, suas naves espaciais, apresentando ainda uma previsão futura para o próprio planeta Terra, que, segundo ele, em breve passará por uma reformulação espiritual em função de uma verticalização de seu eixo, algo que ocorre, ainda supostamente, em intervalos de 6.666 anos.

Ensaçando sincretismos entre o ideário das civilizações extraterrestres e uma literatura mais espiritualista, ali já se destacavam alguns dos elementos que daí por diante mostrar-se-iam recorrentes nos textos ufológicos, ou pelo, menos, nos textos produzidos por uma determinada Ufologia, como veremos a partir de agora.

É com o intuito de apresentá-la, aliás, que recorro a um pequeno livro, surgido há alguns anos dentro dessa “nova” vertente da literatura ufológica. Escrito por um indígena boliviano de nome Joaquín E. Amortegui Valbuena - ou simplesmente V.M. Rabolú -, *Hercólubus ou Planeta Vermelho*, em pouco tempo superou os limites de uma leitura especializada, estando já publicado em 40 países<sup>9</sup>. Seja como for, tamanho público era de fato a pretensão primeira de seu autor, que dizia escrever um alerta para toda a humanidade, um alerta sobre as intempéries pelas quais o planeta Terra deve passar num futuro bastante próximo, dentre as quais destacar-se-iam ciclones, maremotos, e outras tantas tragédias de ordem apocalíptica.

Explicando tais acontecimentos e terror, diz Rabolú:

“Há grandes fendas ao longo do mar, profundíssimas, que estão fazendo contato com o fogo da Terra, devido precisamente aos ensaios atômicos que estão fazendo os cientistas e as potências que se crêem potências, sem medir as conseqüências das barbaridades que cometeram e estão cometendo contra o planeta e contra a Humanidade (...) De acordo com o

---

<sup>9</sup> Segundo nos informa uma nota no final do texto, *Hercólubus ou Planeta Vermelho* já foi publicado nos seguintes países: Albânia, Bulgária, Chipre, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Grécia, Itália, Letônia, Malta, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia, Rússia, Ucrânia, Camboja, Índia, Indonésia, Israel, Líbano, Austrália, Burkina Faso (África), Ghana, Moçambique, Argentina, Belice, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, México, Nicarágua, Peru e EUA.

fendimento surgirão maremotos, terremotos, coisas espantosas na água e na terra e não ficará cidade costeira sem ser arrasada; e começará o afundamento do nosso planeta no oceano, porque já está desviado o eixo da Terra por todos os ensaios que estão fazendo” (Rabolú, 2005, 13-14).

Acerca de tais testes nucleares, Rabolú também nos alerta dos monstros gerados pela exposição à radiação, seres que vivem no fundo do mar, verdadeiras “bestas selvagens”, conforme suas palavras. Dentro do contexto apocalíptico descrito no livro, em breve tais monstros, procurando refúgio do aquecimento dos oceanos resultante do contato das águas do mar com o fogo do interior da Terra,

“chegarão às cidades costeiras e arrasarão com tudo, casas, edifícios, embarcações e pessoas...” (*idem, ibidem*, 14).

Completando a catástrofe, nos alerta o médium boliviano, surgiria Hercólubus, um gigantesco planeta vermelho, cujo tamanho ultrapassaria em 6 mil vezes o da própria Terra, e que já estaria, nesse momento, movendo-se em direção ao nosso planeta, em rota de colisão. Seu poder far-se-ia sentir mais e mais conforme fosse mais e mais se aproximando, gerando epidemias mortíferas, de doenças por nós desconhecidas, a fome e um calor nunca antes sentido.

Nos conta Rabolú que, quando da aproximação de Hercólubus, as

“falsas potências, como são chamadas agora, ficarão em ruína, tanto econômica quanto moralmente, porque o dinheiro dentro de muito pouco desaparecerá e a fome e a miséria acabarão com elas” (...) Os ricos, que tanto uivam agora de poder, serão os mais infelizes porque nada vão fazer com quantidades de dinheiro, se não há quem lhes venda nem quem lhes compre” (*idem, ibidem*, 9 - 10).

Enfim, conclui:

“Chegará o momento da tragédia, da obscuridade: tremores, terremotos, maremotos” (*idem, ibidem*, 11), após o que o Planeta Vermelho, em sua imensidão, colidiria com a Terra, transformando-a em poeira estelar.

Seria o fim do planeta Terra? Receio que teria que responder afirmativamente a essa desesperadora questão, caso fosse citar Rabolú. De fato, segundo afirma o médium boliviano, tal e total devastação

“é o castigo que merecemos, para acabar com tanta maldade” (*idem, ibidem*, 8).

Contudo, resta frisar, nem tudo estaria perdido dentro dessa terrível realidade. Haveria uma única esperança de alterarmos o inexorável abandono de nossa pecadora Humanidade à sua própria sorte (ou melhor dizendo, sua falta de sorte). Para tanto, duas posturas deveriam ser imediatamente adotadas, a única maneira fazer com que os demais seres inteligentes do Cosmos passassem a nos ver como almas dignas de sua atenção e piedade, merecedores de um esforço, de sua parte, de resgate ou salvamento de tão terrível destino. É com esse intuito de conscientização, aliás, que Rabolú escreve seu apocalíptico livro.

Nesse sentido, o primeiro passo para nossa redenção se apresentaria como a prática de uma espécie de auto-observação, de forma a tomarmos consciência dos

“milhares e milhares de detalhes negativos que temos (...) Detalhes negativos como os maus pensamentos, o ódio, a inveja que sentimos contra outras pessoas, a ambição (...), a cobiça; enfim, todas essas coisas que são negativas [e que] devem ser profundamente extintas do nosso cotidiano” (*idem, ibidem*, 39-40).

Em segundo lugar, complementando essa primeira postura a ser tomada no intuito de nossa salvação, também se colocaria a necessidade de entrarmos em contato com

aqueles seres extraterrestres superiores, os únicos capazes de nos transportar para um lugar mais ameno. Isso deveria se dar, segundo o autor de *Hercólubus*, por meio do chamado “desdobramento astral”, ou seja, uma saída consciente do corpo físico, possível através da repetição de uma palavra mágica, um “mântra”.

Segundo Rabolú, essa saída consciente do corpo físico nos possibilitaria uma movimentação com pleno controle pelo Plano Astral ou Quinta Dimensão, uma esfera

“onde não existe o peso nem a distância, [esfera esta] à qual pertence o Corpo Astral; um corpo exatamente igual ao físico, energético, que se move a grandes velocidades como o pensamento, capacitado para investigar tudo o que quiser do Universo (...) os anjos, a Virgem e todas as Hierarquias; que se movem, falam e ensinam uma Sabedoria que não está escrita nos livros (*idem, ibidem*, 43 - 44).

O próprio Rabolú nos fala de suas experiências na Quinta Dimensão, onde têm vivenciado relações com outros seres do Universo, com destaque para os extraterrestres de Vênus e Marte, que têm apontado para o boliviano outras formas de viver um mundo mais justo e fraterno. Atenhamo-nos por um momento na descrição desses extraterrestres, bem como de seus modos de vida, pois isso nos será de grande importância mais à frente.

Segundo Valbuena, os venusianos

“têm corpos perfeitos: testa alta ou ampla, olhos azuis, nariz reto, cabelos louros e uma inteligência surpreendente. Medem mais ou menos de 1,30 a 1,40 metros de estatura, não há mais altos ou mais baixos; não há barrigões nem gente que seja desfigurada, todos têm figuras angelicais: perfeição em homens e mulheres, porque é um planeta, e a sua humanidade, ascendente, superior” (*idem, ibidem*, 20).

Essa superioridade se manifesta, dentre outras coisas, no dom por eles desenvolvido de nascerem, crescerem e morrerem voluntariamente, em sua capacidade de ler o pensamento, de comunicarem-se telepaticamente, e falarem segundo permite o “Dom de

Línguas”, que segundo a Bíblia, seria a linguagem revelada aos apóstolos pelo Espírito Santo.

Somado a isso, Rabolú ainda nos conta que lá as árvores frutíferas são semeadas por toda parte, nos vasos, terraços das casas, etc. As frutas, abundantes por conta de um engenhoso sistema de adubação, são colhidas e limpas mecanicamente, e após serem enriquecidas com vitaminas naturais se colocam como um dos principais alimentos daquele povo, que não come nenhuma carne que não seja peixe. Estes, muito mansos, “não têm medo das pessoas” (*idem, ibidem*, 23), e se transformam em alimento depois de serem também mecanicamente pescados e enriquecidos com vitaminas num processo semelhante àquele ao qual os frutos são submetidos. Aqui vale notar, como insistentemente coloca Rabolú, o enorme respeito dos venusianos pela Natureza, que no caso da alimentação, por exemplo, é exemplificado pela escolha dos frutos já maduros, ou dos peixes maiores, sendo inconcebível a colheita de dos frutos ainda verdes, ou dos peixes ainda jovens.

Esse indubitável respeito pela Natureza, essa alta consciência ecológica desses nossos vizinhos de sistema solar também pode ser percebido se observarmos os meios de locomoção em Vênus, bastante diferentes dos utilizados aqui, na Terra. Lá, são as ruas e avenidas que circulam, utilizando-se para isso de energia solar, o que descarta a utilização de qualquer combustível que contamine e polua meio ambiente.

Ainda deslumbrado com os valores que regem a sociedade venusiana, Rabolú enfatiza o grau de despreendimento de bens materiais alcançado por esses seres, ao nos falar sobre, por exemplo, o funcionamento das “lojas de roupa” daquele planeta. Segundo ele, quando querem trocar de roupa, os venusianos se dirigem a uma espécie de armazém, onde lhes entregam roupa e calçado, idênticos à combinação anterior, já que diferentemente de nossos costumes, esses seres não atribuem nenhuma distinção ao tipo de roupa, tecido, cor, *griffe*, etc.; uma total indiferença que ressalta a igualdade como um dos valores mais importantes desse povo.

É dessa mesma forma igualitária, aliás, que em Vênus ninguém tem casa. Quando quer descansar, um venusiano adentra numa casa ou edifício, ocupa uma cama disponível, e dorme, “sem que haja a necessidade de dizer isto é meu” (*idem, ibidem*, 25). Esses seres, tanto os homens quanto as mulheres,

“trabalham duas horas diárias, cada qual na sua profissão. Lá não há dinheiro e ninguém é dono de nada; todos têm direito a tudo e trabalham para todos. Não há Sr. Fulano nem Sr. Sicrano porque existe a igualdade. A lei é trabalhar duas horas diárias, para que não haja fome nem miséria” (*idem, ibidem, 26*).

Completando essa concepção ideal de sociedade, por nós há tanto tempo sonhada, e pelos venusianos já alcançada e desfrutada, podemos ver também nesse feliz planeta uma total vivência da Liberdade, como nos mostra a situação descrita abaixo:

“[Em Vênus] não existem as autorizações, ‘que me dêem autorização para ir a outro planeta’, não; lá cada venusiano pode apanhar uma nave da estação onde estão para ir onde quiser, quer seja outro planeta ou outras galáxias, sem consultar ninguém; há liberdade total” (*idem, ibidem, 26*).

Sobre isso, acrescenta Valbuena, vale lembrar que suas naves espaciais, construídas de um material desconhecido do Homem, e movidas à energia solar, estão prontas, preparadas já para sair a resgatar todas aquelas pessoas que “se redimirem” a tempo por meio das fórmulas reveladas por Rabolú, que assim completa sua exposição:.

“Isso podem negá-lo os cientistas com suas teorias (...) Rir-se-ão como asnos zurrando, porque não são capazes de medir as conseqüências do que fizeram: encheram o planeta com bombas atômicas, para se apoderarem dele e não têm em conta que existe Deus e a sua Justiça, que esmagará tudo” (*idem, ibidem, 9*).

\* \* \*

Como podemos perceber, alguns dos elementos colocados primeiramente neste trabalho como que associados ao movimento denominado neo-esoterismo, reaparecem

agora, num segundo momento, compondo também uma possibilidade aberta na interpretação do ideal de vidas extraterrenas.

De fato, já a partir desse primeiro contato com a Ufologia Mística é possível dizer que ela se estrutura a partir de uma espécie de casamento entre a Ufologia estudada no capítulo anterior e o universo neo-esô.

E nesse sentido vale acrescentar que, se de um lado o “espiritualismo oriental” que entrava em cena de maneira um pouco mais acentuada a partir dos anos 60 inspirava um certo sincretismo entre a epistemologia da interpretação do fenômeno OVNI e algumas concepções de caráter tido como mais esotérico e místico, de outro, eram as próprias manifestações dos UFOs que passavam a exigir, elas mesmas, um enfoque interpretativo diferenciado. O conhecido “Caso Andreasson” nos dá um claro exemplo de como se colocava essa nova exigência.

“...inverno de 1967. Betty Andreasson e seus sete filhos estavam passando por um momento difícil (...) Seu marido ferira-se gravemente num acidente de carro no mês anterior e estava hospitalizado, por isso os pais de Betty estavam morando com ela para ajudá-la. O principal apoio naquele momento difícil, porém, foi sua forte fé cristã.

...o ar tépido de um degelo precoce envolveu a cidadezinha na névoa. Naquela noite, a luz da casa dos Andreasson fraquejou e apagou. Ao mesmo tempo, um clarão rosado pulsava no interior da casa, entrando por uma janela da cozinha. (...) Nesse ponto, contou Betty mais tarde, toda a sua família caiu numa espécie de estupor. Ela, porém, continuou desperta e viu pequenos seres alienígenas entrarem na casa passando através de uma porta fechada (...).

Os alienígenas comunicaram-se telepaticamente com Betty. Disseram-lhe - conta ela - que os seguisse, pois assim poderia ajudar o mundo. Quando ela relutantemente concordou, com uma sensação de estar sendo hipnotizada, as criaturas conduziram-na para sua nave oval, pousada no quintal.

...Betty Andreasson relatou ter sido submetida a um desagradável exame médico a bordo da nave. Em certo momento os extraterrenos inseriram arames muito finos em seu nariz e em seu umbigo, aliviando a dor provocada através do recurso de colocarem suas mãos na testa dela. Quando concluíram o exame, contou, seus seqüestradores conduziram-na através de um longo túnel negro, até chegar a um aposento onde ela foi encerrada num cilindro vítreo. O cilindro foi se enchendo de um fluido cinzento que a envolveu e, aparentemente, protegeu-a enquanto a nave viajava para um outro mundo.

Ao chegarem, novos túneis levaram a mulher e dois alienígenas para fora da nave (...) Diante deles apareceram uma pirâmide e uma série de cristais suspensos no ar onde se refletia uma luz brilhante (...)

À direita dela, uma voz chamou com força seu nome. A voz lhe disse que ela fora escolhida, só que sua missão não lhe seria revelada naquele momento. Quando a mulher proclamou sua fé em Deus, a voz lhe disse que era por isso que ela fora escolhida (...) O aparente líder das criaturas, cujo nome parecia ser Quazgaa, disse-lhe que iria comunicar-lhe determinadas fórmulas capazes de ajudar a humanidade, mas somente quando as pessoas aprendessem a olhar para o interior do espírito.

Então voltaram, chegando ao quintal envolto em bruma da casa de Betty. Ainda era noite e a família Andreasson continuava imóvel no interior da casa. Os alienígenas conduziram a todos para suas camas e partiram (Cave & Foreman, 1992, 85-86).

Ora, os próprios UFOs, nesse e em outros tantos casos, passavam a exercer toda sorte de interconexões com fenômenos ligados tradicionalmente ao campo da espiritualidade. Analisando-se a casuística dos abduzidos e contatados, observava-se a recorrência de elementos em tese oriundos de um Universo mais místico e menos Ocidental, digamos. Era o caso dos desdobramentos, das experiências fora do corpo, ou dos estados alterados da consciência daqueles que passavam por uma experiência de abdução, como os casos do casal Hill ou de Betty Andreasson.

Além disso, outros aspectos desses encontros com os extraterrestres mantinham o fenômeno próximo - para não dizer dentro - desse universo místico. Poderemos tomar contato com esses outros aspectos ao olharmos um pouco mais de perto para uma das mais importantes e conhecidas manifestações ufológicas interpretadas por esta que venho chamando de Ufologia Mística ou Esotérica.

\* \* \*

Lúcio Barbosa é um sujeito bastante falante, o que o torna uma figura facilmente percebida, apesar de seu corpo franzino. Atualmente vive na esquecida Colônia Boa Sorte, uma comunidade de negros descendentes de escravos fugidos ou alforriados, situada num local de difícil acesso na serra de Maracaju, a cerca de 120 km de Campo Grande (MS). Sua história se faz bastante interessante, cheia de misteriosos contatos com seres desconhecidos, que a ele fazem revelações sobre o futuro do nosso planeta, designando-o para difíceis missões relativas à divulgação dessas revelações.

Tudo começou quando Lucio, aos seis anos de idade, teve uma grave doença, chegando a ficar em coma durante três meses. Os médicos já haviam desenganado a família, e sua mãe, mulher muito religiosa, já orava para que Deus tirasse logo sua vida, acabando com o sofrimento do menino.

Durante uma de suas preces, segundo ela mesmo conta, ela pôde observar uma luz dourada que adentrou o quarto do hospital pela janela e entrou no corpo do filho. E qual não foi a surpresa de todos quando, cerca de 30 minutos depois, o menino despertou do coma e pediu água. Ele estava curado, e a partir de então, teria consigo a companhia freqüente das misteriosas luzes, que apareciam sempre, até os dias de hoje, de forma inusitada e repentina.

Anos depois, outro estranho acontecimento marcaria a infância do menino Lucio. Desde sua recuperação, criara o hábito de ir sozinho à mata, onde ficava orando silenciosamente no alto dos morros. Numa dessas ocasiões, numa noite de lua clara, Lucio notou que uma estrela se movimentava, vindo justamente em sua direção. E numa velocidade espantosa “ela foi se aproximando, ficando mais ou menos do tamanho de um estádio de futebol”, segundo ele mesmo conta. Foi nesse instante que Lucio, depois de

alguns instantes disperso por conta do curioso espetáculo, voltou a prestar atenção no que efetivamente estaria ocorrendo. A “estrela” então já estava bastante próxima do morro onde ele mesmo se encontrava, e ele pôde observar que dentro daquela luz, no meio dela, tinha uma espécie de “disco-voador”.

“Ele parou bem na minha frente, em cima de um outro morro, porém, bem próximo de onde eu estava, a uns 40 ou 50 metros” (UFO 59, junho 98, 37),  
conta Lucio.

Com a chegada do “disco-voador”, o que foi acompanhado de um forte cheiro de enxofre, nossa testemunha foi percebendo como que algumas alterações em seu corpo. Uma sensação que foi por ele descrita da seguinte forma:

“Parecia que aquilo mexia com meu estado energético, com meu pensamento. Eu senti que meu cérebro crescia, senti como se eu fosse uma pessoa completamente estranha naquele momento. Mas não era dor nenhuma, era apenas uma transformação muito estranha dentro de mim. Parecia que uma energia estranha entrava em mim” (*idem, ibidem*, 37).

Foi então que uma janela redonda se abriu embaixo do disco, de onde saiu um feixe de luz, branca e dourada, com pequenos brilhos como purpurina. Nesse instante, começou-se a ouvir uma música orquestrada, que o acalmou muito, inspirando-lhe muito amor e paz. Enquanto ouvia a música, Lucio começou a ver cidades que desconhecia, “como se pairasse sobre elas”, conta ele.

Notou então que através daquela luz um homem descia da nave. Um homem muito bonito, com cabelos loiros e cacheados, o rosto fino, a pele bem branca e os olhos azuis. Vestia um manto branco, como uma bata, e tinha os movimentos muito serenos.

O homem começou a descer lentamente, mas não chegou a tocar o solo. Começou então, com uma voz muito suave, que ecoava por toda a região, a dirigir-lhe a palavra. Falou que a Terra estava prestes a sofrer uma grande catástrofe, que seria fruto do

comportamento do próprio Homem, com sua ganância e energia negativa. O ser revelou a existência de muitos outros planetas, onde haveria seres responsáveis por ajudar os terráqueos escolhidos durante o cataclismo descrito.

Contou ainda que era o Comandante de uma frota de muitas naves, cuja missão seria justamente de resgatar os homens da Terra, enviando-os para um mundo que está sendo especialmente preparado para nos receber. O homem, por fim, disse que iria enviar seres de outros planetas habitados para se encontrarem posteriormente com Lucio; eles viriam na forma de luz, e teriam a missão de orientá-lo sobre a forma com que deveria se comportar, e sobre o que falar para as pessoas.

Lucio estava sendo ele próprio escolhido para uma missão: conscientizar a Humanidade dos perigos de seus atos e das conseqüências que eles trariam para nosso planeta dentro em breve. O homem então se despediu, dizendo que seria muito difícil um novo encontro, que, porém, poderia acontecer em momentos de grande necessidade.

De fato, o homem só voltou depois de muito tempo.

Conta Lucio que, durante aquele encontro, no morro Canastrão, pensou que estivesse diante de Jesus. E acrescenta que, no momento em que imaginou tal hipótese, o homem o corrigiu dizendo que não era Sananda (Jesus), e sim que havia sido enviado por Ele para liderar os extraterrestres que salvariam os homens escolhidos da citada catástrofe. Seu nome, a propósito, era Ashtar Sheran.

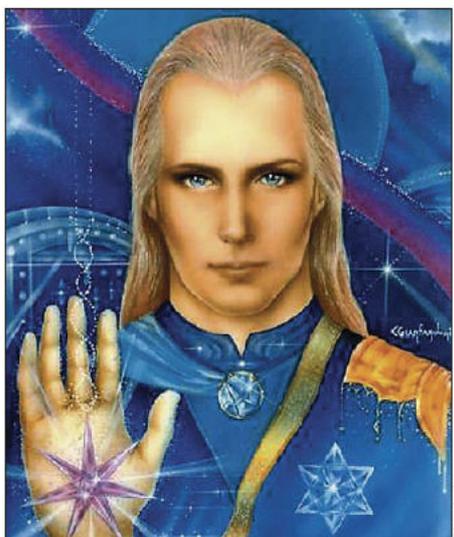
\* \* \*

As primeiras referências ao nome Ashtar Sheran remontam ao fim do século XIX; elas estão associadas à figura do médium norte-americano John Ballou Newbrough, que psicografou o livro *Oahspe*, sagradas escrituras a ele supostamente reveladas por entidades angelicais. O livro - cujo nome seria uma composição dada pela junção dos termos *O*, *ah* e *spe*, significando, literal e respectivamente Céu, Terra e Espírito - faz referência a seres espirituais denominados *ashar*, que viajariam em naves etéreas e que teriam a missão de proteger mundos menos desenvolvidos, como o nosso. As descrições ali contidas nos falam de seres humanóides, altos e atléticos, de aparência nórdica, com cabelos loiros e olhos azuis.

Todavia, por algum tempo acreditou-se que a primeira referência direta ao Comandante Ashtar teria sido feita em 1958 pelo alemão Herbert Victor Speer, líder de um movimento místico de Berlim, conhecido por Movimento dos Irmãos Espaciais. Speer, na condição de médium, psicografara um livro chamado *A Grande Missão Celeste de Ashtar Sheran*, onde o próprio Ashtar se apresenta como o Comandante-chefe da “Frota Extraplanetária da Confederação Intergaláctica da Grande Fraternidade Branca Universal”.

De qualquer modo, é sabido que alguns anos antes, o piloto e inspetor de aeronaves norte-americano George van Tassel, que também se apresentava como um contatado dos extraterrestres, começou a fazer menções ao nome de Ashtar Sheran entre suas experiências de contatos psíquico com entidades de origem alienígena. E foi baseando-se nessas suas comunicações psíquicas que em 1952 Tassel publicou seu primeiro livro, intitulado *Viajei num disco-voador*, onde conta que o Comandante da nave - de nome Ashtar - anunciava sua chegada oficial à Terra em 18 de julho daquele mesmo ano.

Ashtar seria, segundo o contatado relata, um extraterrestre cuja escala vibratória superior o conferiria uma consistência energética. Sua aparência na Terra, de outro modo, era descrita da mesma forma que os *ashars* relatados por Newbrough: um aspecto andrógono, humanóide, medindo cerca de dois metros, cabelos longos e loiros, olhos azuis. Sua roupa seria formada por uma espécie de macacão com botas de aspecto dourado. No peito, um símbolo formado por sete estrelas e, na cintura, portaria uma espécie de cinto com certo objeto em alto-relevo à mostra, algo próximo à figura abaixo, amplamente divulgada pela *internet*.



Tassel passou boa parte de sua vida dedicando-se ao desenvolvimento de aparelhos que teriam a finalidade de ampliar as capacidades mentais adormecidas dos seres humanos, a dirigir um movimento místico denominado *Universidade do Conhecimento Universal*, e a organizar eventos cujo ponto culminante era o encontro dos participantes com as entidades extraterrestres que o contatavam.

Seja lá como for, fato é que as investidas de Ashtar Sheran não parariam por aí. Do mesmo modo que Speer, Tassel ou Newbrough, também o polonês George Adamski, que dizia ter contato com seres oriundos de Vênus, Marte e Saturno igualmente era não raramente visitado pelo Comandante da “Grande Fraternidade Branca Universal”. Isso pelo menos desde 1953, quando passou a divulgar, por meio de uma organização denominada *Ordem Real do Tibet*, uma filosofia messiânica e cósmica, baseada nas informações que os seres extraterrestres lhe revelavam.

Talvez valha aqui lembrar outra bastante citada experiência de contato envolvendo Ashtar Sheran, vivida pelo italiano Eugênio Siragusa. De acordo com seus próprios relatos, seus encontros com o Comandante alien teriam começado a ocorrer a partir dos primeiros anos da década de 60, nos arredores do vulcão Etna. A descrição de Ashtar era, não semelhante, mas exatamente igual àquelas feitas pelos outros contactados, e as mensagens reveladas pelo extraterrestre, se colocavam, mais uma vez, também de idêntico conteúdo: o ser alto, de traços nórdicos e vestindo o macacão dourado se identificava como “Comandante dos povos confederados”, cuja missão na Terra consistia em alertar a

Humanidade dos perigos dos experimentos envolvendo a energia nuclear, bem como a necessidade de se viver de acordo com os princípios da Paz, Justiça e da Fraternidade.

Por fim, vale lembrar de quem para muitos dos seguidores dos ensinamentos de Ashtar Sheran seria sua “biógrafa oficial na Terra”, encarregada, segundo ela mesma revela, pelo próprio Comandante para divulgar suas mensagens aqui, no *Planeta Shan*. Thelma B. Terrel, conhecida no meio místico pelo codinome Tuella, costuma afirmar ser sua missão atuar como uma “mensageira da luz”, e isso por pertencer ela mesma a um dos destacamentos extraterrestres desses “guerreiros do bem”, colocada na Terra nessa encarnação.

Curiosamente, porém, a despeito de todos esses contatados que, embora polêmicos, são em sua maioria reconhecidos como legítimos e relevantes para a História da Ufologia, a figura de Ashtar Sheran ganhou maior publicidade através do trabalho do escritor espanhol J. J. Benítez, já apresentado pela ciência dos extraterrestres como “charlatão” num capítulo anterior. Com efeito, antes de ser o aclamado escritor da série *Cavalo de Tróia*, o ainda anônimo Juan José Benítez trabalhava como repórter para o jornal *Gaceta del Norte*, de Bilbao, e nessa condição fora mandado ao Peru para investigar as experiências dos irmãos Sixto, Carlos Roberto e Rose Marie Paz Wells.

O trabalho de Benítez acabou culminando na publicação de dois livros: *UFOs, S.O.S. à Humanidade e 100.000 Km Atrás de UFOs*, onde o escritor espanhol misturou as histórias que envolviam os irmãos Wells com a figura do Comandante Ashtar com elementos por ele mesmo inventados e adicionados à narrativa, o que acabou dando ao extraterrestre uma fama equivocada, e a ele mesmo, Benítez, certa projeção como pesquisador desse universo ufológico.

De qualquer modo, a experiência dos irmãos Wells, ainda se apresenta como um caso digno de nota na História da Ufologia. Ocorrida nos idos anos de 1970, a experiência consistiu num “encontro marcado” com extraterrestres, que apareceram num objeto voador de formato lenticular, que pousou na praia de Chilca, Peru, fato que foi visto por inúmeros fotógrafos de muitas partes do mundo, dentre os quais Benítez. Da “nave” surgira um homem, que se autodenominava Antar Sherart, que se identificava como o Comandante de uma frota de espaçonaves oriundas de Ganimedes, satélite natural de Júpiter, destacadas para trabalhar no Sistema Solar.

A mensagem que ele trazia, na ocasião, era, de novo, a mesma. Seu conteúdo, que alerta a Humanidade para as catástrofes que serão, em tese, por nós vivenciadas num futuro próximo, e reitera o papel da “Frota Extraplanetária da Confederação Intergaláctica da Grande Fraternidade Branca Universal” no nosso salvamento dessas catástrofes não deixa de ecoar em cada uma das manifestações do Comandante Ashtar Sheran e de seus aliados, manifestações que ocorrem em toda a parte do globo, e diga-se de passagem, com uma frequência nem de longe rara.

No Brasil, só para se ter uma idéia, são dois os principais elos de contato com Ashtar. Lúcio Barbosa, que depois de sua estranha experiência no Morro Canastrão, não mais parou de avistar estranhas luzes vindas do céu, o que chega a acontecer quase que semanalmente na Comunidade por ele fundada em Mato Grosso do Sul; e o Centro de Estudos Exobiológicos Ashtar Sheran - o CEEAS - que possui filiais em Brasília, São Paulo, Curitiba e Natal, e têm sua sede na cidade de Salvador. Fundado em 1973 pelo contactado Paulo Fernandes, que mantém contatos físicos com Ashtar desde 1969, o centro de estudos já publicou três livros com mensagens do extraterrestre<sup>10</sup>.

Como dito, o conteúdo das tais mensagens em grande parte trata de esclarecimentos acerca da “Missão Terra”, definida, segundo as palavras do próprio Comandante pelo *Amor e pela Paz sem fronteiras*.

---

<sup>10</sup> São eles: *O jovem que se encontrava com extraterrestres*, de 1986, assinado pelo próprio Paulo Fernandes; *Mensagens cósmicas* de 1988, e *Toda vida é sagrada* de 1993.

OS TERRÁQUEOS E AS LIGAS INTERGALÁTICAS:  
A LÓGICA DOS SINCRETISMOS

Disse certa vez Ashtar Sheran a um contactado:

“Falo em nome de todos que estão comprometidos nesta missão de dar assistência aos habitantes do planeta Shan [Terra]. Seria um alívio se pudéssemos aterrissar simultaneamente em todas as partes do globo terrestre, pondo fim às suas discórdias e aos ódios irreconciliáveis. Mas nossas instruções e princípios nos impedem de agir assim (...) Nós somos 10 bilhões de homens do espaço fortemente equipados com poder de natureza etérea, a fim de nos opor às intenções de suas forças destrutivas (...) Sabemos quais regiões da Terra estão fadadas à destruição e, logo que aparecer um perigo, enviaremos a estes lugares milhares de discos voadores (...) Nenhum esforço deve ser feito para vocês se comunicarem conosco, salvo depois de um pedido nosso. Nós escolheremos a ocasião, o lugar e a pessoa com a qual desejaremos manter contato” (Revista UFO nº 85, março de 2003, págs.15 - 20).

E numa outra ocasião:

“Não está chegando o fim do mundo. Pelo contrário, o que está vindo é a semente da renovação, que conduzirá à vida eterna” (UFO ESPECIAL 11, Fevereiro de 1996, pág. 22).

Como Ashtar costuma reiterar em suas aparições, sua meta é garantir que seja cumprido o plano divino traçado pelo Supremo Criador da Vida, que consiste na libertação da Humanidade de sua ignorância. Nesse sentido, é parte da missão da “Frota Extraplanetária da Confederação Intergaláctica da Grande Fraternidade Branca Universal” trazer-nos a Verdade, ou seja, a revelação dos grandes enigmas de todos os tempos em

nosso planeta: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, onde começa e termina o Universo, quem é Deus.

Aliás, seria desta entidade de natureza Superior, que se afirma vir as ordens. O Comandante jamais deixou dúvida de que é por ordem do Criador que ele e os demais voluntários siderais vêm, em suas naves de fantástica tecnologia, ainda inconcebíveis para nós, trazer-nos o que chamam de *Grande Lei*, ou seja, a prática de valores como a Fraternidade, a União, a Paz e o Amor, sem os quais nós, os terráqueos, não conseguiremos superar a dura fase de privações e turbulências pela qual nosso planeta está prestes a enfrentar, fase esta que nas palavras do contactado Lucio Barbosa aparece da seguinte forma:

“Por volta do ano de 2020 a Terra vai sofrer uma modificação em seu eixo, devido a um grande meteorito que está vindo nessa direção. Ele não vai se chocar com o planeta, mas vai passar perto o bastante para mudar todo o clima da Terra. Vai haver terremotos, maremotos, grandes tremores por todo o mundo, rachaduras no solo, vulcões entrando em erupção, etc. Será uma catástrofe muito grande” (UFO 60, setembro de 98, 44).

Tendo essas declarações em mente, é facilmente perceptível que as mensagens a nós reveladas tanto pelo Comandante da “Frota Extraplanetária da Confederação Intergaláctica”, como mesmo por tantos os outros seres que aparecem como objetos de estudo da Ufologia Mística, refletem em muito os sincretismos em função dos quais se manifesta a cosmologia do neo-esoterismo, apresentada na Introdução.

Nesse sentido, assim como lá pode-se pensar numa meditação com toques budistas associada a um certo ideal de xamanismo, em técnicas de meditação e terapias alternativas que misturam livros de auto-ajuda, relaxamento, florais, produtos orgânicos, incensos, pêndulos, imagens de anjos e duendes, bruxaria e demais exotismos; aqui falamos na reformulação espiritual do planeta Terra em função de uma verticalização de seu eixo, em epidemias, terremotos, maremotos; monstros gerados pela exposição à radiação, colisão com gigantescos astros, em quinta dimensão, viagens astrais, umbanda esotérica, mântras, em hipnose; enfim, aspectos sempre revelados por seres extraterrenos em suas espaçonaves,

como é o caso do Comandante Ashtar Sheran e a Frota Extraplanetária da Confederação Intergaláctica da Grande Fraternidade Branca Universal.

Com efeito, podemos mesmo observar uma aproximação - para não dizermos uma sobreposição - entre os temas presentes no holismo neo-esotérico e na ciência que venho aqui chamando por Ufologia Mística. De fato, como nos coloca os próprios textos ufológicos,

“é possível notar um aumento significativo na capacidade intelectual de abduzidos, que passam a se interessar por física, astronomia, formas alternativas de medicina, assuntos sobre espiritualidade e esoterismo, além de apresentarem uma melhor organização e equilíbrio de emoções, e o despertar do que vem sendo chamado de *inteligência espiritual*, cujo significado dentro da psicologia é a transição, crescimento e integridade de quem somos. Trata-se de buscar a unidade, identificação amorosa com valores universais, capacidade de criatividade e o uso responsável da liberdade, acompanhado da ética, senso de irmandade, compromisso com a sociedade e com a natureza” (Revista UFO nº 91, Setembro de 2003, pág. 32).

Dessa forma, é quase que desnecessário frisar que o que se apresenta é algo maior do que uma simples tomada para si, por parte da Ufologia Mística, dos elementos que caracterizam a cosmologia neo-esô. O que se vê, destaque, é a Ufologia assumindo o sentido em função do qual esses elementos se articulam num mesmo sistema simbólico.

Entrementes, se aqui igualmente somos levados a pensar numa cosmologia estruturada de forma totalmente ilógica, numa verdadeira mixórdia - para não repetirmos a alusão ao monstro Frankenstein -, também da mesmíssima forma como acontece no universo neo-esotérico, essa imagem de um mosaico de fragmentos aleatoriamente sobrepostos aparece como uma primeira impressão um tanto quanto equivocada.

Vimos na Introdução deste presente trabalho que a despeito de uma estrutura simbólica aparentemente constituída de forma desordenada e anárquica, o que passou-se a chamar na literatura antropológica de neo-esoterismo possui um fundamento bastante fixo

e definido, a partir do qual se organizam os elementos que, articulados, o constituem. Tal fundamento, vale recordar, se caracteriza por dois eixos: um que denuncia uma suposta estagnação do ser humano em seu crescimento espiritual; o outro, que indica as formas pelas quais poderíamos retomar essa evolução.

Retomando um pouco esses eixos, temos a Ufologia Mística - não por acaso também chamada de Esotérica - valendo-se da mesma idéia da inércia do Homem em relação a um esperado crescimento espiritual. Nesse sentido, como também pudemos ver anteriormente, essa imaginada estagnação aparece dentro da cosmologia neo-esô como uma espécie de subversão da ordem “natural” do ser humano, protagonista de um processo evolutivo cujo objetivo seria sua plena realização enquanto um ser criado para o amor, a fraternidade e a paz.

Ora, também a Ufologia Mística estrutura sua cosmologia a partir da percepção de uma suposta estagnação humana frente a uma esperada evolução espiritual; e também da mesma forma que o neo-esoterismo, atribui essa estagnação a uma espécie de megalomania cega a partir da qual o Ocidente raciocina, uma forma chauvinista de pensar que se auto-elege como a única manifestação de um pensamento dotado de Lógica e Racionalidade, ou numa palavra, legítimo, em oposição às demais formas *mágico-mítico-religiosas* de se significar o mundo.

Por fim, teríamos como conseqüência desse modo chauvinista do pensar Ocidental elementos exaustivamente reiterados como a destruição da natureza, a inconsciência do Homem no que tange a imensidão do Universo, a exploração do homem pelo homem, as injustiças e as desigualdades sociais, as guerras, a imoralidade na política, e todas as demais manifestações da mesquinhez e do egoísmo humano.

Percebe-se, portanto, que é decorrendo diretamente dessa matriz neo-esotérica que a Ufologia Mística vai estruturar-se enquanto um sistema simbólico coerente. É nesse sentido que se colocam, não só a caracterização e diagnóstico dos problemas atualmente vivenciados pela Humanidade - as guerras, destruição da natureza e as injustiças sociais sendo entendidos como produtos do estreito e cartesiano modo Ocidental de pensar -, como também as formas de se superar tal impasse, as maneiras de se recolocar a Humanidade em seu esperado caminho de evolução espiritual.

Vejamos bem como o sistema se fecha: todas as tragédias apocalípticas colocadas pela cosmologia da Ufologia Esotérica seriam quase que invariavelmente tratadas como uma espécie de castigo necessário pelo qual a Humanidade teria que passar única e exclusivamente por conta de seus interesses egoístas, em nome dos quais destrói a natureza e explora os outros seres humanos, sem nenhum tipo de limite ou escrúpulo.

Para a Ufologia Mística, aliás, o ser humano, em sua desenfreada busca por seus mesquinhos interesses, não conseguiria perceber os problemas e conseqüências gerados por essa inconseqüente busca. É aqui que entrariam as intervenções extraterrestres. Seres espiritualmente muito evoluídos, os alienígenas, quase sempre caracterizados como membros de confederações galácticas, viriam constantemente à Terra em suas frotas de naves interestelares para conscientizar a humanidade dos problemas citados, informar sobre as intempéries que passaremos num futuro bastante próximo - o castigo divino em resposta em nossa omissão à evolução esperada -, e não raramente colocarem-se à disposição para salvar aqueles que se converterem a tempo às mensagens de amor, paz e fraternidade que eles nos trazem em nome de Deus.

Chegando nesse ponto, fica fácil perceber que a Ufologia Esotérica se estrutura - à imagem da Ufologia Científica, ou mesmo do neo-esoterismo - na forma de um pêndulo, ora buscando argumentos oriundos das Ciências Formais, ora se aproximando de imagens apocalípticas bastante comuns em religiões de cunho messiânico.

Entretanto, o que ocorre na Ufologia Mística aparece como algo um pouco diferente em relação ao que ocorre nas práticas neo-esotéricas: se estas recorrem ao que é tido como mágico, mítico e religioso como estratégia de suprir as carências e equívocos reiteradamente cometidos pelo pensamento hegemônico do Ocidente, a primeira vê como um ultraje toda e qualquer interpretação que tenha o fenômeno OVNI como a aparição de uma entidade mítica, uma manifestação divina, ou um milagre, e recorre a uma significação *Lógico-Científico-Racional* para o fenômeno toda vez que tal acontece, exatamente como coloca a Ufologia Científica frente as já apresentadas Aparições Marianas.

Todavia, é importante destacar que não é recorrendo às *Hard Sciences* que a Ufologia Mística explica as manifestações dos *Objetos Voadores Não Identificados*. Uma vez que “Esotérica”, essa forma de se pensar os OVNI, olha para as Ciências Formais

como um entrave à *evolução* humana, e vê como urgente a superação dos *paradigmas* vigentes, a única forma de se construir soluções para novos problemas.

Dito de outro modo, ela parte do pressuposto de que os postulados e modelos científicos são dinâmicos e mutáveis, e dessa maneira, vê como necessária uma flexibilidade na interpretação dos fatos, uma transcendência do conhecimento Lógico e Racional definido como hegemônico pelo Ocidente, incorporando a ele as outras formas de se organizar o pensamento e de se compreender o mundo.

Essa idéia se faz bem ilustrada pelo excerto abaixo:

“A fenomenologia extraterrestre já provou diversas vezes que extrapola todos os limites da materialidade. Então, por que insistir em pesquisá-lo somente de uma forma e com um único enfoque? Ciência sem mente aberta, sem horizonte em expansão, é ciência estagnada. Misticismo cego, fanático e dogmático é misticismo vazio. O novo ser humano, que irá construir uma nova era, tem que necessariamente ter novas condutas. Isso inclui os ufólogos, que lidam com algo de máxima relevância e significado. Reavaliar tudo o que já existe na Ufologia e tirar proveito disso, criando novas linhas de pensamento, seria um bom caminho” (*idem, ibidem, 27*).

Não obstante, também de modo invertido a Ufologia Mística se coloca em relação a alguns aspectos da Ufologia Científica: enquanto esta última incansavelmente reitera sua preocupação para com os métodos de se apreender a objetividade do fenômeno, a forma Esotérica de se investigar os aliens foca-se antes nas “mensagens” ditas pelos ocupantes das naves.

Em suma, poder-se-ia definir a estrutura da Ufologia Esotérica a partir de um duplo movimento. No primeiro deles, as vivências inexplicáveis são interpretadas a partir de um fundamento *Racional*: o contactado longe de ter tido uma experiência divina, foi abordado por seres que nada teriam de transcendentais; não viu anjos demônios ou deuses; ao contrário, interagiu com “ufonautas”, seres oriundos de outros lugares do Universo, que para cá vieram em suas naves espaciais.

Ao mesmo tempo, no entanto, ao contrário da Científica, a Ufologia Mística não se limita a essa conclusão. Aqui, o que as interpretações *mágico-mítico-religiosas* vêem como deuses não seriam ufonautas, apenas; seriam sim ufonautas de grande consciência cósmica, praticantes do verdadeiro Amor, enfim, seres portadores de uma espiritualidade incrivelmente mais *evoluída* que aquela presente entre nós, os terráqueos.

Com efeito, é com a idéia da “revelação” que surge o segundo movimento pelo qual se define a Ufologia Mística. Aqui, não basta explicar inexplicado; é preciso divulgar uma mensagem subjacente ao porquê dos extraterrestres estarem entre nós, o que feito basicamente recorrendo-se a um discurso em tom messiânico, seja ele catastrofista, seja salvacionista, ou uma combinação de ambos, como mais comumente acontece.

Uma vez que espiritualmente muito *evoluídos*, os extraterrenos estariam em condição de manterem um contato mais estreito com Deus, e dessa forma, apresentarem-se como seus porta-vozes junto a nós, terráqueos, *dentro em pouco vítimas de nossa própria mesquinhez e também dos castigos divinos a ela referentes*.

Necessário acrescentar que para a Ufologia Científica, esse segundo movimento, aparecerá como o grande responsável pela associação, por parte das *Hard Sciences*, da Ufologia, tratada como uma única e coesa forma de se estudar o fenômeno OVNI, com as manifestações do chamado pensamento *mágico-mítico-religioso*. Dessa maneira, ainda de acordo com a Ufologia Científica, essa forma “outra” de se pensar as aparições dos *Objetos Voadores Não Identificados*, deveria ser expurgada do pensamento ufológico, e tratada apenas como mais uma manifestação do movimento neo-esô.

Obviamente que tal não é o que vê a própria Ufologia Esotérica, que ao falar, reivindica para si a condição de falar em nome da Ciência (“C”), e assim, perceber na “outra” Ufologia os equívocos cometidos por parte daquelas que limitam suas reflexões ao pensamento hegemônico no Ocidente, não percebendo a riqueza das contribuições daquelas formas de significação de mundo erroneamente tidas como falsas por supostamente se associarem ao desqualificado campo do *mágico-mítico-religioso*.

Seja como for, em nome de uma legitimação frente às formas hegemônicas de se construir o conhecimento nas sociedades modernas, as Ufologias nos fazem supor a existência de uma espécie de graduando, um *continuum* entre as diferentes formas de se significar o mundo, onde de um lado colocar-se-iam o neo-esoterismo e as demais formas

*mágico-mítico-religiosas* de pensamento, e no outro extremo, a Ciência Formal, cuja objetividade e rigor deveriam inspirá-las em sua busca pela Verdade.

Assim definido as extremidades, e tomando como estudo de caso as Ufologias, ficaria ainda mais fácil completarmos o *continuum* com posições intermediárias, definidas a partir dos adjetivos pelos quais cada uma delas se definiria, e, por conseguinte, acaba por posicioná-las mais próximas deste ou daquele pólo, como nos mostra a imagem abaixo:

“Neo-esoterismo - Ufologia Mística - Ufologia Científica - Ciências Formais”.

De acordo com esse sistema, poderíamos afirmar que se a Ufologia Científica olha para seu lado direito e nele vê as reais possibilidades de se caminhar em direção à Verdade, o mesmo não acontece no caso da Ufologia Esotérica, que se aproxima do pólo oposto para criticar o reducionismo cartesiano do modo ocidental de olhar o mundo, e credita sua própria maneira de alcançar a Verdade na abolição dessa forma hierarquizante e excludente de se equacionar os dois pólos do esquema.

No entanto, o que mais nos interessa aqui é frisar que, muito embora a estratégia encontrada por cada Ufologia de se caminhar em direção à *Verdade* seja distinta uma em relação à outra, ambas compartilham da idéia de que é essa a forma encontrada pelas sociedades modernas de se equacionar os campos do *mágico-mítico-religioso* e do *Lógico-Científico-Racional*: um esquema aparentemente marcado pela descontinuidade, onde o segundo termo se sobrepõe ao primeiro, tratando-o como ilógico, e assim desqualificado, condenando-o à margem do sistema simbólico hegemônico.

Nesse sentido, por maior esforço despendido pela Ufologia no intuito de se revestir de um léxico técnico, de se aproximar do rigor *Científico*, da *Lógica* e da *Racionalidade*, estará proposital e reiteradamente relegada à alcunha do irracional e do exótico, do *mítico* e do *religioso*. Com efeito, desnecessário seria a quem se auto-elege como não a maior, mas a única representante do que realmente seria *Lógico-Científico-Racional* lembrar que os deuses nada mais seriam do que deuses; astronomia é uma algo que pertence exclusivamente às sociedades modernas, e essas, salvo engano, somos nós.

Ora, caberia então a pergunta: se a perspectiva adotada fosse a da Ciência Formal, poderíamos negar qualquer possibilidade de se atenuar a descontinuidade que separa os dois pólos da dicotomia, e assim, reescrever o esquema acima construído da seguinte forma:

*“magia-mito-religião ----- Hard Sciences ?*

Essa é a questão a ser respondida pela quarta e última parte desse trabalho.

## QUARTA PARTE

*“Cento e sete segundos de sinais de rádio registrados em uma banda com 2,5 milhões de Hz de largura centrada no ‘buraco d’água’ (1420 MHz) e cobrindo ponto a ponto (setores de  $0,1^\circ \times 0,6^\circ$ ) cerca de 1/3 de toda a abóbada celeste. Nisto consiste o mais importante projeto SETI da atualidade...*

(Scientific American)

## “REPENSANDO A UFOLOGIA”

ou

“N = R x Fp x Ne x Fl x Fi x Fc x L: A CIÊNCIA FRENTE AO MITO”

Os capítulos anteriores foram construídos pela apresentação e análise do modo pelo qual o fenômeno do aparecimento de discos-voadores é apreendido e estudado por seus especialistas, estejam eles falando em nome da Ufologia Científica, ou ainda da denominada Ufologia Mística ou Esotérica.

Tendo avançado nessa discussão, gostaria de dar continuidade a esse trabalho pensando um pouco em outras manifestações dos extraterrestres em nosso mundo, desta vez tentando perceber como a idéia da sua existência não só ultrapassa as fronteiras do interesse desses especialistas, como extrapola também o discurso das “revelações” prenunciadas aos iluminados, as “experiências abduativas” de alguns escolhidos (ou talvez deva dizer mal afortunados?!), ou mesmo as freqüentes “aparições” dos ETs nas telas dos cinemas, nas Histórias em Quadrinhos, nos comerciais de televisão...

Nesse sentido, é bom adiantar que, com isso, buscarei adentrar numa nova e polêmica seara da antropologia contemporânea: a chamada “Antropologia Simétrica”, representada entre outras pela já citada obra do francês Bruno Latour.

Tal “projeto antropológico” nasce num tom de inconformismo, que ecoa na denúncia de uma suposta “limitação” por parte da Ciência do Homem, denúncia essa que aparece de forma bastante clara num dos textos mais célebres de Latour, escrito juntamente com o americano Steve Woolgar.

Ali, estes escritores nos colocam que

“Centenas de etnólogos visitaram todas as tribos imagináveis, penetraram florestas profundas, repertoriaram os costumes mais exóticos, fotografaram e documentaram as relações familiares ou os cultos mais complexos. E, no entanto, nossa indústria, nossa técnica, nossa ciência, nossa administração permanecem bem pouco estudadas. Expulsos do

campo na África, na América Latina ou na Ásia, os etnólogos só se sentem capazes de estudar, em nossas sociedades, o que é mais parecido com os campos que acabavam de deixar: as artes e tradições populares, a bruxaria, as representações simbólicas, os camponeses, os marginais de todos os tipos, os guetos. É com temor e escrúpulo que avançam em nossas cidades. Chegando ao cerne delas, estudam as sociabilidades dos habitantes, mas não analisam as coisas feitas pelos urbanistas, pelos engenheiros do metrô ou pela câmara municipal; quando penetram de salto alto em uma fábrica, estudam os operários, que ainda se parecem um pouco com os pobres exóticos e mudos que os etnólogos têm o hábito de sufocar sob seus comentários, mas não os engenheiros e os patrões. Têm um pouco mais de coragem quando se trata da medicina, reputada como uma ciência ‘mole’. Mesmo neste caso, contudo, eles estudam de preferência a *etnomedicina* ou as medicinas paralelas. Os médicos propriamente ditos, as medicinas centrais não são objeto de qualquer estudo metuculoso. Nem falemos da biologia, da física, das matemáticas. Ciência da periferia, a antropologia não sabe voltar-se para o centro” (Latour & Woolgar, 1997, 17-18).

De fato, se recorrermos à história da Antropologia enquanto uma disciplina específica, dificilmente não daremos crédito à indignação de Latour e Woolgar.

Ora, sabemos que a Antropologia nasce preocupada em observar as sociedades então ditas “primitivas”, procurando percebê-las sobretudo em relação às sociedades nas quais os Antropólogos, confortavelmente acomodados em seus gabinetes, estudavam e escreviam suas teses; suas pesquisas, cuja pauta era mostrar o exótico, acabava por incutir entre os colonizadores europeus a providencial necessidade de se civilizar os selvagens dos Novos Mundos.

Passavam-se os anos e as sociedades “primitivas” começam a ser analisadas dentro de certo protagonismo, com as culturas de cada grupo sendo apreendidas a partir daquilo que existia de mais “central” nelas mesmas - era justamente aquilo que melhor explicava a estrutura e dinâmica social de cada tribo o que era eleito como o ponto a partir do qual elas seriam entendidas e posteriormente explicadas. As comparações com o Ocidente Moderno

acabaram ficando para um segundo momento; o espírito dos trabalhos das novas gerações de antropólogos, porém, continuava sendo a exploração dos exotismos presentes nessas “ainda” pouco civilizadas sociedades.

Mais recentemente, a Antropologia, não raramente têm mudado seu foco e se voltado para a própria sociedade Ocidental. A pauta das pesquisas, entretanto, não consegue se desvincular do exótico. É exatamente isso o que ocorria até a pouco com a nascente Antropologia Urbana, que muito embora se propusesse a refletir sobre fenômenos das cidades, e portanto, de nossa sociedade, se atinha não ao que ali existia de mais central, estruturante e revelador, mas ao contrário, à grupos e fenômenos que se situavam à margem do *sistema simbólico hegemônico*.

Esse é o caso dos estudos de grupos e sociedades de imigrantes, de guetos, de gangues, de escolas de samba, comunidades alternativas e grupos estruturados a partir de determinadas especificidades, com “centros” autônomos e fundadores de si próprios enquanto grupos, mas só indiretamente relacionados com a sociedade quando entendida de uma perspectiva mais macro, mais abrangente.

Acho importante frisar aqui que não estou insinuando que os estudos referentes a tais grupos não sejam importantes; aliás, muito pelo contrário. Eles são fundamentais, e obedecem, inclusive, a uma respeitável exatidão metódica; neles, tais grupos são percebidos justamente a partir do que existe de mais “central”, estruturante e fundamental para eles próprios enquanto grupo sócio e culturalmente organizado.

O que todavia se coloca é que, para esse “novo projeto antropológico”, essas reflexões apenas indiretamente, a partir de um jogo especular de reflexos, podem nos servir no entendimento de nossos próprios valores hegemônicos, certezas, filosofias, enfim, de toda a estrutura fundante de nossa própria sociedade. Com efeito, se ao estudarmos sociedades que se situam na periferia do mundo Ocidental e moderno nos voltamos para as instituições que se apresentam como os mais importantes “pilares” da vida daqueles que ali se inserem, por que não fazemos exatamente o mesmo quando nosso objeto de estudo se define por nosso próprio meio? Por que quando nos voltamos para nossa própria sociedade, temos tanta parcimônia em estudá-la a partir daquilo que se mostra, hegemonicamente, mais “central”?

Eis que aparece, portanto, a noção de Simetria: superar o vício antropológico de nunca olhar para o *eu* de uma forma que não mediada pelo *outro*: de uma forma direta, por assim dizer; pensar um pouco não no que se refere ao *outro*, e sim naquilo que o *eu* produz, em nossa própria interpretação do mundo, em nossa própria versão dos fatos.

Nesse sentido, fica claro que até agora, ao refletirmos sobre o universo do neo-esoterismo, sobre a Ufologia Mística, ou mesmo sobre a Ufologia Científica, focamos nossa atenção também sobre o lado esquerdo da dicotomia *magia-mito-religião* X Ciências Formais.

Assim, proponho que por ora mudemos nosso foco do *exótico* para o *Formal*, do risível para o Respeitável, que substituamos a crença pela Razão, a ficção científica, a magia e o misticismo pela Racionalidade das Ciências Formais. Enfim, que complementemos o estudo até aqui desenvolvido, nos debruçando justamente sobre o pólo inverso daquele que viemos abordando até agora, a saber: o da perspectiva daquelas instituições que se apresentam como “centrais” em nossa sociedade, aquelas responsáveis por dar, oficialmente, significado e sentido ao mundo, ou seja, aquelas reconhecidas como situadas no pólo do *Lógico-Científico-Racional*.

Aplicar o projeto da Antropologia Simétrica ao mote do presente estudo é portanto o que espero fazer nessa quarta e última parte de meu trabalho.

\* \* \*

Vimos anteriormente que as Ciências ditas Formais possuem algo próximo a uma “alergia” frente a qualquer manifestação do pensamento ufológico. De fato, afirmações que acusam as Ufologias de representarem uma pseudo-ciência são comuns. O argumento, vale lembrar, se foca na inexistência de um objeto de estudo concreto, real, objetivo.

Em suma, para o pensamento científico formal, absurda é a idéia de que seres inteligentes oriundos de outros cantos do Universo possam estar visitando a Terra em seus discos-voadores. Entrementes, o mesmo não é o que aparentemente acontece se as elucubrações acerca da imaginada epifania diária de naves espaciais em nossos céus for substituída, com parcimônia e cuidado, pela idéia da existência de alguma possibilidade de

eventuais formas de vida terem se desenvolvido em outros planetas de realidade atmosférica semelhante a nossa.

É com o intuito de medir e estudar essas possibilidades que nasce, em meados do século XX, a Exobiologia - uma Ciência (“C”) que estuda a vida - do latim, Biologia -, quando de sua possibilidade de aparecimento fora do planeta Terra - como nos aponta o prefixo “exo”.

Marco histórico da disciplina, vi na “Equação de Drake” a melhor forma de introduzir neste trabalho sobre extraterrestres o que atualmente é caracterizado como pensamento exobiológico, e por isso, inclusive, utilizo-a como título deste capítulo. Assim batizada em homenagem ao seu criador, o astrônomo norte-americano Frank Drake, a equação imagina como resultado (valor de “N”) o número de civilizações passíveis de serem contactadas existentes na Galáxia. Esse valor é calculado a partir da relação entre as seguintes variáveis:

“R”, que equivale ao tempo médio que as estrelas demoram a se formar;

“Fp”, que mostra a fração dessas estrelas que se apresentam acompanhadas de um sistema planetário, como o exemplo do nosso Sol;

“Ne”, que indica quantos dos planetas desses sistemas planetários encontram-se situados em áreas cujas características possibilitariam o surgimento de vida;

“Fi”, que sugere um valor para a fração destes planetas com possível desenvolvimento efetivo da vida;

“Fi”, que propõe qual a porcentagem destas formas de vida teriam desenvolvido inteligência;

“Fc”, que prevê qual a fração destas formas de vida inteligente teriam se tornado civilizações técnicas, com capacidade (e interesse) para a comunicação com outras inteligências;

e, por fim, “L”, que indicaria o tempo médio suposto para o surgimento dessas civilizações.

Ora, olhando para os elementos representados na relação entre essas variáveis, logo num primeiro momento fica fácil perceber que, ao contrário das equações com que nos deparamos na Física ou nas demais *Hard Sciences*, que via de regra exprimem

determinadas relações quantitativas entre fenômenos da natureza, a Equação de Drake apenas expressa um encadeamento de estimativas e probabilidades de determinados fatores, relativamente arbitrários.

Nesse sentido, os elementos que constituem essa equação, bem como a confiabilidade das probabilidades assinaladas, são pontos continuamente em discussão dentro da Exobiologia, discussão essa que se configura enquanto arena, onde os também chamados xenobiólogos, xenólogos, bioastrônomos, cosmobiólogos, astrobiólogos degladiam entre si, demarcando posições e reivindicando verbas para suas pesquisas.

Esse debate, porém, longe de denunciar uma suposta fragilidade dessa nova e polêmica área do conhecimento, expressa o que para muitos existe de mais visceral nisso que chamamos de Ciência: o debate construído a partir de uma argumentação “lógica”, responsável, e o mais importante, metódica.

Em vista disso, e ainda que de uma maneira bastante grosseira, dado que as posições e argumentações de cada um desses cientistas mostram-se quase que únicas de caso a caso, é possível denominar duas grandes “escolas” de pensamento dentro da Exobiologia, cada qual abrangendo uma gama mais ou menos uniforme de posições.

Nesse sentido temos, de um lado, as teses “pluralistas”, cuja principal hipótese defende que, num contexto cósmico onde é astronômica a quantidade de planetas espalhados pelo Universo, absurda se coloca qualquer prerrogativa que vê a Terra como a única depositária da vida, principalmente porque “a unicidade não é uma característica da natureza” (MacGowan & Ordway, *apud* Barcelos, 1991, 58).

Em outras palavras, esta escola sustenta como principal pressuposto a multiplicidade dos mundos habitados por seres inteligentes, onde as características e os fenômenos biológicos existentes na Terra nada mais seriam que representantes de uma espécie de “média cósmica”; com efeito, sob condições adequadas, e tendo o tempo necessário, tanto a vida como a inteligência, inevitavelmente apareceriam e se desenvolveriam, tal como aconteceu em nosso planeta.

Apoiando-se numa das abordagens do pensamento darwiniano, a Escola Pluralista complementa sua principal tese advogando que qualquer característica que, embora surgida ao acaso, mostre-se útil à sobrevivência da espécie extraterrena, permanece existindo em

sua configuração gênica, permitindo assim sua melhor adaptabilidade com o meio em que estiver inserida. Este seria o caso do surgimento de um cérebro desenvolvido e, por conseguinte, do aparecimento da inteligência.

No mais, dentro do processo de seleção natural da vida extraterrena, ao crescimento cerebral e o aparecimento da inteligência, somar-se-ia o desenvolvimento da linguagem e a organização desses seres em sociedades, gerando, assim como na Terra, uma ordem de seres superiores, inteligentes, e por que não dizer, civilizados e dotados de uma tecnologia bastante avançada.

No entanto, frente a essas concepções pluralistas pode-se também afirmar que uma associação entre os imaginados bilhões de planetas do Universo semelhantes à Terra e a existência de vida nestes corpos não se apresenta, absolutamente, como uma Lei, inexorável e necessária. Desse modo, pois, poderíamos entender como totalmente arbitrária essa projeção do surgimento e evolução da vida como algo espontâneo e amplamente difundido onde quer que se apresente as condições necessárias para tal. São exatamente esses os principais contra-argumentos da Escola que dentro do pensamento exobiológico dialoga com os Pluralistas.

De bases argumentativas igualmente bastante heterogêneas, com colocações que variam desde a negação da existência de qualquer forma de vida no Universo (com a óbvia exceção de nossa Terra! - sic), até suposições que consideram algum tipo de vida não inteligente em lugares bastante distantes de nosso sistema solar, em nada semelhantes aos seres humanos, essa outra Escola, chamada de “Singularista”, advoga, como seu próprio nome já anuncia, a singularidade do ser humano no Universo como a situação “mais provável”. Em suma, a vida inteligente, capaz de estabelecer algum tipo de contato conosco parece, aos olhos dessa disciplina não só pouco provável, como mesmo inverossímil.

Entrementes, o importante é notarmos que a percepção que os Singularistas têm do ser humano vai exatamente no sentido oposto daquele em que se direciona a dinâmica da própria Filosofia e da Ciência Ocidental, que pelo menos desde o Renascimento, com a chamada “Revolução Copernicana”, vêm retirando do Homem o papel de protagonista do Universo.

Isso pois que, a despeito do cristianismo medieval, que via nosso planeta como o centro de tudo sob o argumento da singularidade da aparição de Cristo no Universo, Copérnico, com a transposição do centro de tudo para o Sol, e Galileu, com a invenção do telescópio, introduziram uma radical mudança na orientação das idéias sobre a possibilidade de outros mundos.

Nesse sentido, tendo em mente a nova forma com que a “Revolução Copernicana” e a invenção do telescópio permitiam relacionar o mundo com o Homem, pode-se mesmo dizer que de maneira assaz inédita também se colocava a questão da existência de vida extraterrena. Se é fato que essa questão ocupava debates religiosos e filosóficos desde os gregos (cf. Crowe, 1986), é agora no seio da “academia” que ela se faz presente a partir do século XVIII, permeando obras de autores consagrados como Voltaire, Hume e Kant (cf. Dick, 1982).

Exaltados pela Filosofia das Luzes, esses senhores da Razão contribuíam para a retirada da temática alienígena - então teoricamente discutida como “Pluralidade dos mundos habitados” - do campo do *mágico-mítico-religioso*, colocando-a ao mesmo tempo sobre o estandarte do *Lógico-Científico-Racional*; tal não garantia, entretanto, que se falasse, ainda, em uma área do conhecimento voltada especialmente para estas questões.

Dois séculos depois, isso iria de fato acontecer com a contribuição dada pelo “desenvolvimento” de outras disciplinas, bem como com o conhecimento proporcionado por certas “descobertas”, ambos elementos que propiciavam o suporte teórico e técnico necessário ao surgimento e aprimoramento da Exobiologia.

A esse respeito coloca-se como primeiro elemento a dar suporte ao despontar da Ciência (“C”) da vida extraterrestre, os debates que em princípios do século XX aconteciam dentro dos estudos da Biologia, ou seja, acerca da vida na própria Terra, ou mais especificamente, da origem da vida terrestre. Aqui, o principal ponto a ser considerado se refere às teorias que tentavam mapear a transformação das reações químicas em reações bioquímicas. Ora, uma vez que decifrada a gênese estritamente química da vida na Terra, por que não prever sua extensão na Galáxia, estimando a presença do fenômeno em contextos extraplanetários?

Dentro de tais debates, a mais famosa, consistente e duradoura das novas teorias foi desenvolvida, em meados da década de 20, simultaneamente por dois cientistas: um inglês,

John Haldane, outro soviético, Alexandr Oparin, sendo que, curiosa e aparentemente, um não tinha conhecimento dos trabalhos do outro. Seja como for, a teoria desenvolvida por esses cientistas, ainda por muitos conhecida como a “Teoria da sopa pré-biótica”, é definida basicamente pela sugestão de que a vida teria surgido como produto da reação dos componentes dos oceanos primitivos - que teriam o aspecto de uma “sopa”, cuja “receita” estaria impregnada de proteínas, ácidos nucléicos e moléculas básicas ao desenvolvimento da vida - com descargas elétricas de tempestades e com a energia dos raios solares ainda não filtrados pela camada protetora de ozônio, inexistente nessa Terra ainda em formação<sup>11</sup>.

Durante três décadas, o modelo de Oparin/Haldane é exaustivamente discutido, e nos anos cinquenta, começa a ser colocado à prova em laboratórios; são incontáveis as tentativas de, se não a recriar a vida, ao menos simular uma de suas etapas do processo em que ela teria supostamente surgido.

Lado a lado com o desenvolvimento dos estudos ligados à “Teoria da sopa pré-biótica”, outras disciplinas contribuía para a formação de pilares sobre os quais a Exobiologia poderia seguramente se apoiar. Ainda na primeira metade do século XX, a Astronomia também tinha como pauta discussões bastante próximas da temática exobiológica, a saber: os debates acerca da origem do sistema solar e, por extensão, de outros possíveis sistemas planetários. Sobre esse ponto, teremos uma certa idéia do que se passava se dividirmos os principais atores desse debate em dois grandes grupos: o dos “Monistas” e o dos “Dualistas”.

Os Monistas entendiam a formação de qualquer sistema planetário como um evento autônomo e independente; segundo sua tese mais aceita, ele surgiria quando um aglomerado informe de gases e partículas, atraídos pela força gravitacional uns dos outros, formariam um ponto central denso, e ao seu redor, um conjunto de anéis, de onde emergiria, decorridos bilhões de anos, um conjunto de planetas em órbita.

Os ditos Dualistas, por outro lado, assim eram chamados por defenderem que o surgimento de um sistema solar só poderia ser explicado a partir da colisão, do “choque”

---

<sup>11</sup> O conhecido “modelo da sopa pré-biótica” não é mais aceito; atualmente, vem ganhando força a tese de que a vida teria se constituído nas profundezas oceânicas, ao redor de fontes hidrotermais, cujas fumarolas expelem enxofre a água a temperaturas superiores aos 100°C.

Outras hipóteses recentes sugerem ainda que, em lugar das águas oparianas e das chaminés submarinas, a argila teria sido o meio preferencial para a síntese biótica, como indicam os trabalhos do químico britânico Graham Cairns-Smith.

entre duas estrelas. Segundo esse modelo, depois de traídas pela força gravitacional uma da outra, e com o choque inevitável, pedaços de ambas se desprenderiam, e arremessados para longe do seu calor, se resfriariam e condensariam na forma de planetas, que submetidos inevitavelmente a mesma força da gravidade, continuariam orbitando o que teria sobrado da estrela original.

Ora, sendo as aproximações entre estrelas um fenômeno extremamente raro, também raros seriam os sistemas planetários espalhados pelo Universo, e a decorrência direta disso seria nada mais senão a raridade também das chances de existir vida e inteligências extraterrestres. Com efeito, se essa segunda hipótese fosse realmente provada, a Exobiologia estaria, fatalmente, em maus lençóis, relegada se não ao ostracismo, ao plano do *mágico-mítico-religioso*, o que nas sociedades modernas representa, como vimos, algo ainda pior.

No entanto, a História da Astronomia foi generosa para com as especulações sobre a Pluralidade dos Mundos Habitados: a partir dos anos 40, começou-se a detectar alguns sistemas planetários em estrelas próximas ao nosso sistema solar. Dessa feita, seria razoável supor, como faziam os Monistas, que a formação destes sistemas planetários seria um processo corriqueiro no Universo. E de fato, o passar do tempo reafirmava a banalidade da formação desses sistemas planetários: com o desenvolvimento dos telescópios e o aprimoramento das técnicas de observação do céu os tais planetas extra-solares conhecidos, hoje, já ultrapassam a cifra de duas centenas.

Com efeito, o leitor pode estar pensando sobre a já apresentada crítica dos Singularistas, que não se impressiona com os grandes números e alerta para o fato de que a associação entre os imaginados bilhões de planetas semelhantes à Terra presentes no Universo e a existência de vida nestes corpos, não seria, em absoluto, necessária e verdadeira.

Entretanto, a despeito dessas ressalvas, e driblando as não poucas acusações acerca de sua natureza “chauvinista” – a Exobiologia, de fato, considerava que a vida procuraria sítios iguais ao planeta Terra para se desenvolver -, a Ciência da vida extraterrestre ganhava grande impulso com o aparente sucesso, simultâneo, dos modelos cosmogônicos propostos

pelos Monistas e das hipóteses colocadas pela Teoria da sopa pré-biótica de Oparin/Haldane.

Contudo, resta dizer que ainda não contente com a detecção de sistemas planetários extra-solares - cujas características geralmente mostravam-se próximas de Urano ou Saturno -, a Astronomia, imbuída de um espírito de clara natureza exobiológica, mostrava-se ainda empenhada em descobrir astros cujas características se apresentassem em algo semelhantes às da própria Terra. Novas tecnologias passavam a ser então utilizadas, de modo a melhor procurar por planetas que possuíssem um tamanho semelhante ao nosso, que orbitassem sua estrela numa distância que tornasse seu ambiente semelhante àquele em que nós, terráqueos, vivemos, em suma, que fossem adequados à vida tal qual nós a conhecemos.

Aparentemente, estava dado o grande passo da Exobiologia. Sim, pois, para a ela não bastava a certeza da existência de vida no Universo. Era necessário saber menos vagamente onde procurar os alienígenas, com vista a estabelecer algum tipo de contato com as supostas civilizações - a única maneira de enterrar a sete palmos bem medidos a principal crítica constantemente ressuscitada contra suas prerrogativas, segundo a qual se negava a cientificidade da disciplina por esta não conseguir demonstrar seu objeto de análise.

Por fim, cabe ainda dizer que quanto à descoberta dos possíveis endereços espaciais dos nossos pares extraterrestres, a Astronomia, como visto, cumpria bem seu papel; no quesito “contato com esses seres”, no entanto, a Ciência que observa e mede o céu não poderia ajudar. O mesmo, aliás, se diria da própria Astronáutica. Ainda muito insipiente na primeira metade do século XX, estava longe de contribuir para um encontro *tete a tete* com os aliens, e qualquer assertiva a esse respeito soava no mesmo tom que algumas aparentemente absurdas tentativas de se comunicar com marcianos por meio do envio, aos moldes do conhecido “Código Morse”, de uma seqüência ordenada de pulsos luminosos em direção ao Planeta Vermelho<sup>12</sup>: em uma palavra, o tom da ficção científica.

---

<sup>12</sup> De fato, uma das idéias precursoras de se estabelecer algum tipo de comunicação com as imaginadas civilizações marcianas, consistia em contactá-las por meio do envio de uma seqüência ordenada de pulsos luminosos em direção ao Planeta Vermelho, cuja combinação em forma de matriz matemática possibilitaria a formação das mais variadas imagens. A proposta apareceria pela primeira vez publicada em meados de 1920, na Revista *Scientific American*.

Não obstante, o que até então era hipotético, em alguns anos passaria a ser real. Nesse sentido, pode-se dizer que a moderna discussão essencialmente científica sobre os alienígenas inicia-se em 1959, quando a revista científica *Nature* publica o artigo “Buscando comunicações interestelares”, assinado pelos cientistas Giuseppe Cocconi e Philip Morrison.

A importância deste trabalho, dentro da tradição científica que aborda o tema, inicia-se já na esfera da terminologia; a partir dele a antiga concepção de “Pluralidade dos Mundos Habitados” - muito ampla e de todo modo vinculada à forma pelas quais os iluministas tratavam a temática - transformar-se-á numa área específica do conhecimento, denominada inclusive por um jargão próprio: “a questão ETI” (onde “ETI” corresponde à sigla “Extraterrestrial Intelligence”, ou, em português, “Inteligência Extraterrestre”).

Destarte essa questão da terminologia, o que de fato existe de mais importante e inovador no artigo de Cocconi e Morrison diz efetivamente respeito a sua proposta de como encontrar as tais civilizações extraterrestres, o que é posto a partir da idéia de que os próprios alienígenas, tendo atingido grau evolutivo tal, poderiam também, assim como nós, estarem procurando por seus pares no cosmos. Sendo assim, os autores do referido artigo, defendem que, caso essa iniciativa extraterrena estivesse de fato ocorrendo, as ondas de rádio muito provavelmente apareceria como o meio utilizado pelos aliens para o envio de mensagens destinadas a outras civilizações presentes no Universo. Ora, então, bastaria apenas que nós, terráqueos, nos concentrássemos em procurar pela vastidão do Universo sinais de rádio contendo as mensagens por eles enviadas, mensagens que, uma vez encontradas, provariam à existência daqueles que as teriam emitido.

O primórdio dessa inovadora idéia para a busca de vida extraterrestre remontava ao início da década de 30, quando ao investigar a origem de certas interferências periódicas nas radiotransmissões de uma empresa de telefonia norte americana, o engenheiro Karl Jansky percebeu que a fonte das perturbações originava-se fora do sistema solar, tendo sua maior intensidade localizada na direção da constelação de Sagitário. Esquecida por algum tempo, a descoberta de Jansky iria se associar, posteriormente, às técnicas de se mapear o espaço a partir da emissão de ondas de rádio ao céu, a chamada Radioastronomia.

Abria-se assim uma nova perspectiva observacional aos estudos planetários: feixes de ondas foram enviados à Lua em 1946; dez anos depois, eram detectadas emissões de

microondas originárias de Júpiter, mais ou menos no mesmo momento em que Vênus também passava a ser estudado por meio das técnicas da rádio-observação. A bem dizer, toda essa experiência acumulada pela Radioastronomia apareceria fundamentando uma possibilidade de se transformar a tese apresentada na primeira parte do artigo da *Nature* em projetos concretos de “Comunicação com Inteligências Extraterrestres”, conhecidos na literatura especializada como CETI (*Communication with Extraterrestrial Intelligence*).

Foi portanto sem embargo que, num segundo momento do mesmo artigo, Cocconi e Morrison estruturavam um projeto de pesquisa que visava procurar as imaginadas mensagens enviadas pelos extraterrenos; nele, propunha-se que todas as atenções fossem direcionadas para quatro estrelas de tipo solar, situadas em até 15 anos-luz de distância da Terra.

Frente ao artigo, nascia uma polêmica. Tão profundas e sistemáticas foram as questões levantadas por defensores e críticos das idéias ali presentes quanto foi sua projeção dentro do meio acadêmico. Dentre os inúmeros questionamentos que se sucederam, recorrentes eram as perguntas: Mas por que esses nossos pares extraterrenos se utilizariam de sinais de rádio para se comunicarem? E se isso de fato fosse real, que frequência adotariam?

As respostas eram procuradas pela própria Física: ora, os sinais de rádio consistem num tipo de onda muito facilmente produzida, que viajam rapidamente por imensas distâncias, e ainda conseguem passar sem maiores dificuldades ou interferências pelas nuvens de poeira e gás existentes no espaço. Por outro lado, já se sabia que a frequência a ser escolhida pelos ETs era necessariamente limitada por certos constrangimentos de ordem física, relacionados sobretudo a características do meio interestelar e das atmosferas planetárias, que absorvem as ondas de comprimento superior aos 10 metros e inferior a 1 cm. Não obstante, além dessas restrições de ordem “natural”, a escolha de uma frequência adequada para a comunicação com os alienígenas deveria também evitar a possibilidade das tão temidas interferências.

Assim, limitando-se a extensão da onda que imaginava-se poder ter sido utilizada por uma eventual tentativa de comunicação por parte dos ETs em função das condições apresentadas, chegou-se à região situada entre os 3 e os 30 cm. Dentro desse intervalo, aliás, encontrava-se a frequência da radioemissão do Hidrogênio, cujo comprimento de

onda era calculado em 21 cm. Este elemento, ao ser percebido como o elemento químico mais abundante do Universo, providencialmente aparecia como a substância mais adequadamente interessante para carregar as ondas de rádio com as mensagens a serem enviadas pelos seres extraterrestres; de fato, se a idéia era propagar a mensagem pelo maior horizonte possível, o meio escolhido deveria ter assim o sido em função do quanto ele se apresentaria difundido pelo cosmo.

Seja como for, a “frequência mágica” - como ficou conhecida a frequência do Hidrogênio -, seria complementada pela frequência de outro elemento químico igualmente espalhado pelo Universo: o Oxigênio, fixada nos 18 cm. O consenso final acerca da frequência adotada pelas civilizações extraterrenas para o envio de suas mensagens acabou decorrendo exatamente da associação entre o comprimento de onda desses dois elementos; o intervalo entre esses comprimentos, acabou sendo conhecido como “buraco d’água”, uma coincidente alegoria que retratava bem o tipo de civilização que acreditava-se poder estar enviando mensagens ao espaço. Como sabemos, a água resulta da combinação dos radicais desses dois elementos ( $\text{OH} + \text{H} = \text{H}_2\text{O}$ ), e em consonância com a imagem da água como condição fundamental à vida, imaginou-se que, da mesma forma, o intervalo do espectro eletromagnético entre as frequências do radical Hidroxila (OH) e do Hidrogênio (H), fosse simbolicamente escolhido como o meio fundamental para a comunicação entre seres vivos situados em diferentes partes do Universo<sup>13</sup>.

Para prosseguirmos com certa cautela, vale reiterar que muito embora as premissas acerca da vida alienígena pudessem parecer equivocadas, passíveis de serem colocadas na esfera da ficção-científica, quando não na do absurdo, a argumentação Científica que dava suporte às idéias de Cocconi e Morrison - teorias que permitiam estimar com certa segurança a formações de planetas fora do sistema solar, o desenvolvimento de uma eventual forma de vida nesses planetas, e a evolução dessas formas de vida até o estágio definido pelo desenvolvimento de sociedades com avançada capacidade técnica - garantia

---

<sup>13</sup> É bem verdade que na contra mão desse argumento, colocava-se mais uma vez a denúncia do “chauvinismo” da Exobiologia, que além de pressupor encontrar humanóides com nosso próprio nível de desenvolvimento tecnológico, apontava ainda para uma supostamente inexorável “preferência” científica desses humanóides, como é o caso da frequência dos 18-21 cm para a comunicação espacial.

Assim, destarte todos os debates de caráter filosófico, que consideram a formação de aparelhos sensoriais e cognitivos diferentes nos ETs (o que geraria uma apreensão de mundo distinta da nossa), a resposta da Exobiologia para estas acusações era direta: *se o mundo é um só, a ciência também tem que ser uma*; o que é válido para nós, é válido para eles.

uma aceitação dessa proposta de pesquisa por um número considerável de cientistas, que a despeito dos infundáveis debates que se seguiram à publicação do texto, passavam a pensar a concretização do projeto.

Foi assim que, muito embora recebida inicialmente com ceticismo pela Radioastronomia, a partir de 1960, sob a responsabilidade de Frank Drake (o mesmo que um ano depois elaboraria a equação que abriu este capítulo), acabou vindo à luz o Projeto OZMA, um marco na história da Exobiologia, que a partir de então passaria a orientar a procura dos aliens por meio da busca de sinais de rádio de procedência extraterrena.

Com efeito, duas naturezas distintas eram atribuídas aos imaginados sinais de rádio extraterrestres, cada qual denunciando a sua maneira a existência de seus emissores: de um lado, os chamados “sinais não intencionados”, que tratariam das formas utilizadas pelos aliens em sua própria comunicação. Para explicar melhor, basta lembrarmos que nós, os terráqueos, desde o século passado, ao nos comunicarmos via rádio, televisão, etc., espalhamos pelo espaço “resíduos” eletromagnéticos, resíduos esses que denunciariam nossa existência, caso percebidos por outros seres do Universo. Nesse sentido, por que então não pensar que o mesmo poderia estar acontecendo inversamente?

De outro modo, poderíamos ainda pensar que, com o desenvolvimento de Ciência e Tecnologia semelhantes às nossas, também as civilizações extraterrestres reconheceriam nas estrelas de tipo solar um *locus* privilegiado ao surgimento e desenvolvimento da vida, e assim como nós, por conseguinte, poderiam estar enviando a essas estrelas suas mensagens codificadas em sinais eletromagnéticos - que como vimos, mostrar-se-iam como o meio mais viável de se estabelecer uma comunicação. Essa segunda natureza imaginada para os sinais extraterrestres procurados no espaço, ou seja, “mensagens intencionais” propriamente ditas, propositalmente codificadas na forma de ondas de rádio, equalizadas na frequência do “buraco d’água”, e casualmente mandadas em nossa direção.

Fato é que, a partir de então, alguns Projetos SETI poderiam ser destacados pela história da Exobiologia, seja pelo esforço técnico que exigiram, seja pelo capital que dispensaram. Dentre eles, cito o “Projeto CYCLOPS”, assistido pela NASA, na década de 70; e o “Sentinela”, do início da década de 1980, elaborado pela Universidade de Harvard, que pouco depois de iniciado, teve sua modesta capacidade de análise significativamente

ampliada, passando a ser chamado de “Projeto META”, que posteriormente se desdobraria nos META I e META II, que atualmente operam respectivamente nos EUA e na Argentina.

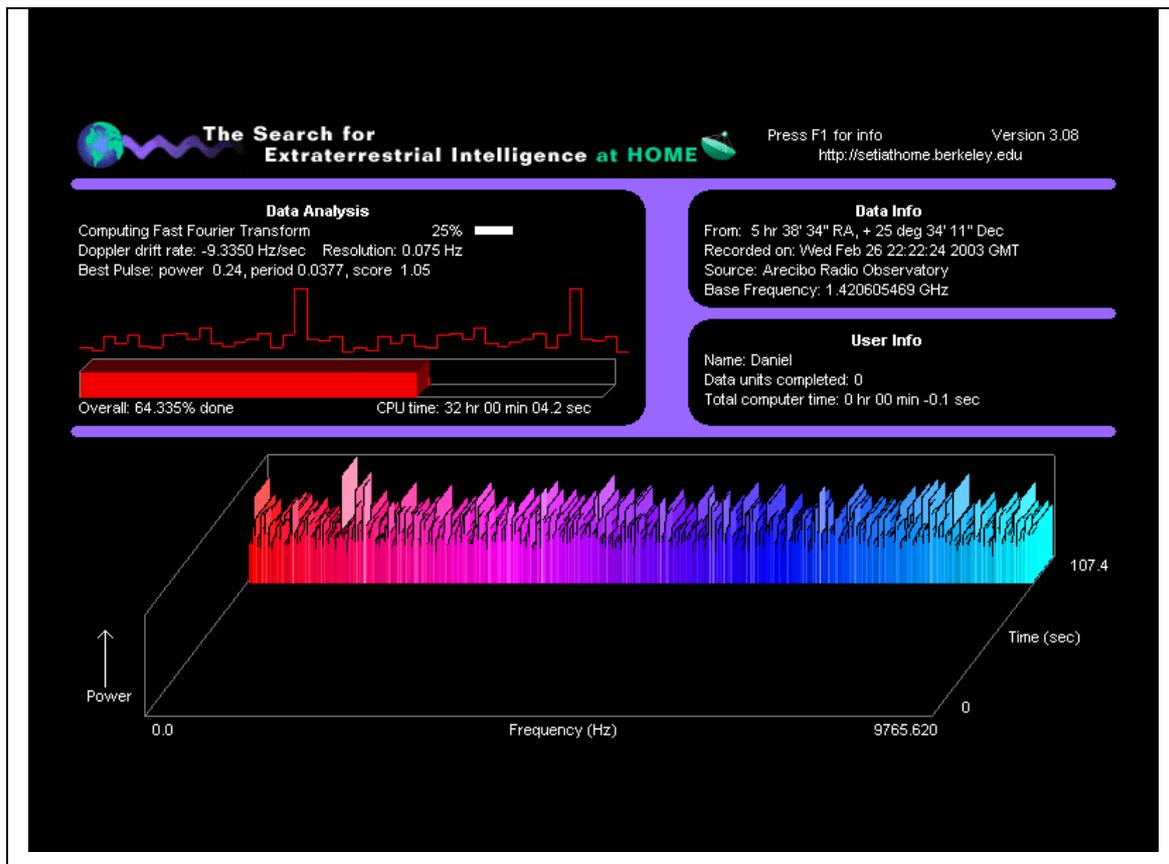
Entrando nos anos 90, é indispensável deixar documentado o projeto intitulado HRMS (*High Resolution Microwave Survey* - Pesquisa de Microondas de Alta Resolução), que fazendo parte da agenda de comemoração dos 500 anos do descobrimento da América, é desenvolvido sob os auspícios da NASA; além do chamado SETI@Home (*Search for Extraterrestrial Intelligence at Home*), cujo nome expressaria a idéia de uma Busca em casa por Inteligência Extraterrestre.

Chefiado pela Universidade da Califórnia, a idéia do *SETI at home*, se diferencia dos demais projetos SETI aqui lembrados basicamente por permitir que qualquer pessoa disposta a ajudar na decodificação da imensa quantidade de informações coletadas no espaço assim o faça, bastando para isso que conecte seu computador caseiro ao *site* do projeto, copiando para seu micro o *software* desenvolvido para tal fim.

Feito isso, toda vez que o computador se conecta a *internet*, o tal *software* acessa o Radiotelescópio de Arecibo – o maior do mundo, situado em Porto Rico -, que disponibiliza um “pacote” de informações colhidas no espaço, informações essas constituídas de ondas eletromagnéticas situadas na “frequência mágica”. Enquanto o computador estiver ligado, o programa se incumbem de procurar entre aquela imensidade de ruídos coletados, padrões que possam indicar a presença de mensagens propositalmente construídas, codificadas em ondas de rádio, e enviadas ao espaço por civilizações de outras partes do Universo.

Terminada a decodificação, o computador se conecta novamente ao Radiotelescópio de Arecibo, entrega pronta a tarefa que lhe foi designada, e recebe um outro “pacote” de informações a serem analisadas, recomeçando o processo.

Abaixo, podemos ver a interface gráfica do *software* do *SETI at Home*, hoje presente em nada menos do que em 4,7 milhões de computadores caseiros espalhados por todo o planeta, um número que em muito supera a modesta projeção inicial, que estimava em 100 mil o número dos cooperadores do projeto.



Vale acrescentar que, junto a esses projetos, cujo intuito principal era o de “escutar”, “receber” as mensagens que possivelmente estariam nos sendo enviadas por civilizações extraterrestres, outra experiência de CETI, ainda dentro dessa perspectiva da Radioastronomia, merece destaque. Refiro-me às tentativas de se “enviar” mensagens às supostas civilizações extraterrenas. Ora, se tecnologicamente pelo menos tão avançadas quanto nós, essas civilizações poderiam também estar rastreando o espaço em busca de indícios que denunciasses a presença de outros seres inteligentes no cosmo. Com base nesse raciocínio, a tecnologia utilizada para rastrear o espaço em busca de sinais enviados por seres extraterrenos, também foi, ao longo da história da Exobiologia, utilizada para enviar mensagens aos alienígenas. Esse foi o caso da instalação, em 1974, de um transmissor de ondas no Radiotelescópio de Arecibo.

Na inauguração do equipamento, como não poderia deixar de ser, um sinal de rádio contendo uma mensagem foi enviado em direção à constelação de Hércules, a 25.000 anos-luz da Terra. Nele estavam contidas informações como os números atômicos de elementos

como o Hidrogênio, o Carbono e o Oxigênio, a composição do DNA, uma representação do ser humano, uma estimativa da população humana da Terra, e um esquema do sistema solar com destaque para o terceiro planeta.

Ao nos colocarmos diante desses e de inúmeros outros Projetos SETI - tanto “passivos” quanto “ativos” -, impossível não pensar nas possibilidades que se abrem na direção de uma reflexão sobre a dinâmica pela qual se constrói, por um determinado grupo, num determinado momento da História, uma representação referente à própria Humanidade. Ora, ao nos apresentarmos a alguém, antes de caracterizar o que *realmente* somos, recorremos a representações, ou seja àquilo que supomos ser. Do mesmo modo, diga-se de passagem, não nos comunicamos – ou tentamos nos comunicar – com os extraterrenos tal como eles *realmente* são, e sim com as imagens que deles temos em nosso imaginário. Tenho pretensão em fazer isso numa outra ocasião. Por ora, entretanto, interessa-nos mostrar que mesmo com todo o desenvolvimento teórico do pensamento exobiológico, com toda a fundamentação filosófica do não protagonismo humano na Criação, somado às percepções darwinistas do funcionamento da Evolução, e da relativa facilidade com que se formam sistemas planetários pelo Universo; enfim, mesmo com toda a diversidade de sistemáticas e ininterruptas tentativas de SETI e CETI, persiste um “grande silêncio” por parte de nossos pares alienígenas.

A paradoxal idéia foi pioneira e habilmente colocada ainda em meados dos anos de 1950, pelo físico italiano Enrico Fermi: “Se parece altamente provável a evolução de seres inteligentes extraterrestres, então, onde eles estão? Por que não respondem às nossas tentativas de contato?”.

Nas últimas décadas do século XX, a frustração das milhares de horas de pesquisa rádio-telescópica cobrava seu preço à credibilidade da Exobiologia. Já fazia-se então presente a contestação das pesquisas SETI e o questionamento dos postulados exobiológicos. Esses eram, doravante, poderosos indícios da falência da suposta Racionalidade conquistada pela Exobiologia, agora cada vez mais acusada de ter cometido um pecado mortal: ter se deixado cair nas malhas do pensamento *mágico-mítico-religioso*, ou mesmo da ficção científica, ou ainda, e pior que isso, de nunca ter abandonado tais campos de raciocínio.

De fato, o chamado Paradoxo de Fermi gerou um variado leque de respostas, sendo que algumas das quais alimentavam carinhosamente as acusações direcionadas ao pensamento exobiológico, cada vez mais próximo de uma condenação final.

Não obstante, outras hipóteses tentavam, com certa aceitação, explicar a falta de sucesso nas tentativas de SETI e de CETI: exemplos disso eram as teses de que os extraterrenos ainda não teriam tido tempo de nos encontrar. Ora, a solução encontrada insistia na idéia de que a vida é um fenômeno comum, mas acrescentava como adendo a possibilidade de nossos pares cósmicos serem bactérias, microorganismos e vírus, seres incapazes, portanto, de estabelecer qualquer tipo de comunicação. Em uma palavra, seríamos nós os seres mais evoluídos do universo!

Foi assim que, pouco a pouco, coexistindo com os projetos SETI de rádio-recepção, e se aproveitando dos avanços conquistados pela Astronomia, mudava-se a estratégia de se procurar aliens; isso passava a ser feito com a utilização de novas tecnologias, que não raramente envolviam um moderno equipamento chamado “Espectroscópio”.

Esse aparelho mostra-se capaz de decompor a luz advinda do planeta observado numa espécie de prisma. Isso permitia, a partir da medição e análise dessa luz, perceber qual a composição atmosférica do planeta em questão, e conseqüentemente, a procura de elementos que supostamente indicariam a presença de vida na superfície, já que produzidos unicamente pelas reações químicas necessárias à manutenção do equilíbrio vital, como o Ozônio, no caso da fotossíntese, e o Metano, no caso da digestão.

É nesse sentido que, atualmente, as atenções da Exobiologia se voltam para alguns dos corpos do nosso sistema solar, acreditando, de acordo com essas recentes pesquisas, na possibilidade de existência de formas de vida, nas nuvens de Júpiter, ou em seu satélite natural Europa, em Urano, em Trítion ou mesmo Titã, respectivamente luas de Netuno e Saturno.

É assim possível dizer que se num primeiro momento a Exobiologia se baseava na expectativa de encontrar seres que teriam alcançado um desenvolvimento tecnológico tão avançado quanto o nosso, hoje ela reafirma como possibilidade a tese de que somos nós os seres mais evoluídos do Universo, o que não é de se estranhar se tivermos em mente de onde parte essa hipótese: de uma sociedade acostumada a ter a si mesma como um ícone do progresso, uma sociedade que vê a si mesma como referência de evolução, e que nessa

condição, desqualifica num pejorativo deboche qualquer sistema simbólico que se constitua de categorias diferentes das elaboradas por um encadeamento metódico e cientificista; em uma palavra: uma sociedade que reduz todo e qualquer sistema de pensamento por ela situado dentro de uma chave *mágico-mítico-religiosa*, pelo nietszcheano “Deus está morto”.

## CONSTRUINDO UMA CONCLUSÃO

Chegara com cerca de uma hora de antecedência para aquele Congresso Ufológico<sup>14</sup>.

Enquanto esperava a abertura do evento - que se daria com uma Homenagem aos “pioneiros da Ufologia no Brasil” - fiquei (discretamente) ouvindo as conversas dos grupelhos de participantes que se formavam no *hall* do Centro de Convenções; todas, invariavelmente, falando de experiências, digamos, “pouco convencionais”.

Estava atento a essa minha “missão etnográfica”, pensando no semelhante (sic) assombro que devia ter sentido Malinowski quando de sua chegada numa das ilhas *Trobriand*, quando me chamou atenção a surpresa com que uma mulher abordava um rapaz de óculos, magro. Dizia ela:

- *É você o fulano de tal? (E disse o suposto nome do sujeito).*

- *Sou.*

- *Aquele?! O das viagens astrais?!*

- *Isto...*

A conversa prosseguia com o “viajante” contando para a mulher sua última experiência, na qual alguns alienígenas, oriundos de uma constelação que não me recordo, o tinham incumbido de entrar no Rio Tamandateí<sup>15</sup>, pegar uma amostra de água e levá-la, numa viagem astral, para o espaço, afim de que “eles” pudessem fazer uma pesquisa, cujo propósito não era outro senão comprovar os perigos de se poluir o meio ambiente.

\* \* \*

Após a cerimônia de abertura do Congresso, e depois de assistir atentamente a primeira palestra - sobre “a veracidade do Santo Sudário” -, teve início a esperada (segundo

---

<sup>14</sup> Curitiba, de 25 a 28 de fevereiro de 2006.

<sup>15</sup> Córrego muito poluído da cidade de São Paulo.

me indicavam as conversas que ouvi no *hall*) exposição intitulada “Hierarquias interplanetárias do Sétimo Reino”, que se iniciou com a seguinte saudação do palestrante:

*- Boa tarde senhoras, senhores e demais seres extra e intraterrestres que estão entre nós...”*

Não sem conseguir conter um esboço de riso, pude perceber que o expositor fazia referência a alguns amigos seus, que segundo ele, *se encontravam presentes na platéia*. Ele prosseguia citando *um sujeito muito alto* (sua altura o fazia tocar o teto), cuja presença o deixava de *pernas bambas, tamanha a satisfação e emoção em encontrar ser tão ilustre e importante*.

A exposição, que trataria das relações gerais entre os seres habitantes do cosmos (alguns dos quais frequentemente visitavam o palestrante), prosseguiu com uma rápida digressão, onde o palestrante nos falava um pouco de sua história de vida e trajetória intelectual:

*- Desde criança, tive experiências com viagens astrais, fora do corpo. Por meio delas é que fui conhecendo, ao longo de minha vida, várias entidades cósmicas, muitas das quais já passaram em algum momento pela Terra, sendo também vossas conhecidas...*

Prosseguia o relato:

*- Me envolvi com Umbanda, depois com a Quimbanda; estudei muito o espiritismo kardecista, e, ultimamente tenho me dedicado à leitura de uma literatura esotérica mais geral.*

Por fim, o místico entrou efetivamente na palestra com a seguinte frase:

*- Mas foi com a “Umbanda esotérica”, que tive algumas de minhas experiências mais interessantes...*

Sobre essa experiência, contou que ao fazer contato com uma entidade, durante uma sessão da tal “Umbanda esotérica”, perguntou-lhe quem era. Ela, então, teria respondido:

*- Ói, meu fio, eu não sou nem preto, nem véio... Meu nome eu num vô falá não, mas meu título é Comandante - ao que se seguiu um óóóóóh da platéia. Entenderemos essa manifestação de surpresa mais adiante, quando tratarmos mais pormenorizadamente da entidade a qual o expositor fazia alusão.*

A palestra prosseguiu apresentando a idéia de que a Ufologia, após ter desenvolvido com sucesso técnicas de análise de fotos, metodologias de pesquisa em campo, e um arsenal teórico de estudos psicológicos das “vítimas” de abdução, deveria avançar no estudo da área que denominou por “Ufologia psíquica”, desenvolvendo formas de contactar, pela mente, os seres que nos visitam. A exposição por fim se concluiu com o místico mostrando quais seriam, para ele, as reais vantagens de se contactar, como ele mesmo fazia, astralmente os ETs.

*- Os extraterrestres possuem um espírito e um caráter muito mais desenvolvidos que o nosso, e nessa condição, podem ensinar como devemos proceder para nos tornarmos totalmente independentes da esfera física, ao ponto mesmo de dispensarmos, inclusive, a necessidade de nos alimentar - segundo me disseram, é possível captarmos energia diretamente do cosmos. De fato, meus amigos, chegando nesse ponto, estaríamos num nível evolutivo tal que seria totalmente desnecessário reencarnarmos novamente.*

Terminada essa primeira exposição, o Congresso continuou com mais três dias de palestras: “Amasofia”, “Arquivo Akáshico”, “Hipnose em abduzidos”, os “perigos da superonda galáctica”, o “vegetarianismo e a alimentação consciente”, os “reinos subterrâneos”, a “previsão de acontecimentos futuros”...

\* \* \*

Lévi-Strauss, num texto de 1962 intitulado *O pensamento selvagem*, afirma, referindo-se às formas pelas quais sociedades ditas “Totêmicas” explicam suas cosmologias relativas aos seus diversos totens e às relações entre eles instituídas:

“...essas sobras e pedaços assumem esse caráter apenas aos olhos da história que os produziu e não do ponto de vista da lógica a que servem. É somente em relação ao conteúdo que podem ser chamados heteróclitos, pois, no que concerne à forma, existe entre eles uma analogia que o exemplo do *bricolage* permitiu definir” (Lévi-Strauss, 2002, 51).

Permita-me o leitor explicar em que consiste a idéia do *bricolage*, a partir da qual a noção de que as cosmologias totêmicas se consistem de “sobras e pedaços” ficará mais clara.

Segundo as palavras do próprio Lévi-Strauss, o *bricoleur*, ou seja, aquele que faz o *bricolage*,

“está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os ‘meios limites’, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores. O conjunto de meios do *bricoleur* não é, portanto, definível por um projeto (...); ele se define apenas por sua instrumentalidade e, para empregar a própria linguagem do *bricoleur*, porque os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que ‘isso sempre pode servir’” (*idem, ibidem*, 32-33).

Ora, para Lévi-Strauss é exatamente a esse mesmo princípio que obedece uma cosmologia totêmica; como um artesão que parte de cacos, retalhos e fragmentos de antigas obras para manufaturar uma peça nova, também uma sociedade, no processo de construção de seu imaginário, recupera elementos presentes na natureza a sua volta, bem como nas próprias imagens elaboradas em sua cosmologia num momento anterior. Como resultado, teríamos, num caso, a recombinação de matérias-primas, sempre repetidas, numa nova obra construída pelo artesão, e no outro, a articulação dos mesmos signos, numa nova imagem.

A idéia é recolocada por Lévi-Strauss a partir de um exemplo mais didático, o do jogo de cartas. Vejamo-lo:

“Primeiro, o homem é semelhante ao jogador que, quando se senta à mesa, toma na mão cartas que não inventou (...) Em segundo lugar, cada repetição das cartas resulta de uma distribuição contingente entre os jogadores e se faz sem que eles percebam (...) E se sabe muito bem que com a mesma mão jogadores diferentes não farão a mesma partida, se bem que não possam, coagidos também pelas regras, jogar qualquer partida com qualquer mão (*idem, ibidem*, 111-112).

Com efeito, as cartas, aqui, aparecem no lugar dos cacos e demais matérias primas utilizadas pelo *bricoleur* na construção do seu *bricolage*, ou seja, como imagem dos elementos da natureza, ou de cosmologias anteriores, a serem transformados em representações totêmicas, míticas. Nesse sentido, nunca importa o que se imprime em cada carta, ou com o número de cartas que se joga; seja qual for a quantidade de cartas, ou a impressão nelas presentes, a combinação a ser estabelecida entre elas, que resultará na partida, coloca-se fixa e previamente colocada pelas regras do jogo, não podendo ser alteradas.

A tese central do estruturalista francês, então, se traduzirá na noção de que também os totens e os mitos se configuram como partidas de jogos de baralho: distintas de mão a mão, porém, sempre resultado de uma forma única de se combinar as cartas. No caso do totemismo, bem como dos demais mitos, distintos de sociedade a sociedade, o que se teria,

igualmente, seriam diferentes configurações de diferentes cartas, ou melhor, de imagens da natureza, mas que sempre seriam redutíveis a um mesmo princípio lógico, às mesmas regras, por assim dizer.

Entretantes, é indo um pouco além dessas primeiras colocações o que torna o trabalho de Lévi-Strauss ainda mais interessante. Com efeito, o que se especula a partir daí é nada mais senão o princípio, a lógica a partir da qual se estruturam as formas pelas quais as sociedades organizam essas relações entre os seres que compõem a cosmologia totêmica, ou seja, as “regras do jogo”.

Pensando primeiramente nas sociedades totêmicas, portanto, afirma o antropólogo francês:

“O princípio lógico é o de sempre *poder opor* termos (...) Dito de outra forma, os sistemas de denominação e classificação comumente chamados totêmicos retiram seu valor operatório de seu caráter formal, são códigos aptos a veicular mensagens transponíveis nos termos de outros códigos e a exprimir em seu próprio sistema as mensagens recebidas pelo canal de códigos diferentes” (*idem, ibidem*, 91-93).

Para nós, duas importantes questões advém dessa citação. A primeira delas coloca que nas tais sociedades totêmicas, como demonstram as etnografias, a forma como se identifica um clã se fundamenta sempre e inexoravelmente na construção de uma alteridade em relação a um outro clã, oposto, embora complementar, uma vez que pertencente ao mesmo universo social. Com efeito, tudo o que se coloca pelo mundo a essas sociedades é catalogado em função desse princípio lógico de “sempre poder opor”, onde uma coisa é entendida sempre em associação a um clã, e por conseguinte, em oposição ao outro.

Assim se apresentam a divisão do trabalho, os tabus alimentares, os totens, a geografia, as estações do ano, os fenômenos morfo-climáticos, as regras de casamento (cf. Lévi-Strauss, 2002). Nesse sentido, e aqui se apresenta a segunda das questões a que me referi a pouco, esse princípio lógico de organizar a cosmologia totêmica opondo os termos que a constituem se manifestaria também na forma pela qual as próprias relações sociais entre os homens ali se organizam.

Dessa maneira, colocaria o estruturalista apoiando-se numa infinidade de exemplos etnográficos, faz-se possível afirmar que os animais, plantas, fenômenos naturais, e demais elementos geo e morfo-climáticos são utilizados pelas sociedades totêmicas como uma espécie de linguagem alegórica, que reflete no imaginário as regras a partir das quais se regulam as formas de sociabilidade nela operantes.

Essa afirmação assim aparece nas palavras do antropólogo francês:

“as noções e crenças de tipo ‘totêmico’ merecem atenção sobretudo porque constituem para as sociedades que as elaboraram ou adotaram códigos que permitem, sob a forma de sistemas conceituais, assegurar a convertibilidade das mensagens aferentes a cada nível (...), ou seja, relações que os homens mantêm entre si...” (*idem, ibidem*, 107).

É nesse ponto que a teoria levistraussiana, dando um salto, apresenta sua tese mais interessante: a possibilidade tomar esses mecanismo lógico de organização do mundo e do pensamento como algo transcendente às sociedades totêmicas; algo, aliás, inerente e imanente ao Espírito Humano, e portanto, presente em todas as sociedades, em todas as formas sociais de se perceber e organizar a realidade.

Para demonstrar sua hipótese, Lévi-Strauss se disporá a observar o conhecimento prático desenvolvido naquelas sociedades tidas como “primitivas”, sociedades comumente lembradas por sua proximidade com a natureza, por seu exato conhecimento no que a ela tange, enfim, pela extrema familiaridade que possuem com o meio biológico.

Lévi-Strauss ilustra essa questão citando um fragmento do diário de viagem de Conklin referente aos indígenas norte-americanos chamados *tewa*, fragmento que tomo a liberdade de reproduzir abaixo:

A 0600 e sob uma chuva fina, Langba e eu deixamos Parina em direção a Binli... Em Arasaas, Langba pediu-me para cortar várias tiras de 10 por 50 cm da casca da árvore em *anapla kilala* (*Albizzia procera* (Roxb.) Benth.), afim de nos proteger das sangue-sugas. Esfregando com a face interna da casca nossos tornozelos e pernas já molhados pela vegetação gotejante de chuva,

produzia-se uma espuma rosa que era um ótimo repelente. Na trilha perto de Aypud, Langba parou de repente, enfiou agilmente seu bastão na beira do caminho e arrancou uma erva pequena, *tawag kûgun buladlad* (*Buchnera urticifolia* R. Br.), que, disse-me ele, serviria de isca... em uma armadilha para javalis. Alguns instantes mais tarde, e nós andávamos depressa, fez uma parada semelhante para arrancar uma pequena orquídea terrestre (difícil de perceber sob a vegetação que a encobria) chamada *liyamliyam* (*Epipogum roseum* (D. Do.) Lindl.), planta usada para combater magicamente os insetos parasitas das culturas. Em Binli, Langba teve cuidado para não danificar sua coleta, remexendo dentro de sua sacola de palmas trançadas para encontrar *apug*, cal extinta, e *tabaku* (*Micotiana tabacum* L.), que queria oferecer às pessoas de Binli em troca de outros ingredientes para mascar. Depois de uma discussão sobre os respectivos méritos das variedades locais de bétele-pimenta (*Piper betel* L.), Langba obteve permissão para cortar mudas de batata doce (*Ipomoea batatas* (L.) Poir.) pertencentes a duas formas vegetais diferentes e distintas como *kamuti inaswang* e *kamuti lupaw*... E, no canteiro de *camote* cortamos 25 mudas (com cerca de 75 cm de comprimento) de cada variedade, retiradas da extremidade da haste e as embrulhamos cuidadosamente nas grandes folhas frescas do *saging saba* cultivado (*Musa sapientum compressa* (Blco.) Teodoro) para que conservassem sua unidade até chegarmos à casa de Langba. No caminho, mascamos hastes de *tubu minama*, espécie de cana de açúcar (*Saccharum officinarum* L.), detivemo-nos uma vez para colher algumas *bunga*, sementes de arecas caídas, (*Areca catechu* L.) e uma outra vez para colher e comer as frutas, semelhantes a cerejas selvagens, de algumas moitas de *bugnay* (*Antidesma brunius* (L.) Spreng.). Alcançamos Mararin por volta do meio da tarde e, ao longo de nossa caminhada, a maior parte do tempo foi gasta em discussões sobre as mudanças na vegetação no decorrer das últimas dezenas de anos (Conklin *apud idem, ibidem*, 21-22).

Esse saber é também por Lévi-Strauss exemplificado recorrendo-se, além de tantos outros, ao caso dos povos siberianos. Diz ele, ainda em *O pensamento selvagem*, que entre esses povos, aranhas e vermes brancos são engolidos com o intuito de curar a esterilidade; a gordura de escaravelho negro é utilizada como remédio para hidrofobia; barata esmigalhada e fel de galinha são usados em casos de abscessos e hérnia; vermes vermelhos macerado para reumatismo; bico de picanço contra dor de dentes..., e a lista segue assim, indefinidamente.

O que nos interessa aqui, de fato, é observar que para Lévi-Strauss, assim como acontece no caso do Totemismo, esse conhecimento elaborado pelos povos “primitivos”, essa ciência indígena da natureza, deve ser entendido a partir de uma outra *função* que não apenas a de um sistema tecnológico com vistas a uma finalidade específica.

Se assim o fosse, diz o estruturalista, de passagem, a atenção desses “teóricos”, o cuidado, a engenhosidade e a atenção ao detalhe deveriam se restringir exclusivamente àqueles elementos que de alguma forma indicassem para algum tipo de utilidade. No entanto, diria, Lévi-Strauss, não é isso o que geralmente acontece.

Os estudos do americano Frank Speck, por exemplo, após ter destacado a riqueza e a precisão dos conhecimentos zoológicos e botânicos dos índios do nordeste dos Estados Unidos e do Canadá mostram que

“Isso se poderia esperar no que se refere aos hábitos de caça grossa, de onde provém a alimentação e a matéria-prima da indústria indígena (...) Mas, quando apreciamos na justa medida o cuidado que os índios têm em observar e sistematizar os fatos científicos relacionados com as formas inferiores da vida animal, podemos demonstrar alguma surpresa. Toda classe de répteis... não oferece nenhum interesse econômico para esses índios; eles não consomem a carne das serpentes nem dos batráquios e não usam parte alguma de sua carcaça...” (Speck *apud idem, ibidem*, 23).

E contudo acrescenta Lévi-Strauss,

“os índios do nordeste elaboraram uma verdadeira herpetologia, com termos diferentes para cada gênero de répteis e outros reservados para as espécies ou variedades” (*idem, ibidem, 23*).

A pergunta que então se coloca é: “Por que?”, “Por que a elaboração tão minuciosa de um conhecimento, tanto investimento intelectual no desenvolvimento de uma catalogação tão exaustiva, se não existe uma aplicação direta, de ordem prática, por assim dizer, para esse conhecimento?”.

Com efeito, Lévi-Strauss acredita que

“um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente não pode ser função apenas de sua utilidade prática” (*idem, ibidem, 23*).

Esse conhecimento “antes, corresponde a exigências intelectuais” (*idem, ibidem, 24*); primeiro se classificam as coisas do mundo, agrupando-as em conjuntos que, por um princípio lógico comum, situam-se como contrastes um do outro. Só posteriormente, é que se vê a utilidade prática a ser atribuída a cada coisa.

Dessa maneira, o que realmente importa é que

“a verdadeira questão não é saber se o contato de um bico de picanço cura as dores de dente mas se é possível, de um determinado ponto de vista, fazer ‘irem juntos’ o bico do picanço e o dente do homem, e, através desses agrupamentos de coisas e de seres, introduzir um princípio de ordem no universo” (*idem, ibidem, 24*).

Para o teórico estruturalista, o que se tem, então é a possibilidade de observação do chamado “pensamento selvagem” um pensamento que não se refere, de modo algum ao

“pensamento dos selvagens nem o de uma humanidade primitiva e arcaica mas o pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado com vistas a obter um rendimento” (*idem, ibidem, 245*).

O que aqui nos interessa, dito de outro modo, é a forma pela qual o Espírito humano apreende a realidade, o mecanismo pelo qual o mundo torna-se inteligível, compreensível para o Homem.

Esse processo, em suma, consistiria em, repito, agrupar as coisas existentes - estejam elas no plano físico e concreto do ambiente, no das relações humanas, ou ainda na cosmologia - em pólos opostos, onde a identidade de um só se constitui em contraste ao seu homólogo do grupo oposto.

É assim, para terminarmos com um exemplo de nós mais próximo, que corriqueiramente, sem perceber, organizamos nossa própria linguagem e as coisas às quais ela se refere. Com efeito, impossível seria explicar o que seria o “quente” se não utilizando-se da idéia de “frio”. Ou ter idéia do que seria “direita”, sem apelar para a perspectiva da “esquerda”. Entender o “certo”, sem a referência do “errado” O “sagrado” sem o “profano”. A “cultura” sem o contraste da “natureza”.

Lévi-Strauss diria, em suma, que a instituição dos contrastes é a estrutura básica de qualquer sistema de pensamento. O que a partir daí se coloca, é a percepção de que quaisquer elementos a serem eventualmente anexados no sistema, assim o serão obedecendo a mesma lógica de contrastes, ou seja, aglutinados neste ou naquele pólo.

Para ele,

“a partir da oposição binária, que oferece o mais simples exemplo que se pode conceber de um sistema, [uma] construção é feita por agregação a cada a cada um dos dois pólos de novos termos, escolhidos por manterem com ele relações de oposição, correlação ou de analogia...” (*idem, ibidem*, 183).

Chegando nesse ponto, estaria o leitor se perguntando: O que isso tem a ver com a questão dos ETs?

Respondo eu: ora, não poderíamos também perceber essas oposições binárias do quente e frio, de direita e esquerda, do certo e errado, de sagrado e profano, e enfim, de cultura e natureza em meio às discontinuidades apresentadas pelos discursos universos

discursivos aqui estudados, quais sejam, o Neo-esoterismo, a Ufologia Científica, a Ufologia Mística e, por fim, a Exobiologia?

Ora, num primeiro momento, quando enfim se completou a percepção dos antagonismos existentes entre a Ufologia Científica e a Ufologia Mística, supus a percepção de uma espécie de graduando, um *continuum* entre essas duas diferentes formas de se significar o mundo, ou antes, entre as formas de pensamento que se associariam aos eixos que chamei de *mágico-mítico-religioso* e de *Lógico-Científico-Racional*. Em suma, algo que expus com a seguinte imagem:

“Neo-esoterismo - Ufologia Mística - Ufologia Científica - Ciências Formais (Exobiologia)”.

Entretanto, a despeito da dinâmica que se cria entre cada um desses termos, onde cada qual se utiliza da desqualificação daquilo que se coloca no pólo esquerdo, como forma de se legitimar junto ao pólo oposto, podemos perceber como cada um desses universos acaba por se apresentar como “diferentes mãos de um mesmo jogo de baralhos”, onde as cartas se articulam de forma diferente, é verdade, mas sempre de acordo com as mesmas regras, quais sejam, a lógica da oposição de elementos.

Dessa maneira, a lógica da oposição que, internamente a cada um deles, se dá entre o que é tido como pensamento *mágico-mítico-religioso* e *Lógico-Científico-Racional* acaba por se reproduzir entre eles, encadeando-os por assim dizer não num *continuum*, mas num *sistema*, onde cada um dos elementos constituintes não se colocaria mais lado a lado, mas numa espécie de círculo algo fechado, hermético.

Neo-esoterismo

Ufologia Científica

Ufologia Mística

Exobiologia

Com efeito, no caso do estudo presente, começamos por elaborar uma distinção entre os universos do Neo-esoterismo e da Ufologia Científica. Vimos como eles se constituíam a partir de uma articulação interna entre os ideais de pensamento *mágico-mítico-religioso* e *Lógico-Científico-Racional*, articulação essa que, diga-se de passagem, invertiam-se de caso a caso, tornando esses universos analíticos pertencentes a este ou aquele pólo. Era desse modo, pois, que ao considerar a Ciência e a Racionalidade Ocidental como insuficientes, a cosmologia neo-esotérica acabava por se condenar ao pólo do *mágico-mítico-religioso*, e vice-versa.

Num segundo momento, inserimos uma outra unidade analítica: a que chamamos Ufologia Mística. Esta utilizava-se em sua caracterização, mais uma vez, elementos oriundos de um e de outro pólo, e no entanto, a simples sobreposição de um ao outro, a atenção dada mais às mensagens e revelações dos aliens a despeito das tecnologias por eles empregadas na construção de suas naves, já bastou para sua colocar em evidência mais a Mística do que a Ufologia.

Por fim, mesmo que também se comportando como um pêndulo, ora buscando elementos na ficção e nas Ufologias - no informal e no “mítico”, portanto -, e ora se voltando para discussões de cunho mais técnico, a Exobiologia, talvez mais por oposição ao *mágico-mítico-religioso* que por filiação ao pólo oposto, consegue se manter como pertencente ao *Lógico-Científico-Racional*.

Dessa forma, acredito poder também aqui dizer que

“a potência lógica (...) permite integrar ao esquema classificatório domínios muito diferentes uns dos outros, assim oferecendo às classificações um meio de ultrapassar seus limites, (...) estendendo-se a domínios exteriores ao conjunto inicial (...), prolongando o andamento classificatório para além de seus limites naturais...” (*idem, ibidem*, 186).

Assim, o que temos nada mais é que um *sistema* edificado a partir de desdobramentos de uma espécie de oposição fundamental, que em última instância, recobria a dicotomia básica entre os pensamentos *mágico-mítico-religioso* e *Lógico-Científico-Racional*. Um *sistema* interessantemente materializado em cada Edição da

Revista UFO, mensalmente repleta de aspectos exobiológicos, neo-esotéricos e, por que não dizer, ufológicos, que, repito, formam ali um *todo*. Enfim, um *sistema* ritualisticamente colocado na estrutura dos congressos de ufologia, como pudemos ver no início desse capítulo final.

Agora, e com isso finalizo, restaria talvez entender o como se mantém estruturado um sistema de descontinuidades, cujas unidades constituintes nada mais são do que formas encontradas de se aproximar o que este sistema insiste em manter separado.

Com efeito, acredito que a chave para entender a dialética que aproxima esses pólos, ao mesmo tempo em que insiste em colocá-los como contrários e excludentes se apóia na concepção de “evolução”. Sim, pois essa simples categoria acaba por se promover a operador lógico a medida que se mostra como um elemento comum a todos os universos simbólicos aqui estudados, e simultaneamente, traz para si a responsabilidade de fazer com que o pêndulo de cada cosmologia se arrebente ao apontar para esse ou aquele lado, apontando para significações diferentes de caso a caso.

Na Ufologia Científica, por exemplo, o direcionamento se foca nas civilizações extraterrenas *tecnologicamente* mais “avançadas”. Na Ufologia Mística, a preocupação está nas mensagens reveladas por seres *espiritualmente* muito mais “desenvolvidos”, que nós, os terráqueos. A Exobiologia, por sua vez, nos fala que as formas assumidas pela vida fora do planeta Terra nada mais seriam que microorganismos e bactérias menos “evoluídas” que os seres humanos. O neo-esoterismo, finalmente, a “evolução” aparece como a prerrogativa e a faculdade última de qualquer ser presente no Universo.

Dessa maneira, no meu modo de ver, os imaginados microorganismos escondidos sob o mar congelado do satélite jupiteriano Europa, o apocalíptico planeta Hercólubus, o Comandante Ashtar Sheran, o famoso ET de Varginha (ou seriam vários os Aliens acidentados da cidade mineira?!), ou mesmo os neo-esôs estudados pelo antropólogo José Guilherme Magnani, compõem cosmologias que não só se organizam num sistema coerente em torno de uma imaginada ruptura entre formas de pensamento *mágico-mítico-religiosas* e *Lógico-Científico-Racionais*.

Mais do que isso, eles nos possibilitam ver que a noção de *Evolução* “ainda” aparece nas pouco tolerantes sociedades modernas como um mecanismo lógico em função do qual o “eu” “ainda” se distingue do “outro”.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA FILHO, Jayme Moraes. *Inteligência extraterrestre e evolução: As especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. *Jakobson a bordo da sonda espacial Voyager*. In: PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará Ed., 2002.

ATHAYDE, Reginaldo de. *Ets, santos e demônios na terra do sol: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro*. São Paulo, Mythos editora, 2000.

BARCELOS, Eduardo Dorneles. *História da pesquisa de vida e inteligência extraterrestre (1959 - 1990)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. *Telegramas para Marte: Os estudos de vida e inteligência Extraterrestres (1920 - 1959)*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vida Extraterrestre*. São Paulo, Editora Abril, 2003.

CATLING, Davis. *Planet Mars in popular culture*. Disponível em <http://humbabe.arc.nasa.gov?mgcm/fun/pop.htm>.

CAVE, Janet P. & FOREMAN, Laura. *O fenômeno OVNI* (coleção: Mistérios do desconhecido). Rio de Janeiro, Abril Livros, 1992.

COCCONI, Giuseppe & MORRISON, Philip. *Searching for interstellar communications*. Nature, vol. 184, 1959.

CROWE, Michael. *The extraterrestrial life debate 1750 - 1900*. New York, Cambridge University Press, 1986.

DÄNIKEN, Eric von. *Eram os deuses astronautas? - Enigmas indecifrados do passado*. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1975.

DICK Steven. *Plurality of worlds: The origins of extraterrestrial life debate from Democritus to Kant*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

DRAKE, Frank. *Intelligent life in space*. New York, The MacMillan Company, 1962.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martins Fontes Ed., 1999.

FALEIRO, Antônio Pedro da Silva. *Discos-voadores e seres extraterrestres no folclore brasileiro*. Campo Grande, Copyright solicitado, 1991.

FONTENELLE, Bernard de Bovier de. *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*. Campinas - SP, Editora da UNICAMP, 1993.

HYNEK, Allen. *Ufologia: uma pesquisa científica*. Rio de Janeiro, Editora Nórdica, sem data.

JUNG, Carl. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

KHUON, Ernst von (org.). *Vieram os deuses de outras estrelas?* São Paulo, Editora Melhoramentos, 1972.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos - Ensaio de Antropologia simétrica*. São Paulo, Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno & Woolgar, Steve. *Vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará Ed., 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introdução à Obra de Marcel Mauss*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, ano.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento Selvagem*. Campinas-S.P., Papyrus Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro Ed., 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, Livros Studio Nobel, 1999.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.

OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma História da Ficção Científica*. São Paulo, Lua Nova, 1987.

PAIVA, George O'Grady de. *Dicionário de Astronomia e Astronáutica*. Revista Continental Editorial, 1979.

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. São Paulo, Editora Cultrix, 1972.

RABOLÚ, V. M. *Hercólubus ou planeta vermelho*. Porto Alegre, Editora Rígel, 2005.

ROMERO, Alberto. *Verdades que incomodam: a realidade de fatos que o ser humano não quer enxergar*. São Paulo, Mythos editora, 1999.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo, Companhia das letras, 1998.

SAGAN, Carl & DRAKE, Frank. *The search for extraterrestrial intelligence*. Scientific American, vol.232, 1975.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1981.

\_\_\_\_\_. *Ilhas de História*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.

TICCHETTI, Thiago, L. *Quedas de UFOs: narrativas de casos reais*. São Paulo, Mythos editora, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

WARD, Peter & BROWNLEE. *Sós no Universo? Por que a vida inteligente é improvável fora do planeta Terra*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2000.

Revista UFO - Edições: 1 (março de 1988) à 110 (maio de 2005).

**Sites consultados:**

[www.ufogenesis.com.br](http://www.ufogenesis.com.br)

[www.ufo.com.br](http://www.ufo.com.br)

[www.cbpdv.com.br](http://www.cbpdv.com.br)

[www.fundacionvmrabolu.org](http://www.fundacionvmrabolu.org)

[www.angelfire.com](http://www.angelfire.com)

[www.astrobiology.com](http://www.astrobiology.com)

[www.setiathome.ssl.berkeley.edu](http://www.setiathome.ssl.berkeley.edu)